



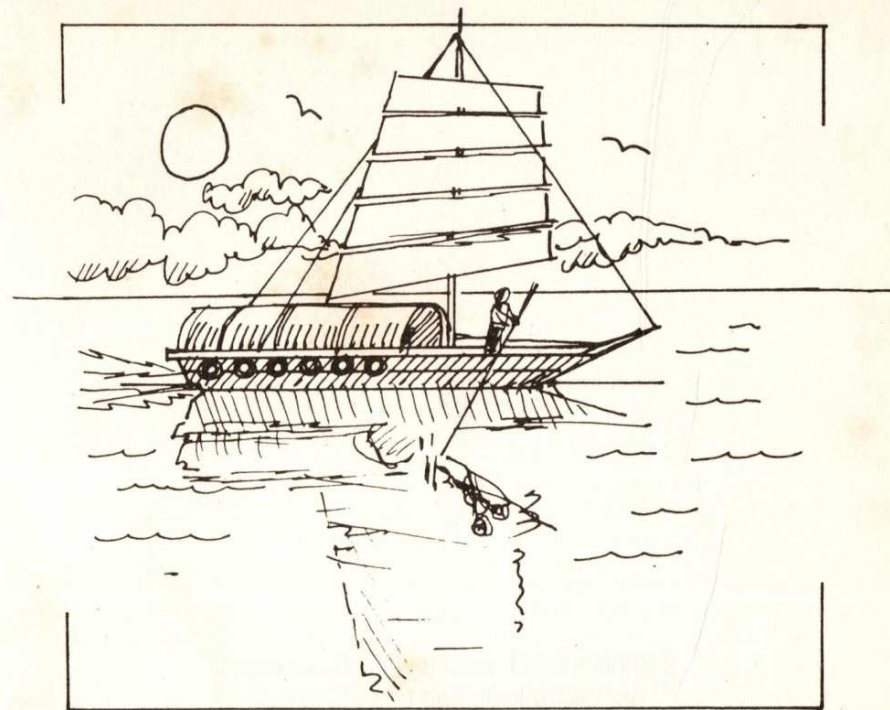
VOZES DA OUTRA MARGEM

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
HÉRCIO MARCOS C. ARANTES - ESPÍRITOS DIVERSOS**



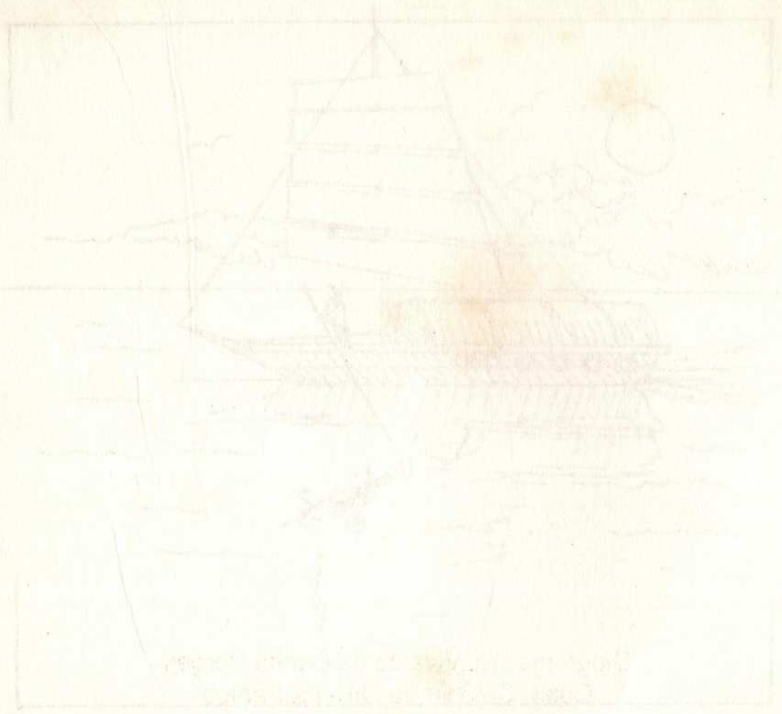
**VOZES
DA OUTRA MARGEM**

FRANCISCO CARLOS XAVIER
NASCIMENTO XAVIER, FRANCISCO CARLOS



VOZES DA OUTRA MARGEM

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
HÉRCIO MARCOS C. ARANTES - ESPÍRITOS DIVERSOS



Diagramação: Vivaldo da Cunha Borges
Capa: Cláudio de Oliveira Santos

1a. edição – 1987 – 15.000 exemplares



INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123 - Caixa Postal 110
Fone: (0195) 41-2388 - CEP 13.600 - Araras
Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43
Inscrição Estadual 182.010.405

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Xavier, Francisco Cândido, 1910-

X19v Vozes da Outra Margem / Francisco Cândido Xavier, Espíritos Diversos, Hércio Marcos Cintra Arantes. Prefácio de Emmanuel. Araras, SP, 1a. edição, IDE, 1987.

176 p.: 21 il.

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos Diversos. II. Arantes, Hércio Marcos Cintra, 1937- III. Título.

CDD-133.9
-133.91
-133.901 3

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Psicografia: Cartas: Espiritismo 133.91
3. Vida depois da morte: Espiritismo 133.901 3

ÍNDICE

<i>Vozes da Outra Margem</i> , Emmanuel	13
1 - Doença curativa e a história da estrelinha Artur Francisco Koller (Porto Alegre, RS)	15
2 - Reconforto e paz em sonhos reais Casto Luiz Alves Barco (São José do Rio Preto, SP)	29
3 - Reflexos espirituais de um transplante de coração Roberto Igor Porto Silva (Porto Alegre, RS) ..	37
4 - Atividades de um psiquiatra no Além Dr. Luiz Antônio Biazzio (São Paulo, SP) ...	45
5 - "A moto foi apenas um <i>apelido</i> para a <i>terminação</i> ." Moacyr Porazza Júnior (São Paulo, SP)	61
6 - Em excursão aérea, preparando-se para a desencarnação Amélia do Nascimento Vasques (Franca, SP)	77
7 - Irmão regressa curado e desfaz dúvidas Mauro Augusto Rocha (Goiânia, GO)	85

8 - "As leis de Deus se cumprem no regime de matemática que não conhecemos."	
Luís Roberto Haddad França (Franca, SP) . . .	91
9 - Carta surpresa	
Milton Higino de Oliveira (Uberaba, MG)	99
10 - Vítima da imprudência	
Marcos Emanuel Teixeira Santos	
(Arcoverde, PE)	103
11 - Diálogos Íntimos	
Marco Antônio da Silva (Rio de Janeiro, RJ) .	109
12 - Desencarnação imprevista, quase um sonho...	
Renato Fumagalli (Limeira, SP)	117
13 - Família sob assistência hospitalar	
Luiz César Piagneri (São Paulo, SP)	129
14 - Saudades em Dois Mundos	
Napoleão Pizzotti (São Paulo, SP)	133
15 - Fácil desencarnação, difícil libertação	
Selma Robles (São Paulo, SP)	137
16 - Médica em novos campos de aprendizagem	
Dra. Wânia Nunes Russo (São Paulo, SP) . . .	143
17 - Casa de Eurípedes no Mundo Maior	
Noêmia Natal Borges (Uberaba, MG)	151
18 - Nova Mensagem de Clovis Tavares	
Clovis Tavares (Campos, RJ)	159
<i>Temas de estudo doutrinário</i>	<i>171</i>

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1 - Uma das páginas psicografadas da carta de Artur F. Koller	16
2 - Artur Francisco Koller	18
3 - Casto Luiz Alves Barco	30
4 - Roberto Igor Porto Silva	38
5 - Dr. Luiz Antônio Biazio	44
6 - Desenhos premonitórios de Moacyr Porazza Júnior	60
7 - Moacyr Porazza Júnior	62
8 - Amélia do Nascimento Vasquez	78
9 - Mauro Augusto Rocha	84
10 - Luís Roberto Haddad França e seu irmão Paulo Fernando	92
11 - Milton Higino de Oliveira	100
12 - Marcos Emanuel Teixeira Santos	104
13 - Marcó Antônio da Silva	110

14 · Renato Fumagalli	118
15 - Luiz César Piagneri, esposa e filhos	130
16 - Napoleão Pizzotti	134
17 - Selma Robles	138
18 - Dra. Wânia Nunes Russo	144
19 - Eurípedes Barsanulfo	150
20 - Noêmia Natal Borges	152
21 - Clovis Tavares e Chico Xavier	160

VOZES DA OUTRA MARGEM

Amigo Leitor:

A antiguidade simbolizava no rio Acheronte a via de comunicação com os planos inferiores, ou melhor, o rio da morte que ninguém atravessava duas vezes.

Aqueles que lhe varassem as águas não mais voltavam para qualquer intercâmbio com as criaturas humanas.

*

Aqui temos, porém, neste livro, a certeza de que os desencarnados voltam ao convívio dos entes queridos que permanecem na Terra, atestando a evolução das idéias filosófico-religiosas no mundo de hoje.

*

Aqui, nestas páginas despretensiosas, apresentadas pelo nosso amigo Hércio Arantes, encontramos almas queridas e corações generosos que regressaram do Mais Além,

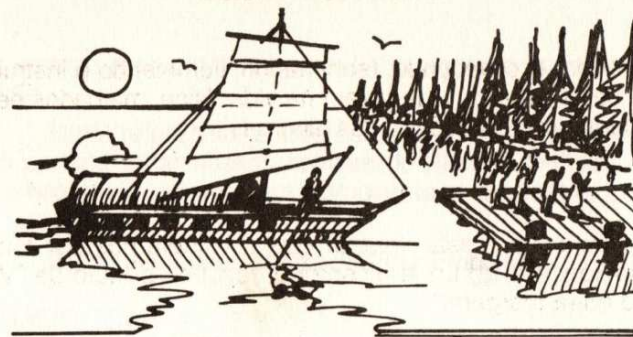
consolando, esclarecendo, reanimando, iluminando e instruindo os seres amados que jazem na vida física, marcados pelo sofrimento, sob o nevoeiro das lágrimas...

*

Eis porque este volume que consideramos por fonte de esperança e fé, luz e reconforto, recebeu o título de "Vozes da outra margem."

Emmanuel

Uberaba, 2 de Janeiro de 1987.



CAPÍTULO 1

DOENÇA CURATIVA E A HISTÓRIA DA ESTRELINHA

O garotinho Artur Francisco Koller, de Porto Alegre, caçula da família, retornou ao Mundo Espiritual muito cedo, com apenas três anos e três meses de idade, vitimado de câncer.

Mas, apenas cinco meses após, forte lenitivo e preciosas elucidações estavam reservadas aos progenitores em Uberaba, Minas, onde o próprio filho enviou suas notícias pela mediunidade de Chico Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece (GEP), a 28 de janeiro de 1983.

Na época do recebimento desta Carta, Artur já se revelava um jovem adulto, para surpresa de seus pais, escrevendo com desembaraço, expondo idéias com maturidade. Em tão pouco tempo havia crescido no Mais Além, como ocorre com espíritos mais evoluídos.

A Segunda Carta, psicografada em 17 de fevereiro de 1984, trouxe um esclarecimento valioso, respondendo às "indagações do silêncio e da dor" de seu pai, acerca de sua grave e precoce enfermidade que tinha raízes numa atitude infeliz praticada em existência anterior. A doença foi o remé-

dio amargo e providencial permitindo, agora, o gozo de plena saúde...

Uma referência à interessante *estória da estrelinha* não poderia faltar nessas notícias do Plano Espiritual, como veremos mais adiante, em comovente e explicativa página de sua mãe.

Eis as afetuosas cartas de Artur Francisco:

PRIMEIRA CARTA

Mamãe Terezinha, você veio de tão longe e estou sempre ao seu lado, sempre perto.

Nossas canções se transformaram em lágrimas nos seus olhos.

A saudade é uma fonte na terra da ausência e também, de minha parte, quero ouvir de novo as suas cantigas de ninar...

Se eu pudesse teria ficado, mas a família deste lado da vida me chamava de volta.

O avô Belarmino Clarindo me diz, enquanto escrevo, que vim aos seus braços apenas por alguns dias para marcar o sinal da saudade que é certeza de reencontro.

Mamãe Terezinha, não deixe o pai assim abatido como se encontra.

Tudo vai seguindo mas nós todos, corações daqui e os daí, precisamos de sua fortaleza.

Vejo a tia querida em sua companhia e lembro-me de nossos melhores momentos.

Eu não era seu filho de três anos e três meses. Sentia-me adulto, de malas prontas para o regresso; entretanto, somente seu coração de Mãe conseguia ver-me em meus estados de sede pela renovação. Mãe querida, o corpo era uma fantasia em que me ocultava, mas a sua bondade me reco-

qual é Mãe
Terezinha
pintinho
amarelo
tomou
a feição
da estrelinha
pequeninha

Uma das páginas psicografadas da Carta de Artur Francisco Koller, que diz: "(...) qual é. Mãezinha Terezinha, o pintinho amarelo tomou a feição da estrelinha pequenina"



A última foto do garoto Artur Francisco Koller, aos três anos de idade.

nheceu. Saiba por quê? Recorde a nossa história da estrela que liberou uma estrelinha em que ela se mirasse.

A estrelinha, porém, se transformou no pintinho louro e, quando as asas amarelas se desenvolveram, a fantasia não mais me coube, porque era a sua criança-estrelinha aquela em que você se via tal qual é. Mãezinha Terezinha, o pintinho amarelo tomou a feição da estrela pequenina novamente, mas quem diz que conseguirei voltar ao azul do céu sem a estrela que me deu a vida?

Tia Norma sabe disso; sabe que me puseram sobre o peito a cruz da saudade, na qual penso que Deus espera agora que nós vivamos juntos, até o dia em que nos seja possível dormir um sono de esperanças novas e acordar-nos longe, no firmamento.

Não chore com tristeza nem com aflição. Às vezes, viajando nas correntes da vida terrestre, encontro o perfume de muitas flores. As rosas falam de longe ao Mensageiro dos Céus e também imagino que continuo vivo porque recebo o aroma de suas preces e lembranças. Prossigo sob a condição de me nutrir em suas forças e isso me torna cativo e feliz.

Meu avô me afirma que Deus não nos criaria para separar-nos e quanto mais nos dói a separação aparente, mais juntos estaremos na união para sempre.

Mãezinha Terezinha, agradeço à tia Norma e trago-lhe flores – as flores que seu filho sempre quis lhe doar sem poder, porque as nossas flores são as de nossas próprias almas e ainda não tenho as suas riquezas de amor e ternura, transformadas nas bênçãos que recebo constantemente de seu carinho. Mas... estou crescendo e aprendendo a ser de Deus para ter os tesouros que anseio lhe dar.

Que esta noite fique inesquecível para a estrela grande que brilha para mim, porque em mim estas horas de eternidade viverão para todos os momentos de minha vida.

Querida mãezinha, nunca pensei que o papel fosse tão rico. Tão rico que consegue captar os meus sentimentos em forma de letras e oferecer-lhe aqui todo o coração no imenso carinho do seu filho pequenino que o seu amor transformou em companheiro adulto para pertencer-lhe, hoje tanto quanto ontem e amanhã tanto quanto para sempre,

Artur Francisco Koller.

Notas e Identificações

1 - *Mamãe Terezinha e papai Erny* – Terezinha Machado Koller e Erny Koller, seus pais, residentes em Porto Alegre, RS, à rua Prof. Carvalho de Freitas, 1106, Bairro Glória.

2 - *avô Belarmino Clarindo* – Belarmino Clarindo Machado, avô materno, desencarnado em 1967.

3 - *vejo a tia querida em sua companhia* – Norma Machado Zeni, tia materna, presente à reunião.

4 - *Eu não era seu filho de três anos e três meses. Sentia-me adulto, de malas prontas para o regresso; (...) o corpo era uma fantasia em que me ocultava* – “Artur era um menino inteligentíssimo. Surpreendia-nos com certas coisas. Quando fez um ano, falava quase tudo declarado e, ao completar dois anos, falava quase como adulto. Começou a aprender a ler sem ninguém o ensinar; ele juntava as letras e dizia o que estava escrito. Se lhe escrevêssemos tudo sobre ele, o senhor ficaria admirado.” (Trecho de carta de D. Terezinha.)

5 - *e também, de minha parte, quero ouvir de novo as suas cantigas de ninar... (...) Recorda a nossa história da estrela (...) o pintinho amarelo tomou a feição da estrela pequenina.* – Esses tópicos são bem esclarecidos pela D. Terezinha, em carta enviada a nós, datada de 30/5/86:

“(…) Meu filhinho Artur nasceu quando eu já estava

com 38 anos e meu esposo 43. Meus outros filhos já estavam moços, três meninas com 17, 18 e 19 anos, e um menino com 12. Como o senhor pode ver, Artur era o centro de nossas atenções e de nosso carinho, era a luz de nossa casa. Nós o chamávamos de “Pintinho Amarelo” pois ele era bem loirinho. Quanto à história da estrelinha tudo aconteceu assim:

Dia 23.7.82 ele amanheceu amarelo e indisposto. Conduzido ao pediatra, ele suspeitou de hepatite. Mas, com a piora progressiva do seu estado, fomos a uma Clínica Infantil, onde foram feitos vários exames. A seguir, o médico chamou meu marido em particular, e disse-lhe: “– Seu menino está com câncer no fígado e tem poucos dias de vida.”

Sáímos dali e fomos a outro hospital infantil, onde Artur seria internado. Meu esposo nada me disse dos exames, nem da conversa particular com o médico. Após a internação, deixou-nos no hospital para buscar roupas em casa, para mim e nosso filho. Mas antes de sair, perguntou-me: “– Queres alguma coisa?” Eu respondi-lhe: “– Deixa papel e lápis ou caneta aqui no criado-mudo.”

Ele saiu e fiquei com meu Pintinho Amarelo no colo, cantando prá ele, pois era o de que mais gostava. Veja o senhor como somos influenciados pelo Plano Espiritual. Estava eu cantando, mas de repente parei e comecei a escrever um verso. Eu jamais em minha vida escrevi versos e nem tenho cultura para isso. Ei-lo:

ESTRELA DE BELÉM

Lá no Céu tem uma estrela
que se chama Belém
Dentro dela mora o Anjo
que te deu prá mim, meu bem.

Há anjos tão lindos
que não podes imaginar
azul, verde e amarelo
branco, rosa e lilás.
Vá meu filho, meu anjinho
vá com eles lá morar
ficarei aqui na Terra
tua falta a lamentar,
mas eu sei que algum dia
eu vou te encontrar.

Depois que escrevi este verso disse ao meu filhinho:
“– Meu Pintinho, tu estás tão doentinho, o que tu tens? Tu
vais morar com o papai do Céu e a mamãe do Céu?”

Ele olhou-me e disse: “– Sim, eu vou.”

“– Não, meu bem, e mãezinha como fica?” – argu-
mentei.

“– Não tem perigo, o paizinho te cuida.” – a resposta
foi imediata.

“– Quando tu fores morar com o papai do Céu e a
mamãe do Céu, a mãezinha vai lá no Chico Xavier e tu pro-
mete escrever para a mamãe?”

“– Sim, eu te prometo.”

“– Mas vamos fazer um segredinho: se me escreveres
pelo Chico ou por qualquer outro médium eu vou acreditar se
falares estas palavrinhas: estrela, estrelinha ou Estrela de
Belém.”

Não contei nada a ninguém desse diálogo e ele tam-
bém não, porque não mais saí de perto dele até a sua de-
sencarnação. Quando estávamos sozinhos no quarto, eu per-

guntava a ele: “– Lembras do nosso segredinho?” – e ele
respondia: “– Estrela, estrelinha ou Estrela de Belém.”

Quando a fraqueza tomou conta dele, não tendo mais
forças para falar, eu perguntava em seu ouvidinho: “– Tu te
lembras do nosso segredinho?” – e ele levantava o polegar
positivamente.

Vinte dias após a desencarnação de meu filhinho, re-
cebi a sua primeira mensagem que foi captada mediunica-
mente pela minha irmã Norma, onde ele fala em estrelinha.
Eu logo vi que era do meu “Pintinho Amarelo”, mas não con-
tei nada a ela sobre o nosso segredinho. E, um mês e meio
após a partida de Artur, Norma recebeu outras notícias do
Além, quando ela me disse por telefone: “– Terezinha, recebi
outra mensagem de Artur, mas não vou te dar até irmos ao
Chico Xavier.” Disse-me também que a tinha escondido na
estante atrás dos livros.

Na reunião de Uberaba ela mostrou a primeira men-
sagem ao Chico, por ela recebida, ouvindo dele a seguinte
orientação: “– Minha irmãzinha, dê à sua irmã também a ou-
tra mensagem que você tem em sua casa escondida atrás
dos livros, na estante. A outra é tão verdadeira como esta.
Continue a receber, minha irmãzinha, porque você está rece-
bendo tesouros dos céus.”

A segunda mensagem recebida pela Norma também
fala em estrela e estrelinha...”

6 - *estou aprendendo a ser de Deus para ter os te-
souros que anseio lhe dar.* – Lembrando os graves prejuízos
do amor possessivo à nossa evolução espiritual, esta frase
encerra grande sabedoria e deve ser meditada profundamen-
te por todos nós.

7 - *estou crescendo (...) seu filho pequenino que o
seu amor transformou em companheiro adulto para pertenc-
er-lhe* – As crianças desencarnadas tendem a assumir a
condição de adulto, que é a normal, exigindo para esse cres-

cimento uma transformação plástica do perispírito (ou corpo espiritual), em maior ou menor tempo, dependendo do grau evolutivo do Espírito. Isto é, quanto maior o progresso moral e intelectual do Espírito, maior será o seu poder mental (plástico) sobre as células do próprio perispírito. (Ver *Evolução em Dois Mundos*, F.C. Xavier e W. Vieira, Segunda Parte, cap. 4 e *Entre a Terra e o Céu*, F.C. Xavier, cap. 9 e 11, ambos do Espírito de André Luiz, FEB.) Alguns casos semelhantes ao de Artur, em que crianças desencarnadas em terra idade atestam, pela mediunidade de Chico Xavier, seu desenvolvimento no Mundo Maior, foram documentados em várias obras, entre elas: *Reencontros*, cap. 10; *Estamos no Além*, cap. 2, 10 e 18; *Tempo e Amor*, cap. 7 e 8; *Caravana de Amor*, cap. 3. Numa Terceira Carta, datada de 15/3/85, Artur afirmou: "A Estrelinha do seu sonho agora é um rapaz tããhã, mas sempre criança para a sua ternura."

8 - Artur Francisco Koller – Em Porto Alegre, nasceu a 28/5/1979 e desencarnou a 23/8/1982. Segundo informações do médium Chico Xavier à sua progenitora, Artur foi escritor e poeta na encarnação anterior.

SEGUNDA CARTA

Querida Mãezinha Terezinha e querido Papai Erny, peço a Deus abençoar-nos.

O vovô Belarmino e outros amigos me acompanham e me oferecem cobertura para que lhes dê as presentes notícias.

O tempo não se desenvolve inutilmente e tenho aprendido algo de novo a lhes contar que a maturidade está começando ou recomeçando dentro de mim.

A princípio, os sentimentos de criança recuperada, depois de algum tempo de doença e tratamento, estavam em meu ser e não conseguiria exprimir-me senão com a linguagem que me era própria.

As conversações e esperanças do papai Erny e os contos e belas figurações da mamãe Terezinha me formaram o mundo íntimo...

Agora, contudo, após receber muitas indagações do papai Erny, indagações do silêncio e da dor que lhe ficaram no espírito, empenhei-me a saber porque a moléstia de nosso conhecimento me alcançara tão cedo, subtraindo-me a possibilidade de continuar em nossa casa.

E o meu avô me conduziu a um instituto de reconhecimento, dedicado ao auxílio de nossas inquições, acerca de nós mesmos e, com auxílio de dois amigos espirituais do Sul, o Dr. Paulo Hecker e o Dr. Pedro Rosa, fui submetido aos exames necessários, no sentido de penetrar na causa do meu problema orgânico e, através de quadros vivos em aparelhos de que a nossa televisão é pálida imagem, pude ser conduzido a recessos no tempo que ignoro como esclarecer.

Em companhia do avô Clarindo e outros amigos, vi-me na condição de um homem ainda jovem a envenenar-se voluntariamente num capricho de afeição incompreendida pelo meu grupo familiar e, em seguida a muitas dificuldades no Plano Espiritual, observei-me reconduzido ao Plano Físico, onde renasci dos meus queridos pais de agora, mas carregando comigo o desequilíbrio celular que se manifestaria especialmente em meu campo orgânico no momento justo.

O avô Belarmino é de parecer que lhes diga tudo isso porque existem multidões de crianças portadoras de males irreversíveis em consequência de suicídio próximo, em me referindo ao tempo que passou e não ao futuro.

Quero dizer suicídio recente.

Aí está em poucas palavras para os pais queridos a explicação do câncer considerado prematuro e inexplicável no mundo físico, que me destruiu as forças, dia por dia.

Vejamos que a doença foi para mim algo semelhante

a um exaustor de resultados infelizes, exaustor que me restituía a forma perfeita. Presentemente, busco novas lições para desenvolver-me mais depressa e conquistar o crescimento de ordem mental de que necessito.

Tenho muitas saudades do lar e dos irmãos queridos... A Lena, a mana, a Dinda Cristina, o mano e o amigo Mário e tantos outros corações queridos que não posso enumerar neste noticiário rápido.

A tia Norma está presente e recebe o nosso abraço que é extensivo à vó Clotilde e aos familiares outros. Um amigo e benfeitor de nome Cândido Boaventura está em nossa companhia e pede-lhe perseverar na mediunidade que é fruto de muito esforço e muita persistência.

Queridos pais, espero não vejam aridez em meu pobre comunicado, apenas tentei responder às indagações ocultas do papai, que tem sofrido tanto...

Continuo a ser o mesmo filho carinhoso e agradecido de sempre e desejo me lembrem nesta condição. Se falei do meu passado recente é que o meu avô julgou oportuno que eu tocasse nessa tecla de recordações que às vezes acordam ecos de sofrimentos; no entanto, esclarecem os pontos obscuros de nossa caminhada na Terra.

Mamãe Terezinha, envie lembranças a todos os nossos e porque não disponho de maior quota de tempo a fim de prosseguir rememorando casos e cousas, peço-lhes, a ambos, os pais queridos de minh'alma, receberem o agradecimento iluminado de alegria e esperança, com todo o coração do filho sempre reconhecido,

Artur Francisco Koller.

Notas e Identificações

9 - doutor Paulo Hecker – (1888-1974) Advogado e

grande orador, foi Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul.

10 - *Dr. Pedro Rosa* – Médico espírita convicto, foi Diretor do Hospital Espírita de Porto Alegre. Desencarnou a 18/10/1956, vitimado por um colapso cardíaco em pleno exercício de sua profissão, de que fizera um verdadeiro sacerdócio pela sua invulgar dedicação e competência.

11 - *E o meu avô me conduziu a um instituto de reconhecimento (...) acerca de nós mesmos* – Após cada desencarnação, geralmente, não assenhoreamos, em breve tempo, do arquivo de nossa memória, isto é, de nossas experiências em vidas anteriores. Aliás, o mais habitual é tomarmos consciência desses fatos progressos, paulatinamente, no decorrer de anos, dependendo de nossa evolução espiritual, sempre com o auxílio de aplicações magnéticas (operações psíquicas) no cérebro perispiritual, efetuadas em Institutos especializados. (Ver *Nosso Lar*, Espírito de André Luiz, F.C. Xavier, cap. 21.)

12 - *existem multidões de crianças portadoras de males irreversíveis em consequência de suicídio próximo* (em vida anterior) – O suicídio, grave transgressão à Lei Natural ou Divina, provoca sérios traumas espirituais e perispirituais, sempre necessitando de tratamento prolongado, inclusive reencarnações regenerativas para completarem a terapêutica. “A carne, em muitos casos, é assim como um filtro que retém as impurezas do corpo perispiritual, liberando-o de certos males nela adquiridos.” (*Entre a Terra e o Céu*, André Luiz, F.C. Xavier, FEB, cap. 33.) Esse tema é estudado, com profundidade, em várias outras obras da literatura espírita, tais como: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 5, q. 14 a 17 e *O Livro dos Espíritos*, q. 943 a 957, ambas de Allan Kardec; *Memórias de um Suicida*, médium Yvonne A. Pereira, FEB; *Religião dos Espíritos*, Emmanuel, F.C. Xavier, FEB, cap. 48.

13 - *Lena, mana e Dinda Cristina* – Sílvia Helena

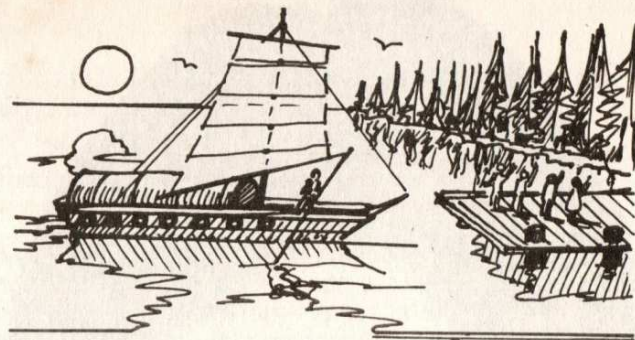
Koller Hutz, Silvana Koller Cabral e Ana Cristina Koller David, irmãs.

14 - *mano* – Carlos Alberto Koller David, irmão.

15 - *amigo Mário* – Cunhado. Na época da desencarnação de Artur, era noivo de Silvana.

16 - *vó Clotilde* – Clotilde Machado, avó materna.

17 - *benfeitor Cândido Boaventura* – Cândido Boaventura de Almeida Prado (1905-1959) foi dedicado farmacêutico em São Paulo, SP. Solteiro, mas após a viuvez de sua irmã Francisca, que lutava com grandes dificuldades, tornou-se o “pai” de 12 sobrinhos.



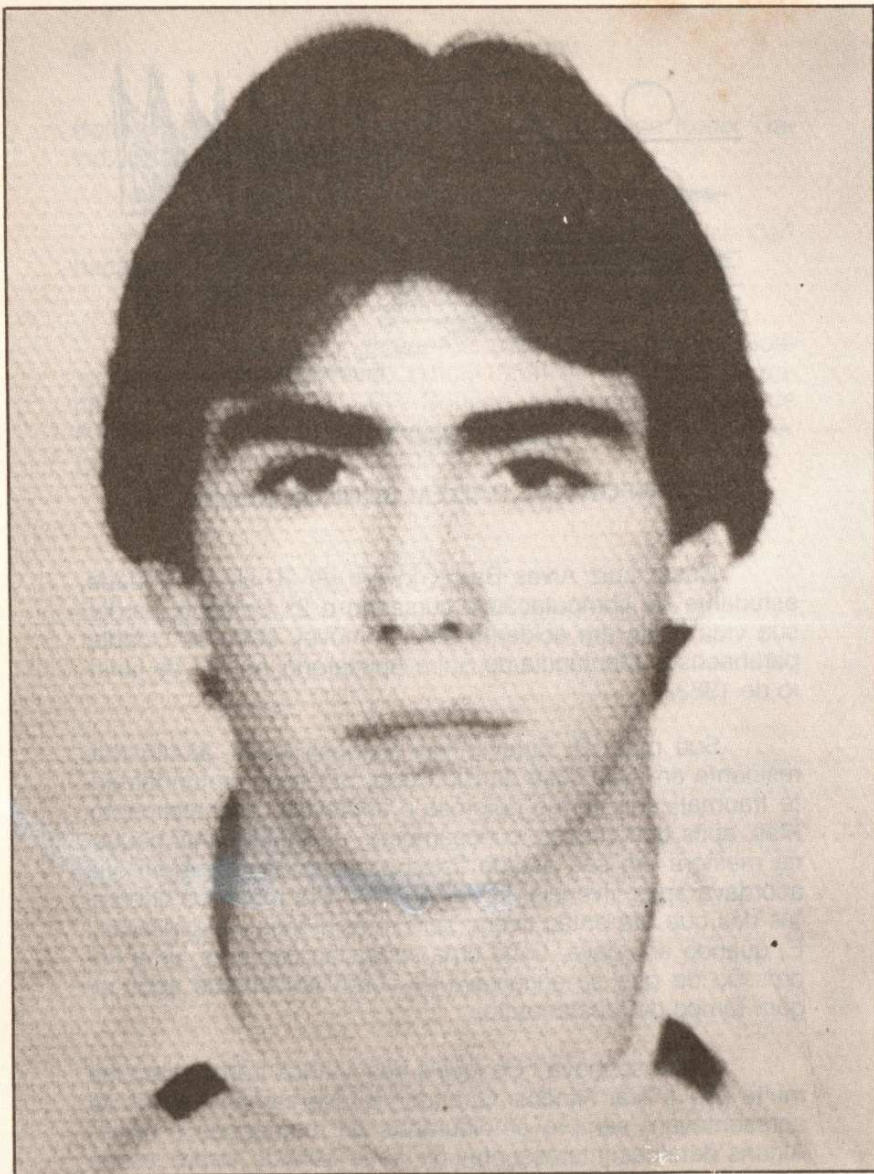
CAPÍTULO 2

RECONFORTO E PAZ EM SONHOS REAIS

Casto Luiz Alves Barco, jovem de 20 anos de idade, estudante de computação e cursando o 2º Colegial, perdeu sua vida física em acidente de automóvel, entre as cidades paranaenses Marilândia do Sul e Apucarana, aos 21 de janeiro de 1983.

Sua mãe, D. Zirley Alves Barbosa lanês, atualmente residente em São José do Rio Preto, SP, ficou profundamente traumatizada com o doloroso e imprevisto acontecimento. Mas, após dois meses, curiosamente, passou a sentir pequena melhora em seu estado físico e mental nos dias em que acordava após vivenciar lindos sonhos. Eram sonhos diferentes dos que até então tivera: bem mais nítidos e expressivos. E, quando acordava, tinha uma sensação diferente, uma impressão de que se encaixava no corpo novamente após algum tempo de afastamento.

O que sonhava? Os locais dos sonhos transmitiam-lhe muita paz e eram lindos. Quando visitava campos, esses se apresentavam sempre emoldurados de montanhas e flores. Alguns detalhes interessantes de seus sonhos foram assim



Casto Luiz Alves Barco

descritos pela D. Zirley, em carta a nós dirigida, datada de 3 de junho de 1986:

“No desespero e na esperança dormia sempre orando, pedindo a Jesus que me ajudasse.

(...) Em sonho, me mostraram a imagem de Jesus muitas vezes, colorida ou em branco-e-preto. (...) Sonhei que estava num jardim todo gramado e sentei-me num banco de ferro todo branco. Disseram-me que ia assistir televisão e, de fato, apareceu numa tela uma senhora linda, toda vestida de branco, que se curvou e apanhou uma flor, sorrindo para mim. Tive a intuição de que era a Virgem Maria. (...) Quase todos os meus sonhos eram repletos de rosas de todas as cores. (...) O que me confortava, naquela época, eram os meus sonhos.”

*

Na esperança de receber notícias de Casto, sua mãe compareceu à reunião pública do GEP, em Uberaba, na noite de 13 de abril de 1984, pouco mais de um ano após o acidente fatal, quando recebeu longa carta do filho amado, explicando-lhe, entre outros temas, o eficiente trabalho assistencial desenvolvido no Mundo Espiritual em favor dela, e que ficou registrado em sua memória como simples sonhos.

A seguir, as palavras de Casto Luiz:

Querida mãezinha Zirley, abençoe-me.

Estou aqui em companhia da vovó Ana, ou Mariana Pereira, para falar-lhe, tanto quanto ao papai Álvaro, que vou seguindo bem.

No início da vida nova a que fui trazido num choque de trânsito que nós dois avaliamos sem a possibilidade de descrever, as minhas dificuldades foram muito grandes.

Quando me refiro a nós ambos, sem meios de minudenciar o que se passou no acidente que motivou o meu despojamento do corpo físico, é que eu mesmo não conseguiria enumerar as ocorrências.

Quando me senti dentro do estouro que me recordava uma bomba de guerra, imaginei que poderia socorrer os companheiros Ulisses e Maia que estavam comigo; entretanto, não encontrei recurso algum para movimentar-me.

O cérebro como que se me obscurecera de modo total e não me sentia dono das mãos e dos pés, a fim de cumprir o meu dever de fraternidade para com os amigos que me partilhavam aquele deslizar pelos caminhos, despreocupadamente. Não vi, porém, nem o Ulisses e nem o Silião Maia, pois parecia que uma cegueira repentina me tomara os olhos e o próprio discernimento. Era muita agitação para que eu pudesse concatenar idéias para a oração, mas, instintivamente, entreguei-me a Deus, na condição de menino frágil que se recolhe ao regaço materno em momento de perigo.

Um leve sopro de brisa que não compreendi me acalmou quase que de repente, à maneira das criaturas perturbadas que a injeção misericordiosa costuma sedar repentinamente. Uma voz amiga me pedia dormir. Dormir!

Era tudo o que me restava fazer, porque, a suportar as alucinações que me tomaram de assalto, era preferível o esquecimento de mim mesmo.

Senti que dois braços me tomavam com carinho semelhante ao seu e alcancei o torpor que me conduziu ao sono pesado e real que se sucedeu ao baque de forças do qual fomos vítimas.

Mais tarde, sem que eu possa precisar o tempo em que perdeu a minha auto-omissão, despertei sob os cuidados de alguém que me velava pacientemente.

Achava-me ainda incapaz de falar, ao modo de al-

guém que jazia no fundo de um poço, sendo içado vagarosamente por energias que até hoje não pude penetrar.

Tive a idéia de estar regressando a mim mesmo.

Abri os olhos com dificuldades e notei que não me encontrava em nossa casa.

Espantado, dirigi-me, em pensamento, à senhora que me amparava e ela explicou-me com bondade que fora transferido de uma vida para outra.

Aquilo me chocou de modo indefinível.

No íntimo, trazia a revolta de quem se visse seqüestrado à distância do lar; entretanto, a mesma criatura generosa esclareceu-me que eu devia me considerar na posição do viajante que atravessara um grande rio, de margem a margem, a favor de mim próprio. Por enquanto não dispunha de corpo físico para permanecer no mundo dos homens, de que fizera parte.

Chorei, sem palavras. Era muito difícil renunciar aos meus projetos de moço que apenas começara a viver; entretanto, a enfermeira dedicada prosseguia me aclarando a mente, dizendo que, se me tornasse forte e valoroso, poderia visitar a nossa casa, em tempo breve.

Pediu-me chamá-la por vovó Mariana e comecei no tremendo esforço de auto-superação. Compreendi que não me seria lícito rebelar-me contra uma condição que assinala todas as criaturas mais tarde ou mais cedo. Reaprendi a orar, em companhia de minha avó que me adotara como sendo um pupilo da abnegação de que dava mostras e, depois de alguns dias, pude voltar a vê-la.

É verdade que nem as suas percepções, nem as de meu pai Álvaro me registravam a presença, mas com a permissão da vovó Mariana, quanto me era possível, passei a esperar-lhe o sono e, sem que o seu carinho me percebesse a presença, fizemos, tanto quanto efetuamos até hoje, longas

excursões no Espaço que envolve a Terra e vimos junto espetáculos artísticos de imensa beleza, já que fomos admitidos, por obséquio, em muitos lugares em que pintores exímios ensaiavam recriar a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo e de outros Espíritos veneráveis.

Tudo em novas dimensões, de vez que as figuras se faziam móveis e cada vez mais belas, pelo colorido com que eram plasmadas pelos artistas da Vida Maior. Isso funcionou, por muito tempo, para seu reconforto, qual se fosse viagens de grande significação, das quais o seu coração retornava ao nosso lar com mais coragem para viver e aceitar os problemas da existência terrestre.

Mãe querida, muito grato por sua fé comunicando-me renovação espiritual.

A luta tem sido enorme para nós, mas estamos vencendo, sob a serenidade do papai Álvaro que nos auxilia a refletir na vida sob prismas novos.

Muito teria ainda a dizer; entretanto, a vovó Mariana considera que já escrevi o suficiente para ser entendido.

Querida mãezinha, as vibrações de Ariete me auxiliam na Vida Espiritual e aqui registro o meu carinho aos irmãos Júnior e Alex.

Agora, é terminar; entretanto, a saudade é um imã que me prende ao papel. Mãe querida e meu pai, quero falar-lhes de amor, do amor que lhes consagro; no entanto, a palavra se retrai.

Não consigo dizer senão que continuo sendo o filho amigo e reconhecido que não os esquece.

As lágrimas de enternecimento, ao ver-lhe a resignação, me sobem do peito para os olhos e sinto que a névoa do pranto de alegria não me permite ser mais extenso.

Mãezinha Zirley e querido papai Álvaro, recebam os

dois tudo de bom que eu possa sentir sem ainda ter algo de bom para lhes doar e aceitem, como sempre, a tristeza alegre e a alegria triste de que Deus fez a saudade, com todo o amor e toda a dedicação do filho sempre reconhecido,

Casto Luiz Alves Barco.

Notas e Identificações

1 - *mãezinha Zirley (...) papai Álvaro* – Zirley Alves Barbosa Ianês e Álvaro Barco Ianês, seus pais, residentes em São José do Rio Preto, SP.

2 - *vovó Ana ou Mariana Pereira* – Bisavó, que Casto a chamava, carinhosamente, por vovó. Desencarnou em 1978.

3 - *companheiros Ulisses e Maia* – Ulisses Martins e Francisco Jorge Silião Maia, companheiros de viagem, falecidos no mesmo acidente, a 21/1/1983.

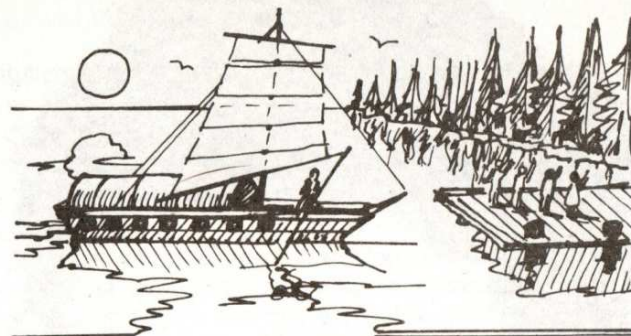
4 - *tanto quanto efetuamos até hoje, longas excursões no Espaço que envolve a Terra* – À luz do Espiritismo esse é um dos tipos de sonho, diremos um sonho real, isto é, fundamentado em vivências reais da criatura, parcialmente desligada do corpo físico, no Mundo dos Espíritos. Nessas oportunidades, os Benfeitores prestam a nós, encarnados, várias modalidades de auxílio. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, Segunda Parte, cap. 8; *Conduta Espírita*, André Luiz, W. Vieira, cap. 30, FEB; *Estudando a Mediunidade*, Martins Peralva, cap. 17, FEB.) Após o recebimento dessa Carta, com suas emoções mais reequilibradas, D. Zirley passou a não ter, com a mesma frequência, esses sonhos nítidos, tornando-se, com o tempo, mais raros.

5 - *passai a esperar-lhe o sono e sem que o seu carinho me percebesse a presença* – De fato, sua mãe recorda-

se apenas de um sonho nítido, no qual dialogou com o filho desencarnado.

6 - Ariete - Noiva.

7 - Júnior e Alex - Irmãos.



CAPÍTULO 3

REFLEXOS ESPIRITUAIS DE UM TRANSPLANTE DE CORAÇÃO

"O primeiro transplante cardíaco no Rio Grande do Sul." "Transplante de coração. Médico diz que a cirurgia foi um sucesso técnico." "Diretor do Instituto de Cardiologia está entusiasmado com o resultado." Essas foram algumas das manchetes estampadas pela imprensa gaúcha nos dias que se seguiram ao transplante realizado em Ari Vacari Zagar, no Instituto de Cardiologia de Porto Alegre, a 1º de junho de 1984, com o coração doado pelo jovem Roberto Igor Porto Silva, acidentado gravemente de moto quatro dias antes.

Uma conduta altamente caridosa... em pauta um grande avanço da ciência... Mas, nos bastidores do acontecimento que ocupava, merecidamente, várias colunas dos jornais, padecia um coração materno pela perda do filho querido, sofrimento agravado pelo transplante, que D. Izar Porto Silva, em sua simplicidade, não entendia com clareza. Ela não havia sido consultada a respeito, pois a autorização do transplante partiu de sua filha Magali, que acompanhava muito de perto o irmão hospitalizado, e o grande movimento em torno da questão foi desfavorável para sua alma sensível.



Roberto Igor Porto Silva

Inclusive, a notícia do transplante, que sua filha pretendia retardar alguns dias, chegou-lhe aos ouvidos, pela Imprensa, já no dia seguinte do falecimento de Roberto.

“Eu não descansaria enquanto não soubesse exatamente como foi o acidente e se meu filho aceitou ou não a decisão de Magali.” – escreveu-nos D. Izar em atenciosa carta. De fato, várias vezes ela deslocou-se de Porto Alegre a Uberaba, na expectativa de receber mensagem de Roberto pela psicografia de Chico Xavier. Na quarta viagem, finalmente, seu filho comunicou-se transmitindo-lhe muito consolo e os esclarecimentos almejados.

Nessa carta, que a seguir transcreveremos, destacamos a interessante experiência de Roberto em seu reingresso no Mais Além, descrevendo seus padecimentos e ressaltando os reflexos benéficos decorrentes da doação de seu coração carnal:

Querida mãezinha Izar, aqui estou eu a pedir-lhe a bênção.

Os ponteiros do relógio giram na esfera a que se apriam, contando as horas, mas o nosso amor está acima do tempo.

Mamãe, pedi aos mentores amigos me permitissem contar-lhe como foi a minha queda com fratura do crânio.

Minha moto me obedecia sem relutância na sede de velocidade a que me habituara. Sempre estimei passeios no campo ou a grande distância para sentir os dedos invisíveis do vento afagar-me o rosto. Aquelas excursões a sós, procurando o ar puro, junto das árvores, eram para mim uma festa permanente. As estradas abertas pareciam me convidar à renovação de meus próprios pensamentos. A moto dialogava comigo sem palavras, atendendo-me os requisitos de movimento e largueza. Foi assim que me acostumei a correr e a fazê-la veloz.

Não havia experimentado o perigo de colher alguém nas ruas ou nos caminhos. E eu estava a toda velocidade possível, quando me capacitei de que um homem estava a minha frente, sem meios de se afastar, parecendo-me doente e necessitado de proteção. Seguir adiante seria aniquilar-lhe o corpo e eu não queria isso. Percebi que me entregaria a grande risco, contudo não vacilei. Coloquei em ação toda a capacidade do freio de que dispunha e fiz uma parada instantânea. Mal vira a máquina estancar sob a pressão de minha vontade firme e a velocidade repentinamente cortada, como que se vingou de mim, atirando-me para longe.

Caí desamparado e percebi que estava faceando o maior perigo de minha vida. Não pude erguer-me. Minha coluna parecia-me quebrada e a cabeça entrou em pane, porque não mais consegui coordenar as minhas idéias. Percebi que me apanhavam cuidadosamente, mas não pude discernir coisa alguma. Estava reduzido a um trapo sanguinolento; entretanto, não ignorava que me conduziam a um hospital.

Ouvia vozes sem entendê-las, porque a minha própria vida estava se afastando de meu entendimento. Escutei as palavras lavadas de pranto de nossa Magali, a quem os médicos endereçavam uma solicitação que não entendi. Minha atenção esgotava-se na falta de resistência a que chegara. Pensava em si, Mãezinha Izar, com ânsia de ouvi-la perto. Nada conseguia falar, e quanto mais se acentuava a dor que eu sentia no peito, vi o papai ao meu lado, convidando-me a segui-lo. Outros amigos o acompanhavam e me recomendavam saísse da apatia a que estava me acomodando, de modo a segui-los com urgência.

Mãe, deixei o meu corpo, como quem se afastava de uma roupa que se fizera imprestável, e logo de saída, conquanto me sentisse privado da visão, senti uma dor muito grande no tórax. Os amigos de meu pai me solicitaram esquecesse o vigor daquela agulhada que me transtornava todo o ser; no entanto, eles se apressaram em me auxiliar com o

magnetismo curativo e a dor desapareceu. Soube mais tarde de que naquele momento eu tivera o coração do corpo físico arrancado para servir ao transplante que favoreceria um homem que se avizinhava da morte.

Meu pai informou que a medida fora autorizada por minha irmã e deu-me a conhecer a utilidade da providência, de vez que eu não mais recuperaria o corpo quebrado até a medula. Explicou-me que era justo o trabalho que se fez, entregando-se o meu coração, que ainda pulsava, ao irmão doente que, com isso, poderia continuar vivendo, e esclareceu-me com tanta lógica que acabei aderindo, reconhecendo que a Magali, vendo-me quase morto, do ponto de vista físico, permitira que o meu coração servisse para alguém que necessitava dele. Logo que me confessei agradecido e satisfeito com a medida, notei que o coração em meu corpo espiritual pulsava forte e robusto.

Conto-lhe a minha experiência para que não se impressione com o que aconteceu, porquanto da queda de que fora vítima não mais levantaria. Estou, Mãezinha Izar, satisfeito por ter tido oportunidade de doar o coração, que se abeirava da imobilidade, a uma outra pessoa que com isso se beneficiaria. Segundo pode o seu generoso coração concluir, seu filho está feliz por ter encontrado o ensejo de cooperar em auxílio de alguém na hora da liberação que se achava prestes a se consumar.

Agradeça, mamãe, à Magali, por não haver vacilado no momento em que eu seria obrigado a largar o próprio coração ao endurecimento inútil, a praticar involuntariamente um ato que me fez mais confortado na Vida Maior, quando eu não mais teria oportunidade de revê-la junto de mim.

Estou reconhecido e pode crer que, se viesse a repetir-se a provação de que fui objeto, eu próprio teria pedido com acenos para que retirassem de meu corpo todas as peças que se mostrassem suscetíveis de prestar auxílio a alguém.

Sinto-me renovado e espero que o seu carinho esteja feliz com o gesto involuntário que me compeliu a aprender que toda a dádiva de nós mesmos obtém as melhores respostas da vida.

Mais uma vez peço-lhe agradecer a Magali o bom senso com que agiu em meu caso e, com as muitas saudades de sua presença em minha nova vida, beijo-lhe as mãos queridas.

O filho reconhecido de sempre, sempre seu

Roberto.

Roberto Igor Porto Silva.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, MG, na noite de 05-4-1985.

2 - *Mãezinha Izar* – D. Izar Porto Silva, residente à Rua Visconde Pelotas, 185 – apartamento 303 – Porto Alegre, RS.

3 - A descrição do acidente, feita por Roberto-Espírito, foi confirmada pela sua mãe.

4 - *Escutei as palavras lavadas de pranto da nossa Magali* – Naqueles momentos sua irmã lhe dizia que ele iria se recuperar do acidente.

5 - *vi o papai ao meu lado* – Seu progenitor, Tuyuty Jung Silva, desencarnou em 19-12-1976.

6 - *Mãe, deixei o meu corpo (...) e logo de saída (...) senti uma dor grande no tórax.* – Como o processo desencarnatório não estivesse completo, ainda ligado ao corpo físico pelo cordão fluídico, Roberto sentiu reflexos da cirurgia.

7 - *o coração em meu corpo espiritual pulsava forte e robusto.* – O corpo espiritual referido é o perispírito ou corpo perispiritual, que é também formado por órgãos (entre eles o

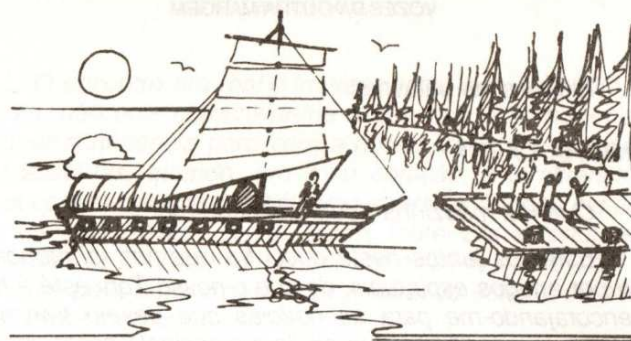
coração), pois ele é o “molde fundamental” para a formação do corpo físico, em cada reencarnação. “Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensivas às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico, excetuada certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismo das heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispensáveis provocações ou testemunhos de cada indivíduo.” (Emmanuel, F.C. Xavier, *O Consolador*, FEB, Questão nº 30.) (Ver também “Gênese dos órgãos psicossomáticos”, do Cap. IV, Primeira Parte, *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, F.C. Xavier e W. Vieira, FEB.)

8 - *Estou, Mãezinha Izar, satisfeito por ter tido oportunidade de doar o coração* – Se o transplante não conferiu maiores vantagens ao enfermo receptor, que faleceu três dias após a operação, devido a complicações renais, o Dr. Ivo Nesralla, chefe da equipe cirúrgica, declarou à Revista *Manchete* (Rio de Janeiro, RJ) que o procedimento teve êxito técnico, enfatizando: “Se tivermos condições, faremos outra cirurgia idêntica amanhã mesmo. É um recurso derradeiro, mas que deve ser usado.”

9 - *Roberto Igor Porto Silva* – Nasceu e desencarnou em Porto Alegre, respectivamente em 18-11-1959 e 01-6-1984. Era funcionário de uma empresa e foi acidentado quando se dirigia ao trabalho habitual.



Dr. Luiz Antônio Biazio



CAPÍTULO 4

ATIVIDADES DE UM PSIQUIATRA NO ALÉM

Dr. Luiz Antônio Biazio, natural da Capital paulista, desencarnou em 21 de agosto de 1982, aos 29 anos, em Ribeirão Preto, SP, onde terminava sua bolsa de estudos para Residente 3 no Departamento de Psiquiatria do Hospital das Clínicas dessa Cidade.

Gozando aparente saúde e trabalhando normalmente, seu desenlace inesperado abalou profundamente seus familiares, amigos e colegas.

Mas ele mesmo, um ano depois (24/9/1983), pela psicografia de Chico Xavier, regressaria para esclarecer e consolar seus entes queridos, expondo os abençoados pressentimentos e uma visão mediúnica que o prepararam para a Grande Viagem.

E, numa Segunda Carta, recebida a 2 de junho de 1984, também em reunião pública do GEP, em Uberaba, atendendo rogativas mentais de sua irmã, que ela nunca havia contado a ninguém, Dr. Luiz Antônio explica suas interessantes atividades médicas no Mundo Maior "nas áreas de uma psiquiatria nova".

Eis as suas palavras:

PRIMEIRA CARTA

Querida mãezinha Leda, abençoe-me.

Estamos juntos neste encontro que nos foi proporcionado por amigos espirituais, de que o nosso Toni está à frente, encorajando-me para as notícias que desejo transmitir, embora a inexperiência que ainda me assinala nesta espécie de manifestação.

Sei que os companheiros presentes me perdoarão, se lhes tomo tempo, com a minha fala de saudade e carinho de filho que a desencarnação não aniquilou. Vejo a nossa Maria Clara e a nossa querida amiga de sempre, D^a Didi, e volto a memorizar os dias últimos que usufruí do corpo físico.

Querida mãezinha Leda, desde muito tempo sentia o cérebro como que esfogueado por pensamentos contraditórios. Pressentia que os meus dias na experiência física estavam a esgotar-se; entretanto, apesar de meus conflitos psicológicos, desejaria ter ficado mais tempo e fiz o possível para que isso acontecesse.

Dias antes do colapso de forças que me alcançou de imprevisto, tive um sonho-realidade com o nosso Toni Cardal, que estava sempre em minha lembrança. Guardei a nítida impressão de vê-lo ao meu lado, no quarto, comunicando-me que nos encontraríamos em tempo breve. Não consegui estender o diálogo que julguei estivesse nas intenções do querido amigo, porque o inesperado de tudo aquilo que me atingia os olhos apresentava qualquer coisa de fantástico nas fronteiras da alucinação. Silenciei e o companheiro se despediu num aceno afetoso, enquanto me conscientizava da própria situação, como quem estivesse dormindo e despertasse às súbitas; no entanto, em verdade, não me achava sob a inconsciência do sono.

O encontro era real e impressionou-me vivamente; entretanto, não quis comunicar-lhe o que vira, abstendo-me de qualquer confidência para com a nossa Maria Clara, receando assustá-las, quando, em meu coração, a lembrança do que sucedera parecia um bálsamo sobre as minhas inquietações da vida mental. Ainda assim, tentei um entendimento com a nossa D^a Didi, no sentido de avisá-la que o Toni me convidara para um passeio, cuja realização estava, de minha parte, esperando com alegria.

A idéia de liberação da vida física não me ocorreu em momento algum, porque se o companheiro me prometia um encontro, esse encontro, a meu ver, aconteceria em alguma excursão no sonho que fiquei aguardando...

Entretanto, a realidade era outra, e na noite em que me senti absolutamente esvaído de forças, repentinamente recordei a promessa do amigo... Alguma ruptura de vasos me atingira, porque, por mais buscasse falar, não mais encontrei a possibilidade de qualquer expressão, dentro da noite alta.

Rememorei meus estudos de medicina, revisei os meus doentes e os meus apuros na psiquiatria para definir-lhes as emoções e, em seguida, querida mãezinha, as recordações da infância e do lar desfilaram diante da minha visão íntima.

De tudo me lembrei... De seus sacrifícios e dos sacrifícios do papai Caetano para que eu pudesse cumprir o meu ideal num curso de ordem superior; revi a querida irmãzinha Maria Clara, a perguntar-me sobre o que eu preferia para essa ou aquela merenda, e não me esqueci de nossas preces do tempo de criança...

O estudo, as exigências da vida e as lutas naturais de um rapaz que deseja atingir a própria maturação de um dia para outro, tudo, tudo estava ali comigo naqueles instantes, nos quais me sentia naufragar num mar de névoa...

Hoje sei que as Leis de Deus nos poupam os sofri-

mentos da chamada morte, que não é mais que transformação, sem ser mudança radical em nós mesmos, e naqueles momentos entreguei-me de todo ao torpor que me sedava todos os nervos...

Quando despertei, vi-me ao lado de almas queridas, as Marias, minhas avós, e do Toni que sorria, ao meu lado...

Aquilo era por demais eloqüente para que eu fizesse indagações; no entanto, as lágrimas me vieram do coração para os olhos. Pensava em seu amor, em meu pai e na irmã querida e nos amigos. Creia que a minha luta para harmonizar-me com a realidade não foi pequena. Senti-me sob o peso de uma saudade gigantesca, mesmo porque não sei se existe algum médico preparado para morrer.

Tudo aquilo que me resumia os conhecimentos me chamava para a vida terrestre que eu deixara de modo quase imperceptível para mim. Depois de alguns dias pude voltar à casa e rever os entes queridos. Misturamos as nossas lágrimas no mesmo prato de aflição, porque não me via habilitado para uma compreensão maior...

Agora, porém, posso pedir-lhe calma e agradecer a todos tudo o que realizaram a meu benefício. Peço ao papai Caetano coragem e serenidade.

Querida Mãezinha Leda, perdoe-me se voltei assim tão cedo à vida espiritual. Hoje sei que toda criatura tem os dias contados nos computadores da Sabedoria Divina e entendendo que preciso ser forte para dominar o meu próprio campo emotivo, e preparar-me para as tarefas novas que me aguardam.

Agradeço à nossa querida amiga Didi pelo bem que me fez e pelo companheiro que me deu. Peço à nossa Maria Clara substituir-me no carinho que devo aos pais inesquecíveis.

Se alguém estranhou o caráter de minha liberação

inesperada do corpo físico, não se impressionem. Graças a Deus, nunca tive qualquer tendência para o suicídio e se minha resistência terminou naquela noite inolvidável, é que os desígnios do Pai Celeste não me permitiram seguir mais além...

Querida mãezinha Leda, desculpe-me por todas as preocupações que lhes impus e esteja certa de que tudo farei para continuar merecendo a sua abnegação.

Meus sentimentos de respeitoso afeto ao papai Caetano e à Maria Clara, agradecimentos para a nossa devotada mãezinha Didi, com lembranças a todos os nossos.

E receba, querida mãezinha Leda, neste reencontro de saudade e ternura, todo o coração de seu filho que lhe deve todas as alegrias que o mundo tenha proporcionado à minha vida e conserve a certeza de que sou e serei sempre o seu filho agradecido,

Luiz Antônio Biazio.

Notas e Identificações

1 - mãezinha Leda e papai Caetano – Leda Lodovisi Biazio e Caetano Alberto Biazio, seus progenitores, residentes à rua Itapura, 279 – Tatuapé – São Paulo, SP.

2 - o nosso Toni está à frente, encorajando-me para as notícias que desejo transmitir – Antônio César Nunes Cardeal, Toni na intimidade, desencarnado em 01/01/1973, foi amigo e companheiro inseparável do Dr. Luiz Antônio na época do CPOR/SP, turma 1972. Toni-Espírito já enviou duas cartas aos familiares, pelo médium Chico Xavier, em 24/3/73 e 23/3/75, sendo a primeira publicada no livro *Entre Duas Vidas* (F.C. Xavier, Elias Barbosa, Espíritos Diversos, cap. 37 e 38, CEC). Em ambas ele fez referências ao amigo nesses termos: "Procurei o nosso Luiz Antônio, o nosso Biaz-

zio, que me falava em vida espiritual, diligenciando achar um caminho para reconfortá-los. Grande amigo. Fez prodígios para atender-me e espero que ele progrida constantemente para ser a coluna de Verdade que desejo venha ele a ser. (...) Mãezinha, venho fazendo quanto possível para me tornar entendido por nosso Biazio e com o tempo as coisas melhorarão." (Carta de 24/3/73) Na segunda carta, diz: "Auxiliem nosso Biazio. Digam a ele que a mediunidade é o caminho em que o prezado companheiro se realizará com mais segurança na própria profissão. Biazio é um coração iluminado de amor em tarefas espirituais na Terra, acima de tudo. Deus o abençoe." Na época do recebimento dessa carta de 1975, Biazio cursava a Faculdade de Medicina de Uberlândia, MG, e freqüentava a Mocidade Espírita local, como jovem atuante, inclusive dedicando-se à mediunidade psicográfica.

3 - *Maria Clara* – Maria Clara Biazio, irmã.

4 - *Dª Didi* – Dª Maria Odila Nunes Cardeal, mãe de Toni, amiga da família.

5 - *Pressentia que os meus dias na experiência física estavam a esgotar-se; (...) Guardei a nítida impressão de vê-lo ao meu lado, no quarto, comunicando-me que nos encontraríamos em tempo breve.* – "Muito freqüentemente o homem tem pressentimento do seu fim (...). Esse pressentimento lhe vem dos seus Espíritos protetores que querem adverti-lo a estar pronto para partir, ou que levantam sua coragem nos momentos em que lhe é mais necessária." (*O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, IDE, questão 857.)

6 - *não quis comunicar-lhe o que vira (...)* Ainda assim tentei um entendimento com a nossa Dª Didi, no sentido de avisá-la que o Toni me convidara para um passeio – Escreveu-nos sua progenitora: "Uma semana antes da desencarnação, ele telefonou-me pedindo para avisar Dª Didi que tinha uma surpresa feliz para revelar a ela quando aqui chegasse, a 27 de agosto. Por mais que eu pedisse, ele nada

me informou, alegando que se tratava de uma surpresa que ele mesmo queria transmitir-lhe."

7 - *e, em seguida, as recordações da infância e do lar desfilaram diante da minha visão íntima. De tudo me lembrei...* – Esta visão rápida, retrospectiva, dos fatos mais marcantes da vida física é uma das etapas habituais do processo desencarnatório. (Ver *O Céu e o Inferno*, Allan Kardec, 2ª Parte, Cap. II, Mensagens de Sanson (item 7) e de Jobard; *Evolução em Dois Mundos*, Espírito André Luiz, F.C. Xavier e W. Vieira, 1ª Parte, Cap. 12, FEB; *Eles Voltaram*, Espíritos Diversos, F.C. Xavier, H.M.C. Arantes, Cap. 12, 16 e 18, IDE.)

8 - *as Marias, minhas avós* – Maria Moreira dos Santos, avó paterna, desencarnada na Capital paulista em 1970; Maria, bisavó materna, desencarnada na Itália, em 1923.

SEGUNDA CARTA

Querida Mãezinha Leda, vejo-a com a nossa Maria Clara e nossas amigas, rejubilando-me por isso.

Continuo em minha peregrinação de trabalho, à procura do obreiro do bem que devo talhar em mim mesmo.

Agradeço a dedicação da senhora e do papai Caetano, nas atenções em meu benefício. Compreendo o nosso encontro pelo momento de saudades, que nos cabe aproveitar para afetarmos-nos uns aos outros.

Resgate sempre. Resgate pelo que fizemos e por tudo de bom que ainda não conseguimos.

A nossa Maria Clara desejava receber alguma notícia do nosso trabalho na intimidade do cotidiano. O assunto interessa a todos os que buscam observar as atividades do Plano Espiritual junto da vida humana, porque é assunto em torno da posse que anima tantas aspirações nobres e frustram numerosos planos nascentes no parque da caridade.

O estudioso de problemas psicológicos encontra aqui

um campo aberto às mais valiosas investigações. Se me fosse possível, aconselharia à família querida e a todos nossos irmãos da humanidade, aconselharia a cada um retirar alguns minutos de cada dia para indagar de si próprio o que está realmente fazendo para auxílio do próximo.

A luta em nossas paisagens espirituais ainda é grande pela necessidade de alijar, dos amigos desencarnados recentemente, a carga por vezes pesada das falsas impressões que trazem do plano existencial de que procedem. Sou aqui um pequeno estudioso da análise psicológica dos numerosos que afluem da Terra.

Muitos se sentem ainda na profissão que exerceram, desejando retornar aos recantos de trabalho em que se lhes desenvolviam as atividades da vida.

São proprietários de terras e sítios que estão longe de se sentirem desligados da posse dos bens que possuíam, gerando alucinações que é preciso curar pacientemente.

Muitos nos alcançam o gabinete de serviço, querendo apaixonadamente reassumir posições econômicas e afetivas que já não compadecem com a vida espiritual que começam a penetrar.

A senhora, mamãe Leda, bem sabe que escolhi a psiquiatria para me apoiar nos conhecimentos da alma e agir segundo os métodos de nossos instrutores no mundo e, nesse mister, felizmente, quase sempre tenho o tempo ocupado nos diálogos de pacificação e esclarecimento.

Amigos que supúnhamos orientados com clareza e segurança nos negócios a que se ajustavam no mundo vêm perguntar por devedores e credores, interesses e lucros em que se julgam prejudicados e a tarefa é muito grande no sentido de lhes prestar as informações necessárias. Os medicamentos mais eficazes são a paciência e o amor com que lhes tentamos alcançar os corações para renovar-lhes os sentimentos.

A certeza de que todos somos de Deus, em tudo o que possuímos é o fator definitivo da cura espiritual de semelhantes companheiros dominados por interesses menos felizes.

Escolhemos o tema em estudo para dar-lhe, extensivamente à Maria Clara e ao meu pai Caetano, as notícias tão seguras quanto possível sobre os serviços de um médico iniciante na paisagem de ação em que me encontro, notícias que são igualmente dedicadas aos amigos do mundo, no sentido de auxiliá-los no despojamento gradual e construtivo das idéias errôneas que porventura mantenham sobre pessoas e situações, problemas e cousas, qual se fossem os senhores reais das circunstâncias, quando todos nós, aí no mundo, unicamente usufruímos os empréstimos da Providência Divina.

Aprender a desfrutar, sem possuir negativamente, é a fórmula ideal para o encontro com a paz.

Seja qual seja a provação, façamos a nossa parte na extinção desse ou daquele obstáculo, mas sem o propósito de que tudo nos é permitido fazer, quando esse fazer se conserva nos limites naturais da própria existência.

A maioria dos irmãos recém-desencarnados alcançam a espiritualidade quase que na condição de alienados mentais, reclamando estágios de entendimento e revisão de tudo o que vivenciaram na Terra, de modo a se desprenderem das posses que unicamente lhes serviram segundo a certidão de identidade, de que dispunham na vida física.

Quem puder trabalhar e servir intensamente para o bem geral, sabendo que se encontra nos interesses da Divina Providência e não nos interesses próprios, estará em caminho certo, porquanto já nos atingirá o plano de ação sem o fardo de enganos e ilusões que conturbam muita gente.

Creio que me fiz compreendido ao esclarecer as indagações de nossa querida Maria Clara, ao mesmo tempo que

tornei extensivos os meus pobres argumentos a quantos me possam ler e ouvir.

Que na viagem terrestre cada pessoa conhecerá a fase terminal é mais do que sabido e, por isso mesmo, sem qualquer pretensão de ensinar, me referi a verdades simples da vida, acessíveis à mente de qualquer um.

Mãezinha Leda, muito grato por suas preces em meu favor. A oração é um fio de luz que nos enriquece o novelo dos pensamentos, clareando as expressões e assegurando finalidades que efetivamente se coadunam com os nossos interesses na vida espiritual.

O meu avô Luiz e o meu bisavô Biazzio me trazem grandes contribuições de conhecimentos e, na posição do aluno desvalido de dotes especiais de inteligência, vou aproveitando.

O Toni Cardeal prossegue sustentando a nobre amizade que nos reunia os passos na Terra, conquanto presentemente estejamos em situações diferentes de serviço.

Desejamos informar à nossa irmã Dora Catalano que somos vários amigos para colaborar em auxílio a ela e contamos com o amparo de Jesus, realmente o nosso Divino Mestre e Senhor.

Muito carinho ao papai Caetano, um abraço à querida Maria Clara, irmã do coração e a senhora, mãezinha Leda, receba a confirmação constante do imenso carinho e da gratidão imensa que lhe consagra incondicionalmente o filho devotor que deseja melhorar para ser o seu verdadeiro coooperador nas tarefas de sempre, sempre o seu filho reconhecido,

Luiz Antônio Biazzio.

Identificações

9 - avô Luiz — Luigi Lodovisi, avô materno, desencarnado dois meses antes de Luiz Antônio, aos 15/6/1982.

10 - bisavô Biazzio — Bisavô paterno.

11 - Dora Catalano — Amiga da família, foi quem levou D^a Leda e sua filha a Uberaba, nas vésperas do recebimento dessa Carta. Na viagem, D^a Dora confidenciou às amigas que, em suas preces, sempre solicitava auxílio do Dr. Biazzio e toda equipe do Plano Espiritual.

TERCEIRA CARTA

Querida Mãezinha Leda, a sua presença para mim significa uma bênção de Deus.

Sigo o papai Caetano e nossa Maria Clara em minha alegria ao abraçá-la. E sou muito agradecido à nossa irmã Dora Catalano, que lhe serviu de companhia na viagem até aqui.

Mãezinha Leda, fique tranqüila a meu respeito. Os meus estudos médicos não se perderam. Já estou trabalhando numa equipe de amigos que se entregaram, com fé em Deus e coração aberto, à tarefa de reconfortar os doentes, especialmente aqueles que ainda se caracterizam por extensos distúrbios mentais. Vejo-me nas áreas de uma psiquiatria nova, em que os enfermos são amparados, a começar pela compreensão acerca deles mesmos, para que nos auxiliem a fim de que nos habilitemos a liberá-los das perturbações a que ainda se mostram sujeitos.

As suas preces foram baluartes de consolo em meu benefício, nos dias em que mais me reconhecia necessitado de estímulo para erguer-me da prostração em que caíra e recomençar a vida como terapeuta do trabalho.

Querida Mãezinha Leda, o avô Luigi Lodovisi me recomenda pedir-lhe não se impressione com idéias negativas, com relação ao meu desprendimento do corpo físico, enquanto dormia. Não faltaram amigos que me atribuíram injustamente a decisão de dopar-me com uma super-dose de anes-

tésicos para favorecer a minha desencarnação. Isso não é verdade. O trabalho sempre foi o meu processo de preparar o sono tranquilo da noite, e não supunha que a minha vida no campo cardíaco fosse tão frágil. O médico, muitas vezes, está interessado em exames laboratoriais dos clientes perante os quais mais se sentem vinculados e se esquecem de que eles também são gente humana igual aos outros.

De quando a quando a dor precordial me visitava; entretanto, isso para mim não era surpresa, porque o desequilíbrio sempre surgia depois que eu carregasse alguma criança forte. O meu problema é que não tive tempo para recorrer à cardiologia, deixando sempre o assunto para outro dia, mas esse "outro dia" na existência de quem trabalha, atendendo aos seus próprios compromissos, é muito difícil de chegar. A parada cardíaca veio de surpresa e não mais acordei do sono a que me entregara.

Esta realidade, querida Mãezinha Leda, é bem a nossa. Eu não teria coragem de me anular a comprimidos e nem tinha recebido formação para isso. Sob essa razão é que lhe confio quanto me aconteceu, para que a sua bondade esqueça qualquer comentário menos feliz da parte de criaturas que julgam turvar-nos a consciência, delirando a nosso respeito com impressões incompatíveis com a verdade.

Tudo vai bem quando a nossa consciência está bem e por isso apenas as saudades de seu filho é que ainda são muitas.

Quero dizer à nossa irmã Dora Catalano que em minhas andanças de serviço já me encontrei com o nosso irmão Gianocaró e que ele prossegue trabalhando com amor em benefício dos necessitados.

Querida Mãezinha Leda, com um beijo em sua face, sou o filho de sempre. Não posso esquecer-me de que o ami-

go Toni Cardeal está conosco e envia aos queridos pais um abraço de muita saudade e reconhecimento.

Querida santa, minha querida mãe, receba o coração de seu filho sempre reconhecido,

Luiz Antônio Biazio.

Notas e Identificação

12 - Carta também recebida pelo médium Chico Xavier em reunião pública do GEP, a 18/10/85.

13 - *recomeçar a vida como terapeuta do trabalho* – Como psiquiatra do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e do Hospital Psiquiátrico de Brodosqui, SP, aplicava em seus pacientes, com muito entusiasmo, a terapia ocupacional.

14 - *não se impressionem com idéias negativas com relação ao meu desprendimento do corpo físico, enquanto dormia*. – Luiz Antônio reafirma aqui o que dissera na Primeira Carta: "Se alguém estranhou o caráter de minha libertação inesperada do corpo físico, não se impressionem. Graças a Deus, nunca tive qualquer tendência para o suicídio." Essa sua preocupação com os familiares é fundamentada, pois a suspeita de suicídio, feita na época, foi divulgada, havendo, então, repercussão desagradável, e mesmo traumatizante, no meio familiar, que nunca poderia aceitar tal hipótese devido ao equilíbrio interior que Luiz Antônio sempre revelou aos entes queridos e à sua formação espiritualista. Assim, os reflexos dessa suspeita ainda se faziam sentir até a ocasião do recebimento dessa Carta.

No dia 22/8/82, notada a ausência de Luiz Antônio pelos seus colegas, num encontro programado para essa data, manhã de domingo, e considerando a sua falta também na reunião clínica da noite do dia anterior, esses foram ao seu apartamento, onde ele residia sozinho. Na falta de resposta aos sons de campainha, providenciaram o arrombamento da porta, encontrando-o morto, em sua cama, como

se estivesse dormindo. Não havia sinais de violência, nem de roubo.

Na autópsia, realizada no mesmo dia 22, pelos legistas da Delegacia Regional de Polícia de Ribeirão Preto (B.O. nº 07798/82), não foram encontrados sinais de lesões corporais e os órgãos internos já estavam em estado de decomposição, sem lesões macroscópicas aparentes. Exame microscópico (histológico) não foi realizado, mas no exame toxicológico do material colhido (sangue e vísceras), geralmente feito de rotina nestas circunstâncias, foi detectada a presença de um derivado do ácido barbitúrico, daí a suspeita precipitada de suicídio, divulgada entre seus colegas. O suicídio teria sido, então, provocado por uma ingestão excessiva de barbitúrico, caracterizando uma intoxicação exógena. Porém, o Laudo do Setor de Toxicologia, nº 473/82, expedido em 17/9/1982, revela que se procedeu apenas o exame *qualitativo*, feito rotineiramente, que somente detecta a presença de substâncias; e não o exame *quantitativo*, que determina a quantidade de droga e permite, quando acima de certo valor, o diagnóstico de intoxicação exógena. Esse último exame só é realizado quando solicitado especificamente e com material adequadamente colhido. A Conclusão do referido Laudo foi a seguinte: "Pelos resultados obtidos nas análises procedidas, conclui-se que, no material enviado, foi detectada a presença de um derivado do Ácido Barbitúrico."

O resultado desse exame qualitativo não surpreendeu a família de Luiz Antônio, pois o mesmo estava sob tratamento, há muitos anos, de uma disritmia cerebral, com um neurologista de São Paulo, tomando diariamente "Gardenal" – nome comercial do Fenobarbital, que é um derivado do ácido barbitúrico.

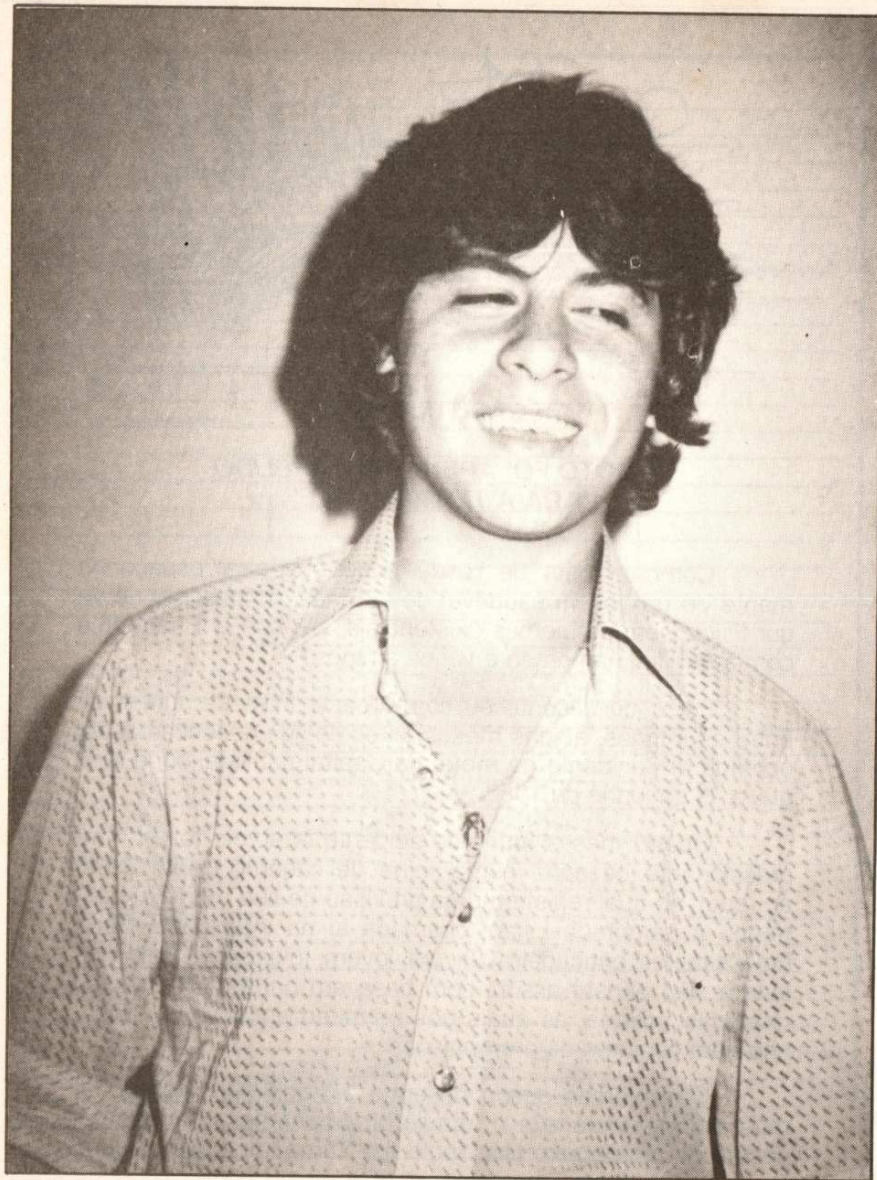
Lemos na carta mediúnica que a *causa mortis* real foi uma doença cardíaca (talvez impossível de ser comprovada na autópsia, mesmo com exame microscópico, pois os órgãos internos já estavam em estado de decomposição) que

a sua irmã confirma com essas palavras, em carta datada de 14/6/86: "Quanto ao problema do coração é verdade. Há tempos ele vinha se queixando de dor no peito. Ultimamente ele não podia carregar muito peso; até a bicicleta que ele havia comprado já não a usava mais, pois cansava-se logo após algumas pedaladas."

Depreende-se do exposto que, do ponto de vista científico, nada se poderia afirmar quanto à causa da morte de Luiz Antônio e, portanto, sua Certidão de Óbito (Registro Civil do 1º Subdistrito de Ribeirão Preto, nº 9.927) está correta: "Causa da morte: Indeterminada".

Só ele mesmo, Luiz Antônio, Espírito, poderia esclarecer a razão de sua passagem para o Mais Além e o fez de forma clara e convincente em suas cartas mediúnicas, desfazendo totalmente a nuvem de inquietação que envolvia seus entes queridos, provocada pela suspeita de suicídio.

15 - *já me encontrei com o nosso irmão Gianocaró* – Reynaldo Gianocaró, desencarnado em 12/5/81, era amigo da Dra. Ângela, filha de D^a Dora Catalano. Esse recado de Luiz Antônio foi surpreendente, pois atendeu a um pedido mental de D^a Dora, presente à reunião pública.



Moacyr Porazza Júnior

pela primeira vez, JU de LI, porque o seu prazer era escrever sempre seu nome e o da namorada juntos: JULI. Na lápide do túmulo escreveu: "Aqui jaz Júnior *22/10/62 †06/4/85". Ao lado das figuras, à direita, redigiu, em poucas palavras, a história de um motoqueiro apaixonado, sem relação com sua vida.

Embora nesse desenho previsse sua morte e a separação de Li para uma data longínqua: 6 de abril de 1985 (que também tem algum fundamento, pois Li casou-se com Ralf uma semana após esta data), apenas dois meses depois, Júnior passou a apresentar grande mudança em sua personalidade, tornando-se angustiado e apreensivo sem causa aparente, inclusive, em alguns dias, mostrando-se possuído de medo inexplicável. Em várias noites, tomado desse estranho medo, chegou a dormir no quarto dos pais, pedindo presenças à sua mãe.

Nessa época, para combater crises de angústia, Júnior ouvia música clássica, hábito que nunca teve...

Certo dia, chegou a perguntar à progenitora: "Se eu morresse amanhã, o que a senhora faria?" – recebendo uma repreensão de D. Wilma para que não brincasse com assunto tão sério.

No período desses fatos, que antecederam, por dois meses, o acidente fatal, sua mãe também sentiu-se angustiada, sem motivo aparente.

Dias antes do desencarne, Júnior revelou à namorada grande interesse pela música: "Começo, Meio e Fim", de autoria de Tavito, Ney Azambuja e Paulo Sérgio Vale, cantada por Tavito. (Recentemente, com sucesso, foi relançada na voz de Zizi Possi, em disco da Philips, 1986, intitulado "Zizi".) Quando a ouviam, ao sintonizar um programa radiofônico noturno, ele exclamou: "Precisamos gravar essa música, senão não vai dar tempo." E não explicou porque o tempo estava tão curto...

A letra dessa música, transcrita a seguir, é realmente significativa, como se ele mesmo, Jú, estivesse dizendo à Li: "Ah! coração / Se apronta para recomeçar / Ah! coração / Esquece esse medo de amar / De novo."; ou como se estivesse dizendo a si mesmo, às vésperas de recomeçar Nova Vida, no Mais Além: "Precisa aprender / A começar de novo":

"Começo, Meio e Fim

A vida tem sons
Que prá gente ouvir
Precisa entender
Que um amor de verdade
É feito canção
Qualquer coisa assim
Que tem seu começo
Seu meio e seu fim
A vida tem sons
Que prá gente ouvir
Precisa aprender
A começar de novo
É como tocar
O mesmo violão
E nele compor
Uma nova canção
Que fale de amor
Que faça chorar
Que toque mais forte
Esse meu coração
Ah! coração
Se apronta para recomeçar
Ah! coração
Esquece esse medo de amar
De novo."

Na antevéspera do acidente, no último dia de aula em que compareceu, uma sexta-feira, 30 de maio de 1980, Júnior escolheu e leu em classe este trecho do romance *Música ao Longe*, de Érico Veríssimo (3ª ed., 1973, Ed. Globo, p. 11):

"E se eu morrer? Se eu morrer, depois da missa de sétimo dia mamãe toda de preto vem chorando reunir as minhas coisas. Encontra este livro, abre, lê e fica sabendo todos os meus segredos.

Não. Preciso destruir este diário antes de morrer. O pior é que a gente nunca sabe quando vem a hora da morte."

E, horas antes do desenlace do jovem motoqueiro, chegou a vez do seu progenitor e da avó materna entrarem na faixa do abençoado processo premonitório, que sob a supervisão de Benfeitores Espirituais – refletindo a Justiça e a Misericórdia Divinas –, preparava os corações, amortecendo o doloroso e rude impacto da programada separação brusca.

Às 22,30 h do sábado, dia 31 de maio, sr. Moacyr começou a se impacientar. Júnior havia saído, como fazia habitualmente, e estava na residência da namorada. D^a Wilma e a filha Patrícia deitaram mais cedo e dormiam tranquilamente. Portanto, não havia motivo para que o pai se angustiasse, aguardando a volta do filho, que não costumava retornar cedo para casa. Aproximadamente, aos 30 minutos do dia seguinte, entrando no domingo, sr. Moacyr, preocupado com o filho, chegou a acordar a esposa, que não se preocupou com a questão, pois estava tudo normal. Ainda ansioso, o progenitor telefonou à casa de Lilian, a 1:05 h, pensando em buscar o filho de automóvel, obtendo a resposta que Júnior havia acabado de sair de moto, com destino ao seu lar. O acidente já havia ocorrido 5 minutos antes!

E a vovó, D^a Olga Faria, residente num sítio do município de Ferraz de Vasconcelos, em torno das 23 h daquele sábado, também sentiu muita angústia, com "pressão no pei-

to", e teve inexplicável vontade de dirigir-se à residência da filha, D^a Wilma, não concretizada pelo avançado da hora!

*

Quatro meses depois, a 11 de outubro de 1980, em Uberaba, outra madrugada – agora de paz e reconforto – se tornaria igualmente inesquecível para a família Porazza. Foi quando, pelo lápis de Chico Xavier, o Júnior voltou, como veremos a seguir, confirmando suas sensações premonitórias – pois tudo obedecia a uma Determinação Superior –, ao afirmar: "A moto foi apenas um *apelido* para a *terminação*. (...) No íntimo, sabia que o tempo me faria passaporte num *cavalo de aço* (...) Despedi-me de nossa querida Lilian com uma tristeza esquisita no coração."

Querido papai Moacyr e querida mãezinha Wilma, estou presente com a vovó Maria e com o meu avô Celestino, e peço que me abençoem.

Quero abraçá-los com a nossa Lilian e com a nossa Patrícia; mas esse anseio se transforma nos votos de paz e felicidade que formulo ao Mais Alto por nós todos.

A moto foi apenas um apelido para a terminação.

A morte é uma palavra sem existência.

Não posso referir-me à libertação do corpo físico, tomando por base de minhas informações a esse vocábulo que, afinal de contas, não passa de máscara de ilusório terror para a maioria das criaturas.

Perdoem-me vocês todos se voltei de repente.

No íntimo, sabia que o tempo me faria passaporte, num cavalo de aço, sob as rédeas de minha vontade.

Tudo se me afirmava perfeito em matéria de controle,

mas a velocidade estava entre as máquinas do trânsito e eu mesmo.

Aliás, ao que me lembro, era domingo.

Despedi-me da nossa querida Lilian com uma tristeza esquisita no coração. De quando a quando nós dois fazíamos um resumo ligeiro dos pequenos desacordos, em que por vezes nos achávamos de mergulho total, mas sinceramente, naquela hora, a sombra que me possuía era mesmo uma espécie de entardecer por dentro da gente. Queria expressar alegria, no entanto, o meu sorriso era mais uma careta de menino doente.

Depois foi a disparada.

Tinha ciúmes da máquina que me obedecia com tanta segurança.

Pensava nisso, refletindo nas distâncias a que ela conseqüentemente me transportava a fim de refazer pensamentos e reavaliar meus problemas, quando o choque me apagou. Se alguma idéia estava sobrando em minha cabeça, ainda não sei. O negócio era cair de uma vez e dormir sem pensar.

Quando despertei tudo estava diferente, mas a muito custo é que consegui admitir a minha transferência.

Chorar, chorei muito, não posso ocultar isso. Mas os parentes me acomodaram.

Era necessário esquecer a roupa estragada e desvincular-me da moto a fim de recuperar a tranquilidade. Nesse aprendizado, estou fazendo força.

Digo a Lilian o que eu disse: agora não vale muito explicar que a amo; no entanto, isso significa que a compreendo.

Lilian é uma criança, e no futuro encontrará quem com mais aptidão e mais segurança poderá fazê-la feliz.

Minhas divagações de JÚ ainda estão em meus sentimentos. Um amor para sempre num castelo de felicidade no mundo, e alegrias a dois numa ilha em que tudo fosse o reflexo de nosso carinho mútuo.

Isto tudo era uma visão, a visão do grande futuro.

Lilian querida, perdoe-me os estorvamentos de menino que presentemente se habilita à maturidade espiritual. Auxilie à mamãe e ao papai Moacyr como sempre.

Quando você estiver de casamento projetado, e isso não pode aborrecer a você, se falo nisso, gostaria que você não saísse de nossa casa, tão grande é a minha confiança de que você me ocupou o lugar.

O amor entre nós não poderia ser uma cadeia. Por isso mesmo, estou a supor-me nas alegrias de um irmão seu, a desejar-lhe um lar feliz. Em seu lar, isto é, quando Deus lhe der uma casa nova, com alguém ao seu lado, esteja certa de que serei uma oração de alegria por seu bem-estar.

Isso não é falta de carinho, é carinho demais, quando o coração se ilumina de fé numa vida maior do que era essa que deixei.

Peço-lhe, seja companheira da Patrícia, pois você é minha presença ao lado de meus pais e de minha irmã sempre querida.

Mãezinha Wilma e papai Moacyr, não julguem mal a minha sede voadora. É muito difícil compreensão para os motoqueiros mas, na realidade, a moto é uma recordação de paz e agradecimento em minha vida espiritual. Por aqui, é possível haja uma cópia à minha espera.

Ainda ignoro muito em torno de tudo o que me rodeia. Estou escutando os meus avós, para em seguida reencontrar companheiros com mais entendimento de minhas lembranças.

Estudar, fiquem certos de que prosseguirei curvado sobre os livros. Isso é uma fatalidade. Quem quiser aprender que se cuide e não posso me esquecer disso.

Agora é um beijo à família: papai Moacyr, fique com o meu reconhecimento de todos os dias; à mãezinha Wilma, juras de confiança total de meu carinho; à nossa Patrícia, conserva a minha esperança de um futuro mais feliz para nós todos, e aos amigos que nos assistem, aqui deixo meus votos de paz.

E, para a querida Lilian, todo o amor de seu príncipe de araque, transformado em seu amor de coração para hoje e para sempre.

JÚ.

Moacyr Porazza Júnior.

Identificações

1 - papai Moacyr e mãezinha Wilma – Moacyr Porazza e Wilma Faria Porazza, seus pais, residentes em São Paulo, à Rua Pacapiá, 4 – Mooca.

2 - vovó Maria – Maria Martins Faria, bisavó materna, desencarnada em 1960.

3 - avô Celestino – Celestino Rafael Porazza, avô paterno, desencarnado em 1941.

4 - Lilian – Lilian Graziano, namorada.

5 - Patrícia – Patrícia de Cássia Porazza, irmã.

SEGUNDA CARTA

Querida mãezinha Wilma e querido papai Moacyr.

Estamos reunidos nas preces de sempre, rogando a Deus que nos proteja e nos abençoe.

Não importa que as nossas lembranças do aniversário venham a ser articuladas com o atraso de um dia – 23 substituindo o 22.

Tudo bem. Não perdi a minha oportunidade de trabalhar com os amigos para comemorar.

Agradeço aos pais queridos por todas as manifestações de carinho. Outubro é realmente um mês que parece feito para mim, tão grande o meu arquivo de recordações, entrando pela vida afora e saindo com a mesma esperança com que entrei.

Creiam. Não desejo rememorar a noite da moto, mas é preciso resguardar na memória aqueles pensamentos conflitados de que o centro era eu, com o meu balanço encerrado para a revisão dos meus quase vinte anos de permanência na experiência física.

Muitos disseram que a máquina, significando o meu cavalo, ficara viva e que eu, o cavaleiro, tombara morto; entretanto, continuo cada vez mais vivo, no sentido de me retomar inteiramente para a continuidade de minhas novas tarefas. Retornar-me no que fora antes de ser JÚ, a fim de prosseguir na busca de mim próprio, no que conseguira acumular em minhas experiências do passado que, por aqui, se readquire muito pouco a pouco.

Mãezinha Wilma e querido papai, esqueçamos estes assuntos interligados com a chamada morte, para que nos detenhamos positivamente na vida.

Quero dizer à querida Patrícia que o irmão prossegue o mesmo. A nossa Pat se impregnou de tal modo com as ocorrências que me transportaram para o fim do corpo, que tenho tido o cuidado possível para não mergulhá-la em pensamentos negativos.

Querida Pat. Desejava que a Li permanecesse encarcerada em meu afeto e lutei tanto para que a lei da mudança

não nos visitasse; entretanto, Li é uma criança querida e nobre, que precisava de proteção e defesa. Estou satisfeito em lhe anotando a aceitação de meu companheiro, que continua sendo muito estimável para mim, ao invés de se demorar no luto vazio e sem a menor significação.

Tantos amigos deixei. Impossível que não pudesse solicitar através do pensamento a um deles para que me tomasse o lugar. Ralf e o Carlos Alberto, o amigo Senhor Graziano e tantos outros poderiam auxiliar-me a resguardar a nossa querida Lilian, na condição de irmão e de pai, qual sucede com o nosso amigo a quem me referi e, por isso mesmo, rogo a Patrícia para que colabore comigo na formação da harmonia comum.

Afinal de contas, aliança não é algema, e se aquele cordão de amor passou a pertencer à nossa Li, tenho nele o meu condensador de lembranças, através do qual ainda encontro processo de ajudá-la. E o papai Moacyr me fará o obsequio de adquirir um enfeite semelhante para a nossa Pat. Isso me fará muito feliz, porquanto desejo criar vibrações de entendimento entre nós todos. A querida irmãzinha não pode esquecer que devo à família Graziano muitas gentilezas e não quererá me catalogar na lista de amigos ingratos. Tudo segue bem, se procuramos o bem e foi isso que aprendi constantemente em nossa casa.

Quero dizer ao papai Moacyr que o vovô Celestino Rafael veio até aqui em minha companhia, mas não apenas ele, porque o avô Giovani desejou conhecer o nosso ambiente. A vovó Maria Martins Faria continua sendo Benfeitora incansável em meu auxílio; no entanto, comunico à mamãe que a vovó Ana Rosa se lhe associou, fazendo de mim um menino rico de proteção. Assim é imperioso dizer que a ternura de ambas não se igualam ao amor e à bondade incessantes da mãezinha Wilma e da vovó Olga, que continuam iluminando as minhas saudades.

Pais queridos, de ninguém me esqueci, mas em gra-

fando os nossos pensamentos em forma de palavras, através de instrumentos outros, os nossos amigos médiuns, não nos é possível parar a fim de esticar as idéias. Lembro-me com muita gratidão da vovó Olga e do vovô Euclides, da querida Tia e de nossa querida Cristiane.

Impossível destruir por dentro do coração aquilo que possuíamos de melhor.

Venho cooperando como posso, a fim de acomodar as situações que involuntariamente deixei um tanto obscuras. Graças a Deus, tenho conseguido estabelecer a serenidade possível depois das agitações naturais que a mudança inesperada me impôs. E a caravana vai seguindo sempre – sempre para melhor – porque eu mesmo me integrei na turma de companheiros que atuam no Perseverança, para entesourar as energias de que necessito a fim de estudar com eficiência.

Mãezinha Wilma, peço-lhe agradecer a todos os amigos por mim.

Imagine que a dona das transformações irreversíveis, considerada a indesejável de cinco letras, viajava de moto em minha companhia e não me cedeu qualquer ponta de tempo a fim de me entregar à cortesia. Fiz a viagem para cá aos trambolhões, contudo tenho os pais queridos e a querida Pat, em meu lugar, a fim de traduzirem a gratidão.

A prima Alzira recebeu as lembranças que lhe foram dirigidas e tanto a prima, quanto a nossa amiga e irmã Carolina Galucci me recomendaram interpretar-lhes o reconhecimento.

Papai querido, não admita a tristeza em seus diálogos com seu filho. Não nos perdemos um do outro. Estou vivo e agora disponho de forças novas para estudar e ser-lhes útil.

Até que aquela minha câmara lenta na focalização de livros era meu prenúncio de que me cabia reunir recursos íntimos para tomar novo caminho, nestas bandas, onde por

enquanto estou dividido entre a casa da Terra e o Lar da Vida Espiritual. Tudo, porém, caminha para o progresso de que carecemos para acertar.

Desejaria escrever mais, apesar de saber que me excedi nas saudades que precisava exteriorizar em forma de desinibição, mas tenho instruções do vovô Celestino para terminar.

Pais queridos, tenho tão pouco a lhes oferecer, que me deram no mundo tudo aquilo de bom e belo, que me favoreceu em todos os instantes da vida, mas, com as lembranças a todos os familiares queridos, entrego aos dois, todo o coração de filho que lhes deposita na fronte aquele beijo molhado de lágrimas de reconhecimento por me sentir hoje, como sempre, o filho que recebeu entre os homens os melhores pais do mundo.

Abraços de muito amor e saudade do filho reconhecido de sempre,

JÚ.

Moacyr Porazza Júnior.

Notas e Identificações

6 - Carta psicografada por Francisco C. Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, na noite de 23/10/1981.

7 - lembranças do aniversário (...) 23 substituindo o 22. – Júnior nasceu a 22/10/1962.

8 - aquele cordão de amor passou a pertencer à nossa Li – Quando Patrícia se lembrou da corrente de prata que seu irmão usava no pescoço, e pretendeu guardá-la como recordação, seu pai, logo após o acidente e espontaneamente, já havia doado tal objeto à Lilian.

9 - avô Giovanni – João Porazza, bisavô paterno, desencarnado em 1923.

10 - *vovó Ana Rosa* – Ana Rosa Augusta Marques da Cruz, bisavó materna, desencarnada em 1971.

11 - *grafando os nossos pensamentos em forma de palavras, através de instrumentos outros, os nossos amigos médiuns* – Após a Primeira Carta recebida por Chico Xavier, em Uberaba, a 11/10/80, Ju redigiu outras pelo saudoso médium Eurícles Formiga, em São Paulo, que integraram os livros *Olá, Amigos* e *Motoqueiros no Além*, ambos editados pelo IDE.

12 - *vovó Olga e vovô Euclides* – Olga Faria e Euclides Faria, avós maternos.

13 - *querida Tia* – Claudete Faria de Almeida Martins, tia.

14 - *Cristiane* – Cristiane de Almeida Martins, prima.

15 - *eu mesmo me integrei na turma de companheiros que atuam no Perseverança* – Refere-se ao Centro Espírita Perseverança, de São Paulo, onde Formiga psicografava e sua mãe, hoje, é colaboradora.

16 - *Alzira* – Alzira Jacintha Porazza, prima paterna, desencarnada em 1980.

17 - *Carolina Galucci* – Amiga da família, desencarnada em 1979.

18 - *aquela minha câmara lenta na focalização de livros* – Seus pais confirmam o desinteresse de Júnior pelos estudos, algum tempo antes do acidente, embora cursasse a 8ª série do Colégio META.

19 - *lágrimas de reconhecimento por me sentir hoje, como sempre, o filho que recebeu entre os homens os melhores pais do mundo.* – Em uma das aulas de português, Júnior escreveu sobre o tema: “Uma Pessoa Importante” com as seguintes palavras:

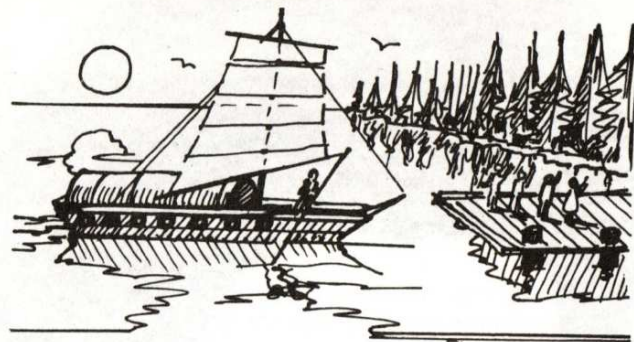
“Para uma pessoa ser importante, ela precisa

ser bastante conhecida. Mas podem haver pessoas com importância sentimental, como por exemplo, a de nossos pais na vida da gente. É tal a importância, que nunca será substituída, ao contrário das pessoas em saliência por causa de cargos elevados, pelo poder financeiro, que um dia poderão perdê-la.

Não. Nossos pais são diferentes, eles são a maior fortuna que uma pessoa jamais teve. Nunca pagaremos a dívida que temos para com eles, por nos criar e educar, preparando-nos para a vida. E sempre estão prontos para nos corrigir, orientando-nos no caminho certo.

Por causa disso, vale mais ser uma pessoa importante pelo que ela é e faz por nós, sem querer nada em troca, do que aquela que consegue destaque através de cargos, dinheiro, etc.

Para mim ‘uma pessoa importante’ são estes: meus pais.”



CAPÍTULO 6

EM EXCURSÃO AÉREA, PREPARANDO-SE PARA A DESENCARNAÇÃO

A desencarnação de D^ª Amélia do Nascimento Vasques, ocorrida na cidade paulista de Franca, foi absolutamente inesperada, sendo encontrada sem vida física em sua casa, quando estava só, vestida com seus trajes da noite, como se estivesse dormindo.

Tal forma de desenlace ocasionou, naturalmente, preocupações em seus filhos. Ela teria sentido mal por efeito de medicamentos? Essa suspeita foi levantada porque ela havia iniciado, há apenas uma semana, um novo tratamento com seu cardiologista. Teria faltado algum auxílio à velhinha querida? Teria permanecido muito tempo naquele leito entre a desencarnação e a chegada dos familiares? Pois, foi encontrada na tarde do dia 28 de agosto de 1984, tudo indicando que não se levantou na manhã deste dia, pairando, então, a dúvida se o desenlace ocorreu na noite de 27 ou na madrugada de 28.

Mas essas preocupações foram desfeitas meses após, com o recebimento de carinhosa carta redigida pelo próprio punho de D^ª Amélia, psicografada por Chico Xavier, em Uberaba, na noite de 24 de maio de 1985. Nessa mensagem,



D^a Amélia do Nascimento Vasques aos 26 anos de idade.

além de transmitir tantas bênçãos de paz e consolo, a amorosa mamãe esclarece, com detalhes, o interessante processo de seu passamento, como veremos a seguir:

Querida Martha lone, minha querida filha, Deus nos abençoe.

É um grande reconforto para mim a possibilidade de lhe trazer algumas palavras sem que me reconheça preparada para isso.

Venho até aqui, sobretudo, para solicitar ao seu carinho não se amofinar com idéias que devemos considerar superadas. Nem eu mesma poderia informar se a minha retirada do corpo físico se verificou a 27 ou 28. Acontece que me vi desligada de casa, em companhia da querida mãe Amélia Florisbela da Trindade. Era tudo uma novidade maravilhosa. De mãos dadas com a protetora, sentia-me arrebatada pela força que ela me transmitia e reconhecia-me leve, flutuando à distância da paisagem terrestre.

Nunca havia pensado que alguém pudesse voar com a tranqüilidade dos passarinhos. A beleza do acontecimento me impelia à despreocupação pelos horários. A querida benfeitora, depois de uma longa excursão aérea, com estações de pouso em topos de montes, iluminados e belos, me trouxe novamente à casa; no entanto, eu que não era amiga da morte, segundo é de seu conhecimento, me senti subitamente desajustada. Por que retomar o corpo pesado e doente, quando me fora possível efetuar a viagem maravilhosa a que me referi?

A querida mãe Amélia, porque para mim ela se fizera naqueles instantes minha verdadeira mãe, me recordou que estava em meu arbítrio fazer a opção: ficar com ela na vida espiritual ou regressar ao convívio dos meus entes queridos.

Senti saudade intransponível da Sara Renata e da Alesandra, e me vi atraída por você, para nossa Martha Amélia,

para o nosso estimado João Batista; entretanto, a diferença que passara a conhecer pesou na balança e entre permanecer sempre enferma e queixosa, e a existência nova que se achava ao meu dispor, meditei igualmente no trabalho que lhes impunha e, verificando que me seria possível prosseguir trabalhando espiritualmente em nosso grupo, em auxílio de nossas crianças, não mais vacilei na escolha. Bastou que me manifestasse favorável à renovação para que meu coração doente fizesse o sinal de satisfação por se ver livre da pressão de minha vontade de continuar vivendo com vocês.

À medida que lhe notava os movimentos cada vez mais vagarosos, fortaleci na mente o propósito de me transferir para o lado em que os nossos Amigos Espirituais trabalham tanto e, em minutos breves, o órgão fatigado me entregava a demissão do corpo, estacionando de todo. Era dia ou noite? Seria o dia 27 ou dia 28, aquele que me conferia a independência?

Não consegui saber porque o desligamento de meu veículo físico me impunha um certo delíquio, que eu não poderia estudar de momento.

Dirá você, por mim, à nossa Martha Amélia, que não culpe os remédios que sempre me foram propícios. Ninguém me obrigou a escolher entre este mundo e o outro, em que presentemente me vejo. Espero que minha filha permaneça sossegada a respeito de minha decisão.

Peço para que você cientifique à Maria, minha irmã, quanto à ocorrência de que lhe dou as minudências.

Se eu estivesse de corpo sadio, com invejável saúde a me felicitar os dias terrenos, penso que teria sido ingrata para com vocês, os familiares; no entanto, carregava eu um fardo de sintomas indesejáveis. Dores no peito, dispnéias que voltavam sempre mais fortes, ameaças de intervenções cirúrgicas para garantir as coronárias, intervenções que eu não

queria e todo um cortejo de sofrimentos corpóreos me proporcionaram a energia para aceitar o convite da protetora querida que assim procedia depois de examinar a irreversibilidade de minha situação.

Querida filha, que norma adotaria uma ave qualquer, em se vendo no espaço livre, a pensar na gaiola enferrujada que se lhe destinava à vivência?

Deixo a pergunta em seu coração e no pensamento de sua irmã, porque já não mais me era fácil o retorno ao corpo cansado.

Foi assim que se deu a minha despedida e agradeço a coragem com que você assumiu as rédeas de nossas tarefas espirituais.

Não pude esperar a inauguração do "José de Anchieta". Desculpe-me por isso e não chore a minha ausência porque a separação não existe entre os que se amam.

Já me vejo reintegrada em nossas atividades espirituais e dou Graças a Deus por isso.

Agradeço à Martha Amélia os pensamentos de carinho e peço a Jesus abençoá-la com o Renato, com o Romualdo e com todos os nossos, sem me esquecer da gratidão que devo ao seu pai André, que nos deixou para sermos mais juntas.

Um beijo em Sara Renata e em Alessandra. E agradecendo a você pela paciência e dedicação para com a mamãe doente, que o seu belo coração estimaria ver sempre aí, mesmo enferma qual me achava, e com o meu reconhecimento por tudo de belo que você, filha querida, representa em meus dias, peço a Jesus abençoá-la sempre com todos os nossos.

A mamãe que tanto lhe deve e que lhe oferece um jardim de saudades com muitas e muitas rosas de esperanças e alegrias, sempre a mamãe agradecida,

Amélia do Nascimento Vasques.

Notas e Identificações

1 - *Martha lone* – Martha lone Vasques Guaraldo, filha, residente em Franca, SP, à Rua Antônio Corradini, 1246.

2 - *querida mãe Amélia Florisbela da Trindade (...)* porque para mim ela se fizera naqueles instantes minha verdadeira mãe. – Avó de D^a Amélia do N. Vasques, desencarnada em 1934.

3 - *de mãos dadas com a protetora sentia-me arrebatada (...)* flutuando à distância da paisagem terrestre. – Em processo de volitação, D^a Amélia foi levada a uma excursão de adestramento, utilizada pelos Benfeitores Espirituais em certas tarefas preparatórias para portadores de moléstias prolongadas que se aproximam da desencarnação. (Ver *Obreiros da Vida Eterna*, André Luiz, F.C. Xavier, FEB, cap. 12.)

4 - *estava em meu arbítrio fazer a opção: ficar com ela na vida espiritual ou regressar ao convívio dos meus entes queridos. (...) a protetora querida assim procedia depois de examinar a irreversibilidade de minha situação.* – Evidentemente, em face da irreversibilidade do seu estado de saúde, que era grave, D^a Amélia poderia ainda permanecer encarnada por muito pouco tempo. (Sobre a relativa fatalidade do instante da morte ver *O Consolador*, Emmanuel, F.C. Xavier, FEB, questão 146; e *Obreiros da Vida Eterna*, cap. 19.)

5 - *Sara Renata e Alessandra* – Netas, filhas do casal Martha lone e João Batista.

6 - *Martha Amélia* – Martha Amélia Vasques Ramos, filha.

7 - *João Batista* – João Batista Guaraldo, genro.

8 - *Maria, minha irmã* – Maria José do Nascimento Costa.

9 - *inauguração do "José de Anchieta"* – Nome da

sala de orações, situada numa casa anexa à residência de Martha lone, onde são realizados, semanalmente, estudos do "Evangelho" e administradas aulas de evangelização infantil.

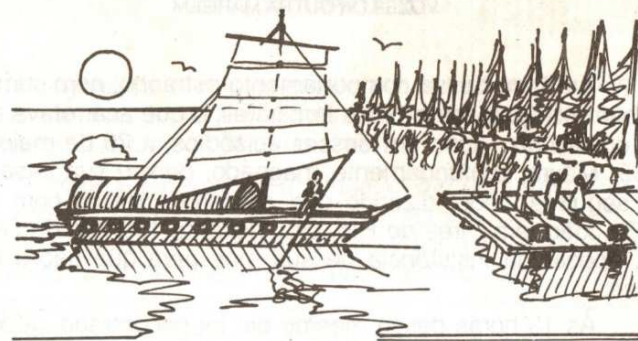
10 - *Renato e Romualdo* – Filhos.

11 - *sem esquecer da gratidão que devo ao seu pai André, que nos deixou para sermos mais juntas.* – André Vasques. "Meus pais estavam separados há 16 anos, mas sempre mantiveram muito respeito e amizade um pelo outro." – escreveu-nos Martha lone.

12 - *Amélia do Nascimento Vasques* – (Franca, SP, 28/9/1915 – 27 ou 28/8/1984) Formou-se em Belas Artes, integrando a 1^a Turma da Escola Profissional de Franca, hoje Escola Industrial Júlio Cardoso. De família católica, abraçou o Espiritismo tempos atrás, por ocasião de grave enfermidade.



Mauro Augusto Rocha



CAPÍTULO 7

IRMÃO REGRESSA CURADO E DESFAZ DÚVIDAS

Desde a infância, Mauro Augusto Rocha, caçula de uma irmandade de seis filhos, mostrou-se doentio, exigindo maior assistência de seus pais.

Ao entrar na escola, com 7 anos, não foi bem sucedido, revelando pequena capacidade de vontade e atenção, conseguindo frequentar apenas os dois primeiros anos, com pequeno aproveitamento.

Quando estava com 8 anos, seus pais, alertados pela professora, que via nele certa "alteração psíquica", levaram-no à consulta com vários médicos. E todos foram unânimes no diagnóstico: tratava-se, realmente, de uma doença mental, uma forma de esquizofrenia.

Apesar do tratamento realizado, por anos e anos, Mauro chegou à maioridade ainda mostrando-se fora da normalidade: com algumas manias, com mínimo contato social, permanecendo sempre em casa, e sem profissão. Após o passamento de seu pai, continuou a residir com a progenitora, em Goiânia, GO, hoje uma velhinha lúcida de 80 anos, pois nunca se interessou em casar-se.

Em face desse comportamento estranho, nem sempre foi bem compreendido pelos familiares, o que acarretava atritos ocasionais. Após um desses episódios, a 20 de maio de 1985, Mauro, profundamente magoado, deixou sua casa no dia seguinte, cedo, dizendo que passaria a residir com seu irmão João, em Pires do Rio, GO, distante 150 Km de Goiânia, apesar da insistência de sua mãe para que não a deixasse.

Às 13 horas desse mesmo dia foi encontrado caído, à beira da estrada, bem vestido e com os pertences mínimos que transportava, nas proximidades da cidade de Santa Cruz de Goiás, a 20 Km de Pires do Rio. Avisada a polícia, ela providenciou sua remoção a um hospital de Pires do Rio, onde chegou muito pálido e cansado, conversando com dificuldade, sem esclarecer como havia chegado até o local onde foi localizado.

Essa dúvida da família não foi elucidada, pois Mauro, piorando progressivamente, desencarnou na madrugada do dia seguinte, 22 de maio, aos 33 anos.

Como ele chegou até aquele local, apresentando-se tão enfermo? Era, de fato (dúvida de alguns familiares), doente mental?

Essas dúvidas só foram esclarecidas quase nove meses após o acontecimento, quando ele mesmo, pela psicografia de Chico Xavier, retornou do Mais Além, redigindo longa e minuciosa carta, em reunião pública do GEP, na noite de 15 de fevereiro de 1986. Os detalhes das questões abordadas, íntimas da família, foram tão precisos que provocaram forte emoção no destinatário, seu irmão João, que ao final da leitura da mesma, pelo médium, exclamou em voz alta: "O Espiritismo é uma verdade!"

A seguir, as palavras de Mauro:

Desejo falar aqui ao meu irmão João Nogueira Rocha e ao nosso querido sobrinho Cairo Nascente.

Agradeço a oportunidade que me concedeu para explicar-me, prezado João, depois que o meu coração não mais suportou o corpo complicado e doente.

Venho aprendendo a conhecer-me com mais segurança. Falo da personalidade que já deixei com os conhecimentos que me foram ministrados numa das escolas de reconhecimento para desencarnados em Palmelo, mas preciso alinhar as referências que faço, de modo a esclarecer os pontos obscuros de minha desencarnação.

Você, meu irmão, e o nosso Cairo se lembram de que não possuía constante lucidez para entender a vida. Acresce que, nos tempos últimos assinalava uma dor persistente no peito, o que me induzia a colocar a mão direita sobre o coração.

Mas os meus irmãos, notadamente a Sônia e o Rômulo, não conseguiam justificar aquela inércia ou apatia de que me achava sempre acometido, dentro de casa. Meus irmãos não podiam ter a penetração de nossa Mãezinha Cecília, cuja paciência para comigo excedia todos os limites. Escutava frases como estas: "O Mauro não trabalha porque não quer"; "Não se sabe até onde vai o nosso irmão com essas manias de doença, que são claramente imaginárias"; "Por que o Mauro se faz de perturbado tendo um cérebro sadio?"; "Que fazer para transformar-lhe a cabeça?" E eu ouvia tudo com revolta e com mágoa, porque me sentia incapaz de exercer qualquer função, ainda mesmo que fosse a de varredor. E apareceu-me a dor localizada no peito, que eu não sabia definir.

A mamãe Cecília, sempre me animando a confiar em Deus e reconhecer que meus irmãos não pronunciavam as frases, a que me refiro, unicamente por mal, mas buscando reanimar-me.

Num dia de Maio passado, do qual não me lembro, ouvi de novo os irmãos a me recriminarem para o meu pró-

prio bem e falei em voz alta que eu iria morar em sua companhia, em Pires do Rio. A Mãezinha Cecília me observou que não pensasse em sair assim de estalo, mas sem malas e sem retirar qualquer pertence meu, procurei a estrada dos caminhões que sabia seguirem sempre no rumo de Anápolis.

Sempre com a dor no peito, caminhei até a saída de Goiânia e um caminhoneiro de bom coração me viu pálido e a suar abundantemente. Perguntou-me se eu queria alguma providência. Disse a ele que precisava de uma carona para Pires do Rio, mas o amigo inesperado, cujo nome nem fiquei sabendo, me comunicou que não poderia me deixar em Pires e sim em Santa Cruz, de onde voltaria para novas tarefas. Aceitei; em Santa Cruz, despedi-me e agradei.

Passei a caminhar no rumo de Pires do Rio, sabendo que os quilômetros eram poucos, e fiz pequeno trecho a pé; no entanto, chegou um instante em que não pude senão cair na estrada e esperar. Pensei que aquela seria para mim a hora da morte e não me enganava, pois o meu desligamento do corpo estava tendo a bendita iniciação.

Pessoas de coração generoso se aproximaram de mim; contei que estava procurando a residência de meu mano João, com quem passaria a morar, até que fui levado a Pires do Rio e ainda pude tentar uma conversa com você. Quando disse que teria ido a pé, queria referir-me ao fato de haver começado a minha jornada a pé, de Santa Cruz para a frente, mas não consegui meios de falar com clareza.

O resto, você e o Cairo já sabem, a desencarnação apareceu mesmo e, na hora extrema, reconheci o Papai Nazareno a meu lado.

Peço dizerem à nossa Mãezinha Cecília que estou bem amparado e roguem aos meus irmãos me perdoarem o trabalho constante que lhes dei. Compreendo que ninguém

me ofendeu e, sim, reconheço que todos os nossos me queriam liberto da apatia e da zonzeira, de que fui portador.

Estou melhor e mais forte, e Deus me auxiliará a ser útil aos nossos.

Sei que você perdeu um filho, mas ainda não puderam permitir a minha visita a ele, mas formulo votos para que você, como nosso estimado Cairo, e toda a nossa querida família, estejam usufruindo saúde e paz, encorajamento e felicidade.

Sou muito grato à Mãezinha Cecília por desejar conhecer as minhas notícias e peço a ela para que me abençoe.

Lembrem-me aí com a bênção da oração. Isso me será de grande valia.

E recebam, querido João e querido Cairo, um grande abraço do

Mauro Augusto Rocha.

Notas e Identificações

1 - João Nogueira Rocha – Irmão, residente à Rua Manoel Gonçalves de Araújo, nº 10, Pires do Rio, GO.

2 - Cairo Nascente – Cairo Nascente Rocha, sobrinho (filho do sr. João), estudante de Direito em Uberaba.

3 - Falo da personalidade que já deixei – Após 33 anos de uma vida física de provação, padecendo grave e limitante enfermidade mental – conseqüente de traumas adquiridos em existências passadas, localizados basicamente no cérebro perispiritual –, Mauro conseguiu a almejada cura numa instituição localizada na região espiritual da cidade de Palmelo, muito próxima de Pires do Rio. (Ver Entrevistas,

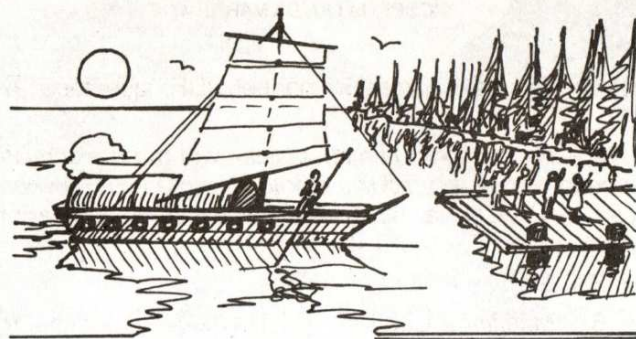
Francisco Cândido Xavier/Emmanuel, IDE, questões 27 e 99.)

4 - *nos tempos últimos assinalava uma dor persistente no peito, o que me induzia a colocar a mão direita sobre o coração.* – D^a Cecília, sua progenitora, confirma esta informação.

5 - *Sônia e Rômulo* – Irmãos.

6 - *Mãezinha Cecília* – Cecília Nogueira Rocha, residente em Goiânia.

7 - *Papai Nazareno* – Nazareno Rocha, desencarnado em Goiânia, com 61 anos, a 14/11/1970.



CAPÍTULO 8

“AS LEIS DE DEUS SE CUMPREM NO REGIME DE MATEMÁTICA QUE NÃO CONHECEMOS”

“A manhã de 3 de julho de 1982, sábado, despontou clara e fresca, auspiciosa para os que, de bem com a vida, se entregassem aos divertimentos sadios.

Paulo Fernando e Luís Roberto estavam entre eles e partiram cedo para as imediações do aeroporto de Franca onde, se reuniram aos companheiros para a pelada de futebol.

Praticaram o exercício até por volta das onze horas, quando se dispuseram a retornar. Paulo tomou a direção do carro que dias antes recebera de presente dos pais e, com Luís ao lado, partiu pela estradinha de terra entre o campo e a rodovia pavimentada, tranquilamente, seguido pelos colegas que vinham logo atrás.

Quase não havia trânsito na estrada. Ninguém seguia em alta velocidade e, no entanto, de repente, o veículo dos jovens ziguezagueou, saiu pelo acostamento, cruzou a pista e foi de encontro a um poste precisamente colocado para recebê-lo.

Com o choque, o carro capotou, tendo as ferragens



Luís Roberto Haddad França e seu irmão Paulo Fernando.

prensado exatamente as cabeças dos dois jovens, de maneira fatal.

Perplexos, os colegas estacionaram ao lado, presenciando a mais estranha ocorrência de suas vidas: um acidente tão banal, de consequências tão funestas.

Paulo Fernando era um jovem com 19 anos de idade, feliz, tranqüilo, auferindo todo o gosto que tinha pela vida. Colecionador de vitórias e medalhas em variados esportes. Respeitado e amado pelos colegas na Faculdade de Engenharia de São José do Rio Preto, SP, onde cursava o terceiro ano, sendo o mais jovem da turma e, no entanto, um dos mais aplicados e destacados nos estudos. Filho e irmão amoroso, era humilde e liberto de qualquer vício, mesmo dos mais corriqueiros.

Luís Roberto, com 15 anos, era na realidade um adulto em suas inquietações, no extremado amor pela família, no alcance excepcional de sua percepção dos fatos e das ocorrências ao redor e, particularmente, na angústia que revelava pelo conhecimento antecipado de algo traumatizante que um dia viria a ocorrer. Passando muitas vezes por crises emocionais que chegaram a perturbar por algum tempo sua escolaridade e seu relacionamento com o mundo exterior, jamais confessou a natureza daquilo que o angustiava. Fiel companheiro da mãe, mostrava a todo instante sua afinidade por ela, o que veio a confessar depois, na mensagem psicografada por Chico Xavier: "a busca dos corações que se pertencem pelas afinidades que a Eternidade acalenta".

Em nenhum momento os familiares duvidaram das razões relevantes que cercavam aquela ocorrência fatal. Cumpria procurar essas razões e compreendê-las, e elas foram e vão se revelando paulatinamente à luz do raciocínio, dos ensinamentos recebidos, do estudo do Evangelho e da evidente e constante assistência dos guias espirituais.

E a vida de todos se mostra cada vez mais bela e gratificante.

Havia a necessidade de um testemunho. Testemunho de fé, de resignação, de coragem, de compreensão da necessidade de viver e valorizar a vida. Testemunho que pudesse tocar a sensibilidade de corações ainda não despertos para as grandes verdades evangélicas. Testemunho da busca do Amor Maior, do amor de inteira doação e não de posse, que nos leva a aceitar os entes que amamos como criaturas de Deus e não objetos de nossa propriedade.

A família vem procurando dar esse testemunho.

A mensagem de Luís Roberto veio por bondade de Deus para amenizar as saudades imensas e confirmar o acerto das convicções: Paulo e Luís estão bem e trabalham ardorosamente em benefício da humanidade. No plano em que se encontram esperam pela família e pelos companheiros que hão de fazer por merecerem o reencontro que por certo virá."

Esta a narrativa-depoimento do pai dos jovens, engenheiro Dr. Maurício Costa França, casado com D^a Janete Haddad França, residentes em Franca, SP, enviada a nós com vistas a este livro, em julho de 1986, e que, certamente, nos auxiliará em nossas meditações em torno do sofrimento e da evolução espiritual da humanidade.

A carta de Luís Roberto, recebida em reunião pública, na noite de 28 de abril de 1984, e que muito esclareceu e atenuou as saudades de seus familiares foi assim redigida:

Querida mãezinha Janete, associo o seu coração querido ao papai Maurício para rogar-lhes a bênção.

Venho, com o vovó Nagib, pedir-lhe para que não chore tanto.

Mãe, é preciso erguer o pensamento a Deus e confiar em dias melhores. Senti muito não haver podido permanecer

mais tempo ao seu lado, na Terra, mas, a verdade é que, o Paulo e eu, viemos ao mundo por pouco tempo.

Aquela capotagem, quando o nosso Paulo procurava localizar um carretel de música no aparelho, foi a desculpa. A desencarnação nos atingiria de qualquer modo. As Leis de Deus se cumprem no regime de Matemática que não conhecemos e, por isso, peço-lhes conformação e calma.

Quando o carro tombou totalmente, vendo a expressão daqueles que me rodeavam, esforcei-me, ainda, por retomar o corpo que o acidente inutilizara, principalmente para agir, de algum modo, em auxílio ao Paulo, mas tudo baldado. O corpo não me atendeu e não pude senão recordar as nossas preces e repeti-las no íntimo, preparando-me para o que nos pudesse acontecer.

A verdade é que não mais vi os meus como desejava e curvei-me com reverência ao Eterno Pai, cujos desígnios são sempre justos para com todos nós.

Creia que me senti no vazio ao perceber que não mais conseguiria rever a família, mas não tive tempo para longas reflexões porque um sono estranho se me apossou de todas as energias e desmaiei, ao reconhecer-me incapaz de falar ou de agir no sentido de reconfortá-los.

Desde a pressão das ferragens sobre nós, registrei a presença de duas mãos que me afagavam e só ao despertar notei que me achava diante de uma benfeitora que se me deu a conhecer por vovó Maria Cândida, de quem recebi cuidados maternos.

Sem dúvida, não me sentia eu próprio. Delirava. Chamava por todos da família, na ilusão de que fora conduzido a certo posto de socorro, porém, a única resposta era o sorriso silencioso da senhora que me auxiliava sem reclamações.

Depois de dois dias, após o nosso despertar, referindo-me ao Paulo e a mim, fomos transportados para uma clí-

nica de socorro, não longe da nossa cidade, onde Paulo e eu fomos cirurgiados na cabeça e nas regiões lesadas pelo choque havido. Soube, então, que estávamos amparados pelos médicos Dr. Antônio Ricardo Pinho e Dr. Júlio Costa, benfeitores da comunidade francana.

Em pouco tempo nos reconhecíamos perfeitamente bem, mas começaram as saudades a se me acumularem no peito.

Segundo pode verificar, querida mamãe, o nosso suplicio moral foi intenso, mesmo porque, nem o Paulo nem eu, estávamos preparados para aquele embate de forças que nos renovou de momento para outro.

Eu, pessoalmente, não temia a morte, porque algo me dizia ao coração que o meu tempo na Terra seria curto.

Chorei com saudades de seu carinho, da bondade do papai Maurício e da ternura das irmãs; no entanto, recorri às orações e aos poucos me fortaleci novamente.

Hoje venho com o vovô Nagib pedir-lhe, — repito — resignação e coragem.

Temos a Maura e a Flávia para zelarmos pelas duas, não obstante a Maurinha já haver tomado novo estado no casamento. Apesar disso, ela é muito sensível e precisamos auxiliá-la no trânsito da vida. Quanto à Flávia, era meu desejo revê-la nos estudos em São José do Rio Preto; no entanto, não devemos violentar-lhe o livre arbítrio. Esperemos que ela própria se manifeste em momento oportuno.

Mãezinha Janete, estou agradecido pela sua resolução de me procurar nas tarefas da beneficência. Muitas vezes escuto-lhe a voz a chamar por nós quando estende um prato de sopa aos necessitados e me regozijo por sabê-la fortalecida no espírito da caridade. Muito obrigado, mãezinha.

Se muitos filhos estão voltando para a Pátria Espiritual, necessitamos multiplicar o número de mães que se dis-

ponham a servir no trabalho do amor ao próximo, que é o nosso mais seguro ponto de reencontro.

O Paulo também lhe agradece e queremos dizer que todo o seu esforço em auxiliar os infelizes mais nos aproxima do seu coração querido, que hoje desfruta de uma compreensão mais clara da vida.

O acidente está esquecido. Não mais lágrimas e sim esperanças novas de servir com muito amor aos nossos companheiros de Humanidade.

Mãezinha, escrevi tanto, mas pode crer que isso tudo faz parte da busca dos corações que se pertencem pelas afinidades que a Eternidade acalenta.

Envio muitas lembranças às irmãs e ao papai Maurício, de quem não nos esquecemos, e peço-lhe ficar tranqüila a nosso respeito.

A vovó Maria Cândida tem sido aqui a nossa enfermeira e benfeitora providencial.

Não posso ser mais extenso, por isso aqui encerro esta carta que escrevo sob a estranheza da renovação a que fomos trazidos, mas, esteja certa querida mãezinha, de que foi, é e será sempre seu o coração de seu filho,

Sempre seu

Luis Roberto Haddad França.

Notas e Identificações

1 - vovô Nagib — Nagib Haddad, tio-avô, desencarnado em São Paulo, SP.

2 - vovó Maria Cândida — “Julgamos tratar-se da bisavó materna Vovó Candinha que, todavia, assinava Cândida Augusta de Lima.”

3 - fomos cirurgiados na cabeça e nas regiões lesa-

das pelo choque havido. – Observa-se que, mesmo após a desencarnação, o corpo espiritual (ou perispírito) pode apresentar lesões nos órgãos ou regiões correspondentes aos mesmos locais traumatizados do corpo físico, exigindo tratamento médico, inclusive cirúrgico. [Ver casos semelhantes na obra *Caravana de Amor* (Espíritos Diversos, F.C. Xavier, H.M.C. Arantes, IDE): cartas de José Rogério Silva Freire, cap. 4, nota 6; e de Cândido Luiz Cintra, cap. 2, que diz à página 31: "(...) não sou melhor do que meus companheiros, pois compartilho dos esforços de minha turma constituída de rapazes acidentados. Alguns sofrem ainda os traumas da desencarnação violenta por choque de máquinas, (...)."]

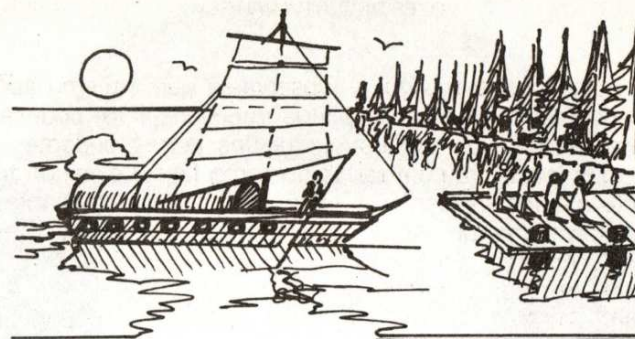
4 - Dr. Antônio Ricardo Pinho e Dr. Júlio Costa – Médicos desencarnados, pertencentes a famílias tradicionais de Franca.

5 - algo me dizia ao coração que o meu tempo na Terra seria curto. – A bênção da premonição, sob a supervisão de Benfeitores Espirituais, preparava seu íntimo para a prova da desencarnação precoce.

6 - recorri às orações e aos poucos me fortaleci novamente. – Aqui, Luís Roberto confirma, com sua experiência pessoal, a importância da prece, pois "orar é identificar-se com a maior fonte de poder de todo o Universo, absorvendo-lhe as reservas e retratando as leis da renovação permanente que governam os fundamentos da vida." (Emmanuel, F.C. Xavier, *Pensamento e Vida*, FEB, cap. 26.)

7 - Maura e Flávia – Irmãs.

8 - trabalho do amor ao próximo que é o nosso mais seguro ponto de reencontro. – Evidentemente, Luís Roberto consegue autorização de seus Mentores para participar de trabalhos assistenciais nos quais sua mãe também colabora, quando então permanecem mais tempo juntos.



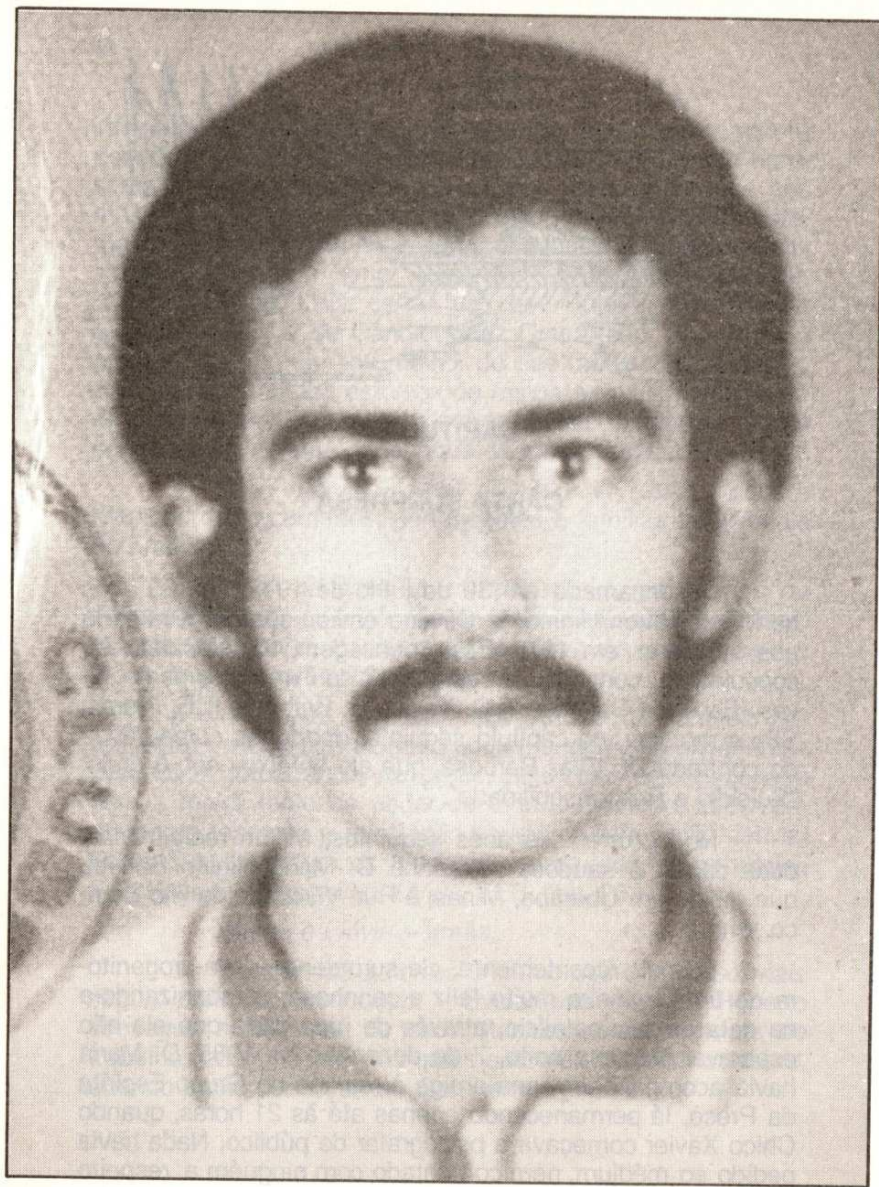
CAPÍTULO 9

CARTA SURPRESA

Desencarnado em 30 de julho de 1972, aos 25 anos de idade, Milton Higino de Oliveira enviou sua primeira carta aos familiares em 1978. Essa mensagem, tão elucidativa e consoladora, constituiu o capítulo 17 do livro *Claramente Vivos* (Espíritos Diversos, F.C. Xavier, E. Barbosa, IDE, Araras, SP) e motivou, no capítulo seguinte, oportunos comentários do confrade Dr. Elias Barbosa, que ele enfeixou sob o título: "Suicídio e Responsabilidade".

No decorrer dos anos seguintes, Milton redigiu mais duas cartas à saudosa mãezinha D. Maria Higino Batista, que reside em Uberaba, Minas, à Rua Visconde do Rio Branco, 41.

E, mais recentemente, ele surpreendeu sua progenitora de uma maneira muito feliz e carinhosa, parabenizando-a na data de seu natalício, através de uma carta que ela não esperava! Naquela noite, 7 de dezembro de 1985, D. Maria havia acompanhado uma amiga à reunião do Grupo Espírita da Prece, lá permanecendo apenas até às 21 horas, quando Chico Xavier começava a psicografar de público. Nada havia pedido ao médium, nem comentado com ninguém a respeito



Milton Higino de Oliveira

de seu aniversário. Voltou para casa e dormiu. A 1,30 h da madrugada foi acordada pelo Dr. Eurípedes Higino dos Reis, seu sobrinho, portador da carta surpresa, psicografada naquela mesma reunião, assim redigida:

Querida Mamã,

Aqui estou, com muita vontade de surgir na melhor classe, para entregar-lhe os meus parabéns pelo seu querido aniversário.

Não tenho flores para enfeitar o seu maravilhoso dia, mas tenho uma bênção que hoje cultivo carinhosamente: a bênção de minha prece a Jesus por sua saúde e felicidade.

Mãe, acompanhei o seu tratamento e o de nossa Ipe. Tudo OK. Agora continue cuidadosa consigo e a Ipe também.

Ninguém melhor do que eu pode avaliar a importância do corpo que Deus nos concede para viver.

Notícias existem muitas; entretanto, para mim hoje é a de seu aniversário.

Transmito ao papai e aos nossos em casa os meus votos de paz e alegria. Para o seu abençoado coração as saudades e os agradecimentos do seu filho,

Sempre o seu

1000 ton

Milton Higino de Oliveira

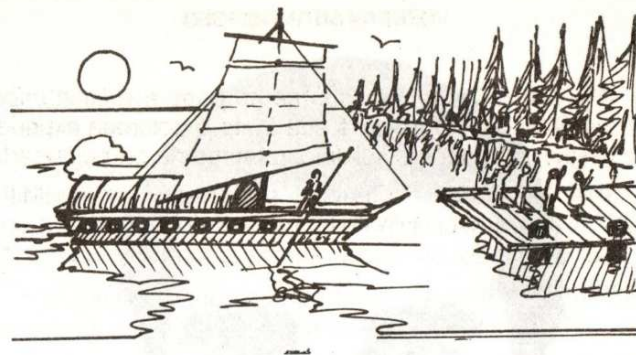
Notas e Identificações

1 - *Mãe, acompanhei o seu tratamento* – Recentemente, D. Maria havia se submetido a delicado tratamento médico, permanecendo inclusive hospitalizada por alguns dias.

2 - *Ipe* – Carinhoso apelido de sua irmã Maria Eurípedes Higino de Oliveira.

3 - *Ninguém melhor do que eu pode avaliar a importância do corpo* – Refere-se à sua triste e dolorosa experiência no Mais Além, após o suicídio, relatada na primeira carta.

4 - *1000 ton* – Quando encarnado, assim Milton sempre assinava seus bilhetes. Nas anteriores cartas mediúnicas também não se esqueceu de imprimir essa curiosa “marca registrada”.



CAPÍTULO 10

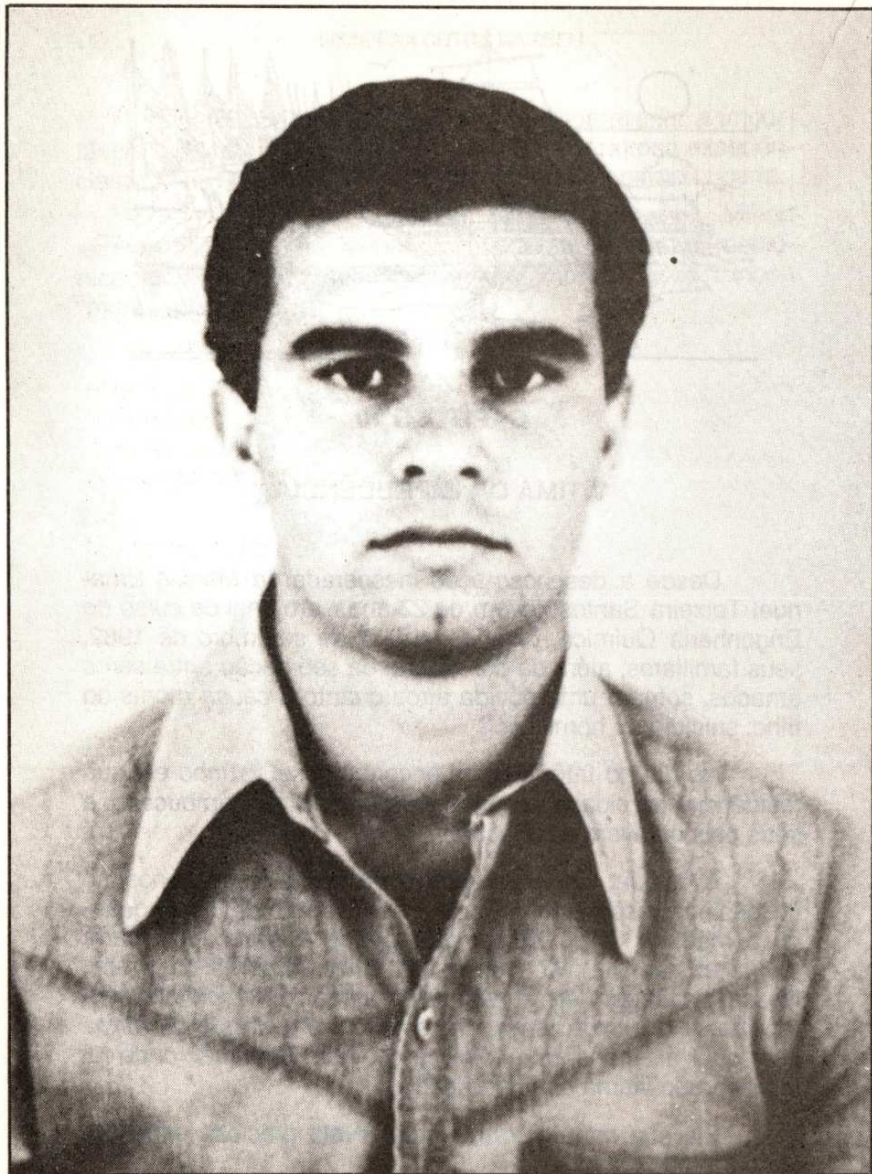
VÍTIMA DA IMPRUDÊNCIA

Desde a desencarnação inesperada de Marcos Emanuel Teixeira Santos, jovem de 23 anos, em final de curso de Engenharia Química, ocorrida em 12 de setembro de 1982, seus familiares, além da dor natural da separação entre seres amados, sofriam uma dúvida atroz quanto à *causa mortis* do filho: suicídio ou homicídio?

No dia do fato, Marcos encontrava-se sozinho em sua residência, na cidade de Arcoverde, interior pernambucano, e seus pais estavam em Recife.

A dúvida, que se arrastava há quase quatro anos, só foi desfeita recentemente, aos 7 de fevereiro de 1986, quando o médium Chico Xavier psicografou esclarecedora carta do jovem, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece. Nessa mensagem ele se apresenta ainda como convalescente, apesar do longo tempo transcorrido, em virtude da forma pela qual ele transpôs a barreira da Vida Espiritual, onde foi considerado vítima da imprudência.

Eis sua carta-narrativa, que revela preciosa experiência para todos nós:



Marcos Emanuel Teixeira Santos

Querida mãezinha Edite e meu querido pai José Nunes, abençoem-me perdoando o trabalho que lhes dei.

Não devo pormenorizar a minha situação, diz a vovó Severina, que está em minha companhia, para não reavivar a ferida mental que está cicatrizada, mas cicatrizada levemente.

A solidão daquela noite triste talvez tenha colaborado para que eu cásse na cilada armada por mim mesmo.

Quando recebi o recado que me enviaram do Recife para lhes enviar a encomenda que haviam esquecido no quarto, decidi-me verificar o material que me competia despachar e encontrei o revólver que jazia entre os pertences que passariam à minha responsabilidade.

Tomei a arma com o intuito de estudá-la porque já ouvira diversos colegas falar em roleta russa em Campina Grande.

Com o revólver na mão direita, fitei o retrato da noiva, com quem havia desmanchado os meus compromissos numa hora de conflito entre nós e o quarto me pareceu tão grande que me parecia o mundo grande a que supus não mais pertencer.

Naquele silêncio de Arcoverde, para evitar o desejo de morrer, que estava começando dentro de mim, pensei em tomar qualquer condução para Caruaru ou para Campina Grande, na idéia de fugir de mim mesmo.

O revólver, porém, me fascinava. Não queria praticar o suicídio, sinceramente digo isso, mas perguntava a mim próprio como seria o suicídio se viesse a praticá-lo.

Deitado, encostei o cano da arma em meu ouvido, mas notei que a peça me dobrara a orelha e procurei fazer o movimento preciso para recolocar a minha orelha em posição natural; entretanto, nisso aconteceu o inesperado. Ao voltar-se o pavilhão de meu ouvido para a condição natural, o gati-

lho sensível funcionou de repente e o projétil me atravessou a cabeça.

Num gesto quase desesperado para pedir socorro a quem me pudesse escutar, não mais encontrei a palavra ao meu dispor e, na tentativa de soerguer-me, o revólver caiu de leve de minha mão para acolher-se entre as minhas pernas.

Esta é a realidade do que me sucedeu. Lamento a minha intenção indébita de conhecer a arma encostada em minha cabeça, mas não estou racionalizando e sim expondo a verdade aos queridos pais.

A polícia poderá reconstituir o que me aconteceu e verificará que a arma descera de leve da mão para o corpo que não mais consegue se levantar.

Encontrei em minha avó Severina uma benfeitora maternal e peço me perdoarem a leviandade de rapaz sob o desaparecimento de uma ligação desfeita.

Envio abraços aos meus irmãos e agradeço à mãe-zinha Edite quanto vem fazendo para auxiliar-me em espírito.

Estou na posição de um convalescente que se encontra na Vida Espiritual, fichado na posição de vítima da imprudência.

Daqui para diante, dar-me-á Jesus o amparo que eu preciso na correção do que fiz por merecer.

Envio muitas lembranças para Leninha e peço aos queridos pais José Nunes e Edite perdoarem o filho que lhes promete trabalhar para lhes receber a bênção, com mais esperança, no entanto, com o amor sempre maior de meu coração.

Sempre o filho reconhecido,

Marcos Emanuel Teixeira Santos.

Notas e Identificações

1 - *Edite e José Nunes* – Edite Teixeira Nunes e José Nunes Santos, seus pais, residentes na Praça da Bandeira, 23, Arcoverde, PE.

2 - *vovó Severina* – Severina Teixeira de Lima, avó materna, desencarnada a 17/12/1970.

3 - *ferida mental que está cicatrizada, mas cicatriza da levemente. (...) estou na posição de um convalescente que se encontra na Vida Espiritual, fichado na posição de vítima da imprudência.* – Como observamos, Marcos sofreu sérias consequências de sua imprudência, que o levou à morte física prematura, caracterizando um suicídio indireto, carecendo ainda de tratamento médico no Mundo Maior. (Ver *Nosso Lar*, André Luiz, cap. 4 e *Religião dos Espíritos*, Emmanuel, cap. 48, ambos de F.C. Xavier, FEB.)

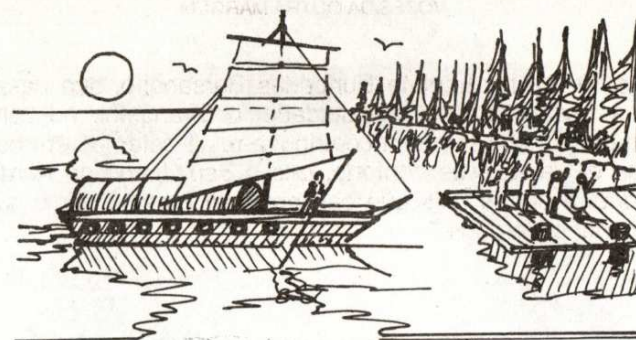
4 - *Campina Grande* – Cidade paraibana onde ele cursava Engenharia Química.

5 - *Caruaru* – Cidade pernambucana onde reside a família materna.

6 - *Leninha* – Noiva.

7 - Em resposta ao nosso pedido de incluir as palavras de Marcos nesta obra, o sr. José Nunes escreveu-nos, em atenciosa carta datada de 17/4/86: "Estamos anexando à presente a mensagem que nos trouxe um pouco de paz interior, pois tínhamos dúvidas sobre o ocorrido, se suicídio ou homicídio. Não se levantou forte suspeita de homicídio porque não foram encontrados vestígios de violência, nem houve roubo. E suicídio, ninguém acreditava, pois nosso filho era uma criatura que gostava muito da vida: bom filho, estudioso, esportista de várias modalidades, motoqueiro, cercado de grande círculo de amizades. (...) Chico Xavier nos proporcionou a Verdade e nos confortou com palavras amigas e fra-

temas. O Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, que passamos a freqüentar com assiduidade, o Evangelho no Lar e apoio dos irmãos também contribuíram. Já estamos em condições de levar esse conforto, que o Espiritismo de Kardec nos deu, a outros pais que passam pela mesma dor e querem sentir a Verdade."



CAPÍTULO 11

DIÁLOGOS ÍNTIMOS

Após um acidente de automóvel, Marco Antônio da Silva foi hospitalizado numa Clínica Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde se submeteu a delicada cirurgia de crânio, mas não evoluiu bem, vindo a falecer cinco dias depois, aos 11 de abril de 1984, de parada cardíaca.

A sua desencarnação deixou esposa, pais e demais familiares inconsoláveis. Porém, transcorridos nove meses, seu pai, sr. José Maria Campos da Silva, estimulado pela filha Aurea, que na época era a única simpatizante do Espiritismo na família, dirigiu-se a Uberaba, e nessa primeira viagem reencontrou-se com o filho querido, pela psicografia de Chico Xavier, ao participar de uma reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na noite de 25 de janeiro de 1985.

Com carinhosa e elucidativa carta, Marco conseguiu levantar o ânimo de toda a família, revelando-se unido a todos, espiritualmente, *na luz da fé em Deus*. Em poucos meses, ele já havia superado as grandes e habituais dificuldades iniciais de adaptação, mostrando-se muito conformado e confiante.

E em cartas subseqüentes, datadas de 16 de maio e



Marco Antônio da Silva

31 de agosto de 1985, como veremos adiante, sentindo-se mais à vontade com o correio mediúnico, ele adentra com muita naturalidade em questões pessoais e familiares, integrando-se mais e mais com seus entes queridos, em proveitosos e fraternais diálogos íntimos.

PRIMEIRA CARTA

Meu querido pai José Maria, lembrando-me da mãezinha Eunice, peço-lhes para que me abençoem.

Papai, venho até aqui com o meu avô Camilo e com a vovó Maria Campos, para dizer-lhes que tudo segue corrimo na luz da fé em Deus.

Maria Creuza e a nossa Camilinha estão em meu pensamento e lastimo a parada cardíaca que me liberou da experiência física, porque tanto desejava prosseguir com a família; no entanto, meu avô Camilo me faz refletir nas Leis Divinas que escolhem o melhor para nós e não tenho razão para me queixar.

Não sabia que a Bondade Celeste me reservaria afeições tão queridas deste outro lado da existência, mas vejo que em Capelinha tesouros de amor nos estão endereçados, com os meus avós e parentes queridos. Isso não me faz esquecer os meus deveres de filho, esposo e pai; no entanto, sinto-me mais corajoso para enfrentar os dias que hão de vir.

Peço-lhe, meu pai, reconfortar a nossa estimada Creuza e proteger a nossa pequenina, tanto quanto isto se lhe faça possível. Sei que o senhor não se descuidará desse amparo que vem a ser amparo a mim próprio e agradeço-lhe, pedindo a Jesus o recompense.

Meu intuito é apenas o de tranquilizá-los e rogo à Maria Creuza fé em Deus e confiança na vida, na certeza de que Deus nunca falha. Com a esperança em dias melhores,

o ambiente que ainda persiste, com a nossa separação temporária, se fará mais claro e promissor.

Pai querido, com o meu beijo à filhinha e todo o meu amor à esposa querida, envio lembranças ao Carlos Henrique e, reunindo a sua bondade com a bondade da mãezinha Eunice, beija-lhes, reconhecidamente, as mãos, o filho agradecido, muito agradecido de sempre,

Marco Antônio da Silva.

Notas e Identificações

1 - *pai José Maria e mãezinha Eunice* – Seus pais, José Maria Campos da Silva e Eunice Salerno da Silva, residentes na Av. Suburbana, 1496, Bloco 3, Entrada B, Apart. 304, Bairro Benfica, Rio de Janeiro, RJ.

2 - *avô Camilo* – Camilo Antônio da Silva, avô paterno, desencarnado em 03/4/1978.

3 - *vovó Maria Campos* – Maria Campos, avó paterna, desencarnada em 27/5/1926.

4 - *Capelinha* – Cidade mineira, berço natal da família paterna.

5 - *Creuza e nossa pequenina* – Maria Creuza de Andrade da Silva, esposa, e Camila Andrade Silva, com um ano e três meses de idade na época da desencarnação de seu pai.

6 - *Carlos Henrique* – Carlos Henrique da Silva, irmão.

7 - *Marco Antônio da Silva* – Nasceu em 13/4/1955. Era subgerente de grande laboratório farmacêutico. Contou-nos seu progenitor que Marco, embora católico, gostava de ler livros espiritualistas, inclusive espíritas. Esses livros foram encontrados em sua biblioteca, atrás de outras obras, pois o filho os escondia para não contrariar seu pai, que condenava

tal leitura. “– Pela minha formação religiosa eu não os aceitava” – afirmou-nos sr. José Maria, nas dependências do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba. “– Só mudei de opinião com o recebimento das cartas mediúnicas. Eu vim pela dor.”

8 - Para melhor entender o tema central da Segunda Carta, é útil esclarecer que o irmão Carlos Henrique, Carlinhos na intimidade, achou que Marcos havia se esquecido de seus irmãos, não os mencionando na Primeira Carta, pois interpretou a frase: *lembranças ao Carlos Henrique* como um recado dirigido a um amigo, gerente de Banco.

SEGUNDA CARTA

Meu querido pai José Maria e querida mãezinha Eunice, estas minhas páginas não possuem qualquer reclamação.

Desejo apenas esclarecer ao meu querido irmão Carlinhos que não me tornei desmemoriado diante da morte. As mudanças são muitas nesta vida diferente a que as circunstâncias me trouxeram, mas não me esqueci dos familiares queridos.

O Carlos Henrique, que mencionei em meu comunicado, é ele mesmo. Carlinhos é sempre Carlinhos e não devemos esquecer isso. Escrevendo para a família numa sala repleta de gente simpática, mas efetivamente desconhecida, coloquei, em meu noticiário de afetivos, gestos que me tornaram um tanto cerimonioso, sem necessidade. Agora mais integrado neste grupo fraterno, posso chamá-lo pelo nome familiar de meu irmão Carlinhos, embora sem desprezar o nosso amigo Carlos, do Banco.

Informo ainda ao estimado mano que temos quatro irmãs que nomearei na pauta da nossa intimidade. A gorda, por trazer algum peso a mais; a amarela, porque traz consigo traços das flores amareladas; e a Áurea e Janete que recusaram os nossos apelidos.

Certidão de Identidade, o Carlinhos poderá consultar em nossa casa mesmo; e não preciso agora esclarecer que estou vacinado, porque o corpo não me permite atualmente. E como deixei aí a nossa querida Maria Creuza e a nossa Camilinha, esposa e filha sempre queridas, não preciso reportar-me à maioridade.

Isso não vale por repreensão, mesmo de leve, porque somos irmãos de alma e coração, sem qualquer nuvem prevendo rixas.

Acontece que, em me comunicando aqui pela primeira vez, era eu recruta inexperiente, desejando demonstrar algum traço de educação e de inteligência.

Agora, espero que ficaremos novamente em paz um com o outro, muito embora as nossas vidas em planos diferentes. Desejo ao Carlinhos muito progresso nas tarefas que abraçar e conto com ele para que a nossa Camilinha possa crescer tão bem como sempre desejávamos.

Querido papai José Maria e querida Mãezinha Eunice, com a minha querida esposa, recebam o abraço muito saudoso do filho que lhes pertence em nome de Deus,

Marco Antônio da Silva.

Identificações

9 - A gorda – Sua irmã, Maria das Graças.

10 - a amarela – Sua irmã Sandra.

11 - Áurea e Janete – Irmãs.

TERCEIRA CARTA

Meu querido pai José Maria e querida mãezinha Eunice, muito grato pelo carinhoso cuidado com que me vestiram as idéias e as palavras para conhecimento dos irmãos de tra-

balho e de ideal. O salmo 23 de David foi sempre o meu recanto predileto nas letras bíblicas, e a inclusão dessa peça em minhas pobres notícias foram para mim motivo de muita alegria e bom ânimo para trabalhar.

Prossigo para a frente, não mais fixando a memória naquelas horas de expectativa que me antecederam a desencarnação. Aquele piso de corredor que me fizera uma antecâmara de amargar, mas, por fim, a cirurgia que me antecipou o passaporte para a grande viagem foi um barato de vinte e cinco mil mangos, que poderiam ter sido aproveitados na educação de nossa Camilinha, quando o cheque e o tempo adequado fariam a realização dos meus sonhos de ver a filha querida com amplo domínio nas matérias que lhe farão a cultura da inteligência.

Entretanto, o que foi não mais será e aqui estou para reafirmar os meus votos de felicidade à Maria Creuza, a esposa dedicada, e à filhinha, que se desenvolve com os encantos da flor humana que eu tanto desejava acompanhar. Apesar disso, procuro segui-la e auxiliar-lhe os passos iniciantes na vida, tanto quanto mantendo o otimismo e a esperança na companheira querida.

Não vou escrever muito, porque a turma está sem tempo de fazer um tempo igual ao de ontem à noite, quando me retirei do fim da fila, e todas as caudas de filas são pontos de incerteza em que o “sim” e o “não” se misturam a cada hora que se escoia.

Desejava trocar as nossas saudades e isso creio que esta carta nos fará o obséquio de realizar. Saudades aliviadas, voltam a crescer e doer no dia seguinte a cada reencontro entre os que se amam e por isso, esperemos o amanhã para vermos como isso é uma verdade patente.

A gente fala e ouve, e depois quer ouvir mais e falar amplamente. Por isso fico por aqui, com o meu carinho à nossa querida Maria Creuza e à nossa Camilinha, e lembran-

ças ao Carlinhos, meu irmão, e um abraço para a Gorda e para a nossa estimada Amarela, junto de Áurea e Janete.

Aqui me perguntaram porque apelidei a Maria das Graças com o nome de Gorda e apelei para o humor, afirmando que todas as pessoas pertencentes às graças da vida não podem ser magricelas; e se nomeio a Sandra com o apelido de Amarela, é porque a querida irmã traz no peito um coração de ouro amarelo, qual derivado da luz solar. Creio que me saf bem, porque as irmãs queridas são todas notáveis pelo carinho e pela bondade de sempre.

Meu querido pai José Maria, não considere esta carta um noticiário estreito, porque senão cansaremos em demasia os amigos que nos acolhem e receba, com a Mãezinha Eunice, o amor imenso, com as imensas saudades do filho que pede a Jesus os conserve sempre mais unidos e mais felizes, sempre o filho e companheiro muito grato,

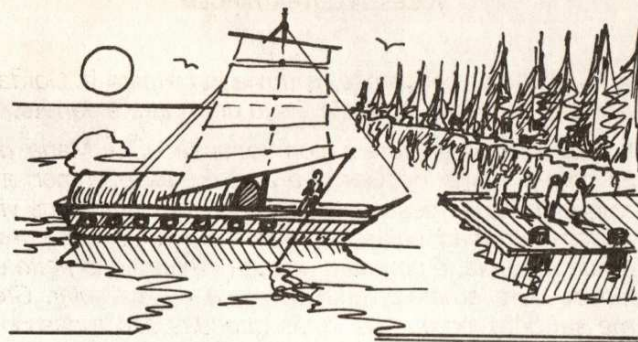
Marco Antônio da Silva.

Notas

12 - *carinhoso cuidado com que me vestiram as idéias e as palavras* – Refere-se à impressão gráfica das suas duas primeiras cartas mediúnicas. No preâmbulo da Segunda foi colocado o Salmo 23 de David, por sugestão da esposa, página que ele sempre lia à noite.

13 - *vinte e cinco mil mangos* - Marco sempre usava a gíria *mango* para se referir a dinheiro. Na época, a Clínica cobrou 25 milhões de cruzeiros (vinte e cinco mil cruzados) pela cirurgia realizada.

14 - *ontem à noite, quando me retirei do fim da fila* – Naquela época, havia reunião pública às sextas-feiras no GEP, quando ele não conseguiu redigir sua carta.



CAPÍTULO 12

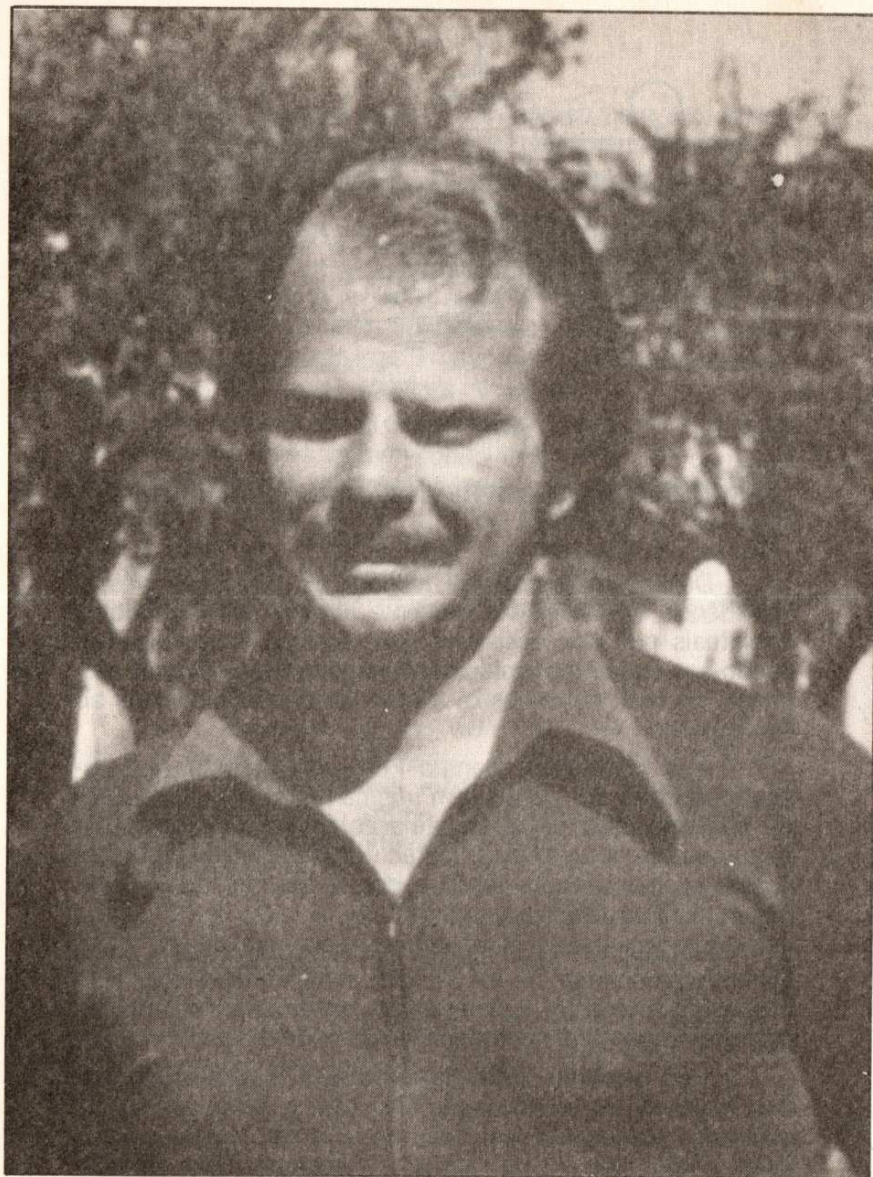
DESENCARNAÇÃO IMPREVISTA, QUASE UM SONHO...

Desencarna-se de mil modos... E, em todos eles, a Providência Divina se faz presente através dos Benfeitores Espirituais que nos assistem com técnicas especializadas, dando-nos forças e orientação no instante dessa Grande Mudança, na qual deixamos o veículo físico e regressamos ao Mundo Maior.

Aqui comparece Renato Fumagalli com sua interessante experiência, relatada em três cartas mediúnicas, quando num processo de desencarnação totalmente imprevisto pelos seus familiares, foi amparado pelo Espírito do avô, já a postos no momento certo, levando-o a se confundir, inicialmente, com um "sonho-realidade".

Naquela noite, de 8 de janeiro de 1985, Renato havia deitado aparentando saúde perfeita. Mas, naquele sono derivado da existência carnal, sofreu um provável enfarte fulminante do miocárdio, com apenas 39 anos de idade.

Três semanas após uma Primeira e pequena Carta, escrita em 28 de setembro de 1985, com o objetivo maior de consolar e esclarecer sua filha de 12 anos, redigiu nova e longa Carta, aos 20 de outubro, igualmente pelo médium



Renato Fumagalli

Chico Xavier, em Uberaba, explicando com detalhes sua valiosa experiência, vivida em seus primeiros passos na Pátria Espiritual.

A Terceira Carta só viria bem mais tarde, aos 23 de junho de 1986, com informações preciosas e reveladoras de um maior discernimento e progresso espiritual de Renato, principalmente depois que começou a freqüentar um círculo de estudo em sua Nova Vida.

PRIMEIRA CARTA

Querida Marilu, querido papai Sebastião com a mãe Ana, e todos os nossos.

Peço que Jesus nos proteja.

Desculpe-me se o coração parou de repente, à feição de motor sem combustível.

Querida Marilu, sigo os seus pensamentos de amargura e saudades, que se identificam com os meus.

Fui recebido pelo meu avô Ambrósio, que me ampara com dedicação que não sei como retribuir.

O papai Sebastião tem me auxiliado com muito devotamento, através das preces e dos pensamentos positivos para o meu bem. Sou grato a ele.

Marilu - os nossos meninos vivem por dentro do meu coração. A Alessandra, o Rodrigo, o Renato e o Ricardo moram espiritualmente comigo, qual se eu lhes fosse um grande espelho em que acabam todos em meu caminho.

Meu objetivo com esta carta ligeira é o de revê-los e abraçá-los a todos, mas principalmente quero pedir à nossa querida Alessandra que o papai sente muita saudades de sua presença de filha afetuosa e que nós dois nunca poderíamos brigar um com o outro. Amo a querida Alessandra

com todos os meus melhores sentimentos e espero que ela esteja tranqüila. Não desejo vê-la preocupada ou imaginando que o papai ficou sentido por alguma bagatela de que não me lembro. O que sei é que adoro a nossa filhinha e quero muito bem os nossos rapazes, hoje meninos, no entanto grandes jovens que nos proporcionarão muitas felicidades no amanhã.

Queridos pais e querida Marilu, não me sendo possível escrever mais, peço-lhes receber um jardim muito grande de agradecimentos e saudades do esposo e filho reconhecido de sempre,

Renato Fumagalli.

Notas e identificações

1 - *Marilu* - Marilu Carvalho Fumagalli, esposa, residente em Limeira, SP, à Rua Boa Morte, 312.

2 - *papai Sebastião e mamãe Ana* - Sebastião Fumagalli e Ana Chiaradia Fumagalli, seus progenitores, residentes também em Limeira.

3 - *avô Ambrósio* - Ambrósio Fumagalli, desencarnado em 1971.

4 - *O papai Sebastião tem me auxiliado (...) através das preces e dos pensamentos positivos* - Fato plenamente confirmado pelo sr. Sebastião, espiritualista, que, todas as noites, desde a desencarnação do filho, ora e vibra positivamente em benefício dele.

5 - *Alessandra, Renato, Rodrigo e Ricardo* - Seus filhos, na época das duas primeiras Cartas com as idades de 12, 10, 10 (gêmeos) e 8 anos.

SEGUNDA CARTA

Querida Marilu, peço ao Altíssimo para que a paz permaneça conosco.

Você fez muito bem resolvendo vir até aqui, em companhia de nossa irmã, porque as saudades têm sido o meu clima constante.

De nada me queixo, porque isso seria ingratidão para com aqueles que velam por nós, mas desejava escrever a você, dizendo que não é tão fácil para o homem acomodar-se com as imposições do afastamento compulsório do corpo físico, justamente quando a vida familiar está começando.

Decerto que procuro de minha parte estabelecer o clima de paciência e resignação de que especialmente nós dois devemos dar testemunho. No entanto, surgem os momentos, quais os desta semana que hoje termina, que há tanta dor por dentro da alma, que registra os sentimentos, ao lado daqueles que mais amamos. É uma desinibição medicamentosa.

Onde me encontro, disponho de todos os recursos para demonstrar tranqüilidade e bom ânimo. No entanto, saiba você que semelhante atitude de temporização é quase impossível.

Você não pode imaginar a minha surpresa naquela noite aparentemente calma. Vi-me em sonho, ao lado de meu avô Ambrósio. Vi um sonho-realidade, no qual o via tão claramente, como se estivéssemos juntos em plena luz.

Conversamos pelas ruas e, de minha parte, observava que o ar estava mais leve e mais puro. Em dado momento, um amigo se aproximou de nós e estendeu-me a mão fraterna. Meu avô apressou-se em apresentá-lo: – “Veja Renato, aqui é o nosso amigo Dr. Trajano Barros de Camargo, um companheiro e um Amigo de todos os momentos.” O recém-chegado sorriu, aumentando o meu espanto e diligenciou tranqüilizar-me, afirmando: – “Já sei, meu caro rapaz. A nossa estranheza é muito grande nestes momentos.”

Aquele homem simpático e aquela voz... Não cheguei a tremer de susto; no entanto, admirei-me, como era natu-

ral. Estava ciente de que o Doutor Trajano fora um homem correto e de rara nobreza, mas sabia que estávamos dialogando com um amigo morto. Muitas vezes atravessara a rua que lhe guarda o nome, e de pronto nada consegui responder. Meu avô explicou-lhe que eu era um recruta, um novato naquela situação e o Doutor Trajano me colocou à vontade.

Manifestei o desejo de voltar à nossa casa e os dois me acompanharam.

Entramos, desde que o Doutor Trajano possuía o aval do meu avô Ambrósio para agir com intimidade. O Amigo permaneceu em nossa sala-de-estar e volvi ao quarto. Quis acordar o meu próprio corpo; entretanto, a mudança havida me estremeceu. Meu corpo, de que me orgulhava tanto na boa apresentação, estava imóvel.

À medida que os meus receios cresciam, o meu corpo espiritual, em cuja posse já havia entrado sem perceber, se mostrava mais consistente. Esforcei-me um tanto mais; no entanto, sucedera o imprevisto com o qual nunca poderia contar. A minha máquina física estava inerte. Pasma e arrastando-me de dor, indaguei de meu avô se aquilo era a morte. E o avô Ambrósio, compadecendo-se de mim, fixou um gesto afirmativo em resposta. Senti-me envolto num clima de gelo e caí nos braços de meu avô que me aconselhou a retirada.

Confesso a você, querida Marilu, que chorei convulsivamente, por mim, por você, por meus pais e por nossos filhos e não tive outro recurso senão aceitar o braço que o avô Ambrósio me oferecia para sair.

O Doutor Trajano, experiente e generoso, aproximou-se de nós e deliberou igualmente amparar-me. Foi quando me estirei nos braços de ambos os benfeitores e entrei num desmaio indescritível.

Despertei ignorando o tempo que despendera para tornar a mim próprio. A casa que me acolhia era simples e

agradável. Uma senhora que me solicitou chamá-la por Ana, que é o nome de minha mãe, se incumbia ali de prestar-me todos os favores que uma enfermeira de família concede a um doente.

Acho que me deixara cansado, neurotizado e difícil. O avô Ambrósio pediu-me calma e aconselhou-me a retornar ao hábito da prece por elemento de fixação de minha própria serenidade. No entanto, por dentro de meu cérebro fatigado só havia restos de petições que minha mãe, nos tempos de menino, me ensinava a cultivar. Assim mesmo, destes restos fiz uma recomposição provisória e roguei a Deus me desse forças para aceitar a vida nova.

Começou para mim outra existência muito diversa daquela que me fora habitual. Asserenando o íntimo, pude rever você e os nossos filhos, compreendendo que a nossa amargura se identificava uma com a outra. Abracei meus pais e beijei as nossas crianças. A Alessandra me abraçou com mais força ante o meu abraço, enquanto o Rodrigo, Ricardo e Renato sorriam, recordando o papai.

Não devo tomar tanto tempo aos Amigos que nos hospedam e vou terminar. Peço a você coragem e paz. Não se sinta enfraquecida ou sozinha. Estarei com você sempre que as circunstâncias me permitirem os abençoados períodos de voltar ao lar e conto com sua fortaleza de fé e otimismo, já que os seus cuidados atualmente se revestem de dupla função.

Saibamos interpretar as ocorrências com a força mental que os acontecimentos nos exigem e confiemos na Providência Divina.

Um abraço ao papai Sebastião e à mãezinha Ana. Beijos em nossa querida Alessandra, que vejo agora um tanto mais conformada, e o abraço em nossos garotos que precisam sempre de nós e que nos cabe honrar com a nossa dedicação. Para você, os pensamentos de carinho e confian-

ça dos nossos tempos de noivado, com a certeza de que nos reencontraremos no grande futuro com todo coração seu, sempre seu,

Renato Fumagalli.

Notas e Identificações

6 - amigo Dr. Trajano Barros de Camargo – Engenheiro e Pioneiro da Indústria, desencarnado em 1930, foi patrão e amigo do avô Ambrósio. Em justa homenagem, seu nome foi dado a uma das principais ruas da cidade de Limeira.

7 - *Meu corpo, de que me orgulhava tanto na boa apresentação* – Escreveu-nos D. Marilu: “De fato, ele era uma pessoa que cuidava muito da apresentação de seu vestuário, com barba sempre bem feita, cabelos bem penteados, tudo impecável.”

8 - *Ana* – Provavelmente trata-se da bisavó materna, desencarnada em 1931.

9 - *A Alessandra me abraçou com mais força ante o meu abraço, enquanto o Rodrigo, Ricardo e Renato sorriam* – “Um dia, Alessandra levantou-se de manhã e disse que tinha sonhado com o pai. Ela estava na sala com os irmãos, quando Renato entrou, vestido de pijama, e a abraçou. Disse Alessandra que, nesse momento, ela chegou a sentir o calor de suas costas.” (D. Marilu)

TERCEIRA CARTA

Querido papai Sebastião.

Rogo a Deus abençoar-nos.

A saudade é sempre um Imã abençoado, atraindo os corações dos que se amam. Tenho recebido os seus pensa-

mentos tanto quanto os da Mãezinha Ana, de nossa querida Marilu e da querida Maria Elisa.

É isto mesmo. Muita gente crê que a família não se transporta para cá, onde somos informados de que residimos temporariamente no Mais Além da vida física, num tipo de existência tão semelhante à que levávamos aí; no entanto, a Natureza não dá saltos e é preciso nos acostumemos a reconhecer que os degraus aqui prevalecem para todos.

Por enquanto, em meu caso, somos o que éramos e estamos no lugar que nos compete, sem quaisquer concessões solenes que nos façam diferentes dos companheiros de desencarnação recente.

Pai, agradeço-lhe a compreensão e as reflexões do silêncio, nas quais lhe posso transmitir ao campo intuitivo muitas das realidades em que presentemente me encontro.

Minha mãe por vezes pergunta por que motivo teria eu encontrado a libertação do corpo físico, enquanto dormia, sem possibilidades de interferências humanas em meu corpo. Querida Mãe! Isso é raciocínio de quem ama, colocando o coração acima do cérebro, mas rogo ao Senhor explicar-lhe que a desencarnação, do naipe da que me sucedeu, é uma bênção autêntica do céu, porque talvez uma longa parada cardíaca me agredisse ao levantar-me e não teria alternativa senão agüentar indeterminado tempo de paralisia com os incômodos conexos. Graças a Deus, voltei assim como quem dorme para acordar no outro dia na esperança de voltar à Terra, mas desperto na imortalidade, onde tudo para nós se faz mais fácil.

Sinceramente, não posso compreender as lágrimas da querida esposa Marilu e a dor da Mãezinha Ana, sempre queixosas quanto à maneira pela qual fui desligado do corpo físico, à maneira do desparafusamento de um homem doente preso ao leito. É verdade que essa condição não era a mi-

nha, mas do ponto de vista físico eu era um doente verticalizado, prestes a se recolher para tratamento. E aqui tratamentos não me faltam.

Além da proteção de meu avô e do amigo doutor Trajano, tenho um amigo do qual o papai se lembrará. Trata-se do irmão Bertolini, que em nossa cidade nos deu tantos exemplos de humildade e serviço ao próximo. Em companhia dele e do Waldyr Antônio freqüento um círculo de estudo, no qual tenho recebido muito amparo a fim de compreender a vida e entender a mim próprio.

Pai, muitas vezes ouvi suas referências a livros de importância para nossa preparação diante da desencarnação, mas não pude parar, em minha intensa movimentação de trabalho para estudá-los e anteceder-me no conhecimento da nova situação que me esperava. A sua bondade me desculpará por isso.

Descartei-me das meditações mais profundas acerca da vida, mas a verdade é que não pude me desvencilhar da necessidade de estudar, agora que a morte inesperada do corpo me impôs a obrigação de conhecer para melhorar-me e melhorar a minha própria situação.

Nesse sentido, qual lhe falo, prossigo perseguindo a minha renovação interior para conquistar novos recursos da Espiritualidade em meu próprio benefício. É nesse sentido que a companhia do amigo Bertolini me propicia grande bem, porque preciso revalorizar-me, de modo a ser um pai amigo e útil para o Renato, para o Ricardo, e para o Rodrigo e Alessandra, os filhos que a nossa querida Marilu vem preparando com sabedoria e precisão, dentro de sua bela capacidade intuitiva de Mãe amorosa e dedicada. Aliás, peço-lhe agradecer a ela por mim a bênção de paz que ela me proporciona, conduzindo os nossos filhos com a segurança que eu mesmo não possuía.

Agradeço-lhe ao coração paterno, à Mãezinha Ana e à

nossa Maria Elisa tudo o que fazem para prestigiar a minha esposa na missão educativa que ela tomou a si com tanto êxito.

De meu lado, vou melhorar no campo emocional, conquanto as saudades ainda sejam carga cerrada de preocupações em seu filho.

Meu avô é de parecer que devo prolongar o meu estágio em Limeira a fim de habilitar-me para novos serviços, e assim, reparto o meu tempo com a família, com os estudos e com as abençoadas contemplações de nossos laranjais.

Os sentimentos de filho, esposo e pai, por vezes, ainda me afloram à cabeça com a força de estranha compulsão, na qual fico a desejar compartilhar da existência que deixei, mas a prece tem me ensinado autodomínio, e tenho progredido um tanto em discernimento para aceitar a inoportunidade de meus intentos e permanecer em meu lugar próprio.

Penso que estas minhas notícias lhe farão bem, porque sempre notei a sua sinceridade em me desejando mais ampla integração com a Espiritualidade. Conforme pode notar, não perdi o que já detinha comigo e venho ampliando a minha capacidade de ver e refletir com a verdade.

Pai, peço-lhe abraçar, por mim, os seus quatro netos – Rodrigo, Renato, Alessandra e Ricardo, como estão em pensamento me abraçando.

Peço a Jesus lhe conceda vida e saúde, muita alegria e bom ânimo em todos os seus passos, para que o vejamos ao lado da Mãezinha Ana sempre contente e feliz. E, desejando-lhe tudo aquilo que a vida nos possa doar de Bem e Belo, abraça-o, reconhecidamente, o filho e companheiro que lhe deve tanto, sempre o seu filho, muito grato,

Renato.

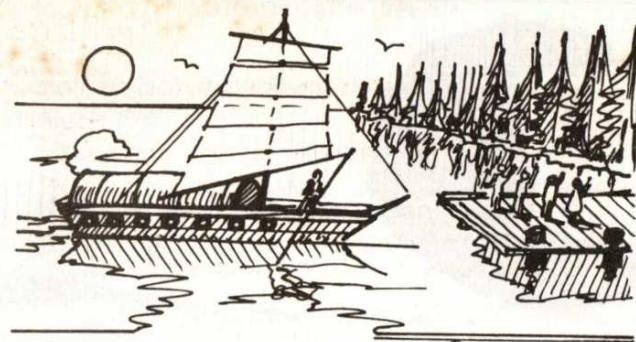
Renato Fumagalli.

Identificações

10 - *Maria Elisa* – Maria Elisa Fumagalli de Lima, irmã.

11 - *irmão Bertolini*, que em nossa cidade nos deu tantos exemplos de humildade e serviço ao próximo. – Foi amigo devotado do sr. Sebastião Fumagalli. "Augusto Bertolini nasceu em Luca, Itália, a 2/11/1878, e faleceu em São Paulo, Capital, a 28/8/1961. Nas últimas décadas de sua vida residiu em Limeira, SP, exercendo a profissão de viajante. Colaborou ativamente nas campanhas pró construção do Sanatório Antônio Luiz Sayão, de Araras, inclusive participando de longas viagens pelo país. Quando da organização da primeira diretoria deste hospital, assumiu o cargo de vice-presidente, e sua esposa, D. Alice, integrou o Conselho Consultivo." (*Reencontros*, F.C. Xavier, Espíritos Diversos, H.M.C. Arantes, cap. 6, Nota nº 10, p. 39.) Ver também, no cap. 9 desta obra citada, o interessante reencontro de Chico Xavier com o Espírito de Augusto Bertolini, na cidade de Uberaba, em 1968.

12 - *Waldyr Antônio* – Waldyr Antônio Feola (8-5-1924 - 26-9-1978) foi antigo funcionário da Prefeitura Municipal de Limeira.



CAPÍTULO 13

FAMÍLIA SOB ASSISTÊNCIA HOSPITALAR

Em grave acidente automobilístico, na Rodovia Faria Lima (SP-326), a 20 de abril de 1983, toda uma família – casal Luiz César Piagneri-Rita de Cássia Carbone Piagneri e três filhos menores – que residia no Bairro Jabaquara, em São Paulo, Capital, perdeu a vida física.

Porém, um ano depois, a 11 de maio de 1984, em Uberaba, os familiares receberam confortadora e elucidativa carta mediúnica, assinada pelo Luiz César, narrando de modo objetivo e sucinto a dolorosa prova coletiva que passaram, enfatizando a assistência que vinham recebendo até então, desde a data do acidente, em ambiente hospitalar, como veremos a seguir:

Querida mãezinha Maria e querida mãezinha Valéria, abençoem-nos.

Venho até aqui tão somente, por mim próprio, com a proteção de meu avô que me serve de guia para esta nova experiência, escrever num ambiente estranho, como quem telegrafia.

Estranho o ambiente, aliás, que se me revela favorá-



Casal Luiz César Piagneri – Rita de Cássia Carbone Piagneri e seus filhos Luiz Eduardo, Leandro Antônio e Lucas André.

vel, mas preciso informá-las de que vamos indo tão bem quanto possível.

Peço-lhes não se mergulharem nos raciocínios sobre tudo aquilo que nos pareceu uma tragédia na Faria Lima. Quero dizer à mamãe e à mamãe Valéria, que ficou sendo também minha mãe pelo coração, a minha sogra e avó de meus filhos.

Não saberia contar o que sucedeu. Uma grande carreta impeliu-nos, decerto contra a vontade do motorista que a conduzia, para o outro lado da estrada onde, por um relâmpago de tempo, tive a impressão de que seguíamos viagem a salvo de quaisquer dificuldades, quando outra carreta nos apareceu de improviso sem possibilidade de freagem e o resto já sabem; o massacre foi total, Rita e eu com os filhos Luiz Eduardo, Leandro e André nada mais vimos; o nosso pensamento foi transitoriamente cassado, assim creio, porque tivemos a pressão irresistível da grande máquina sobre nós e acabamos todos desmaiados ou diluídos no impacto.

O sofrimento foi muito grande para nós quando acordamos, sob os cuidados de pessoas que nos pareciam estranhas.

Em breve tempo, soubemos que estávamos despojados do corpo físico, o corpo que nos prende à existência na Terra. Uma enfermaria ampla nos resguardava.

Ao lado de Rita e André estava o nosso irmão Senhor João Bosco Carbone e comigo estavam familiares queridos, com a minha bisavó comandando a assistência de que nos víamos necessitados.

E até hoje o tratamento de recomposição prossegue, porque emocionalmente estávamos alucinados. Somente agora, vamos situando cada ocorrência na faixa da realidade e estamos contando com a Bondade de Deus para saber como será o remate de nossa convalescença.

Das minudências de nosso reajuste não sei dizer o

que poderia contar. Existem problemas aqui que o homem comum não entenderia, se lhe fosse exposto à visão.

Pedimos ainda para que nos auxiliem com as orações.

O amigo Padre Primo nos visita e outros amigos de Barretos nos reconfortam.

Espero mais tarde ser mais explícito. Querida Mamãe e querida sogra, mães do coração, recebam as muitas esperanças nossas e o nosso desejo de nos reconstituirmos totalmente em tempo mais curto do que o esperado.

Com ambas e com todos os nossos, os melhores pensamentos do filho e genro que as reúne num só abraço,

Luiz César Piagneri.

Identificações

1 - *mãezinha Maria* – Maria Riscalli Piagneri, proge-nitora, esposa do Prof. Antônio Piagneri, que, gentilmente, nos enviou a foto e as identificações que se seguem. Resi-dem em Barretos, SP, à rua 34, nº 456.

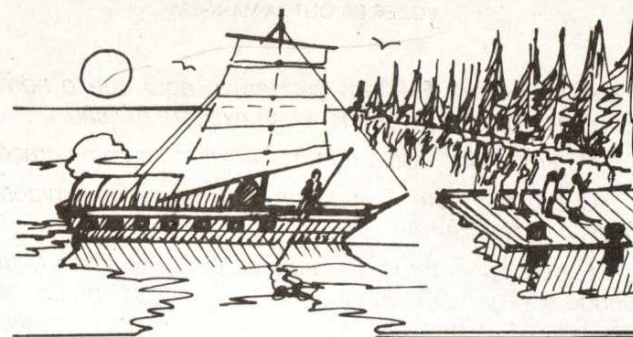
2 - *mãezinha Valéria* – Sua sogra, Valéria Faria Carbone, esposa de Calixto Carbone.

3 - *Luiz Eduardo, Leandro e André* – Filhos, todos desencarnados no acidente, com as idades de 5 anos, 3 anos, e 9 meses, respectivamente.

4 - *João Bosco Carbone* – Irmão de Rita de Cássia, desencarnado em 1978.

5 - *Padre Primo* – Exerceu, por muitos anos, o sacer-dócio em Barretos e desencarnou em Brasília, DF.

6 - *Luiz César Piagneri* – (26/5/11 - 20/4/1983) Engenheiro eletrônico, formado pela Faculdade de Engenharia de Barretos, trabalhava na COSIPA, em São Paulo, SP.



CAPÍTULO 14

SAUDADES EM DOIS MUNDOS

O sr. Napoleão Pizzotti, desencarnado na Capital paulista, a 1º de outubro de 1979, aos 56 anos de idade, enviou suas primeiras notícias do Mais Além através da mediunidade do saudoso Eurícles Formiga, em 1981, orientando e consolando seus entes queridos com muito carinho. Tais notícias, corporificando duas cartas, integram o livro *Olá, Amigos* (Espíritos Diversos, E. Formiga, E.C. Monteiro, IDE).

A 29 de setembro de 1984, em Uberaba, na reunião pública do GEP, mais uma vez o sr. Napoleão comunicou-se com sua querida esposa, pelo lápis mediúnico de Chico Xavier, esclarecendo a causa de sua desencarnação e estabelecendo interessante e oportuno paralelo entre as saudades que vivem conosco tanto no Mundo Físico, como no Espiritual.

Eis a carta do devotado esposo:

Querida Leida, Jesus nos abençoe.

Estou aqui, em companhia de meu pai Januário, para dizer a você que a intoxicação pelo formol felizmente desapareceu de minha presença.



Napoleão Pizzotti

Conquanto as saudades de você e de nossos filhos, de nossas queridas crianças e de nossos amigos, estou melhor porque, em verdade, querida esposa, não poderia continuar vivendo no corpo prejudicado pela inalação demorada do agente venenoso, em meu serviço.

Rendo graças a Deus porque estou livre daquelas conseqüências que me transformaram o corpo num fardo de sofrimento e mal-estar.

Ainda estou convalescente e inseguro, mas espero melhorar para demonstrar-lhe os meus agradecimentos.

Com o auxílio de Deus saberei ser-lhes útil e conto com a sua fortaleza de ânimo para sentir-me sem qualquer diminuição do bom ânimo que a fé em Deus me faculta.

Meu pai foi o meu companheiro na liberação final dos meus constrangimentos físicos e você, com a sua bondade, pode imaginar a nossa emoção ao reencontrarmo-nos.

Tenho nossos filhos no coração e na memória, e espero que o Reinaldo, a Elizabeth, a Néia com a Nilzinha possam ser junto de você uma equipe de corações queridos que não lhe deixe tempo para tristeza e solidão.

Querida Leida, estimaria continuar mas ainda não me sinto forte a ponto de escrever, de modo rápido, uma série de notícias mais longas, como me recomendam aqui, para ganharmos tempo.

Meus dedos estão destreinados e meu pai é justamente o amigo que me escora na realização deste meu anseio de me comunicar com o seu carinho, para que as nossas saudades fiquem atenuadas com a troca que fizermos, porque saudades minhas e saudades suas, juntas como estão, a meu ver, serão dois pratos na balança dos nossos sentimentos, devidamente equilibrados, de maneira a seguirmos em frente com os nossos deveres, sem qualquer tísia de ingratidão para com aqueles que nos auxiliam.

Querida Esposa e minha maior amiga, receba o coração de seu velho esposo e companheiro, e sempre seu servidor reconhecido,

Napoleão Pizzotti.

Notas e Identificações

1 - *Leida* – Assim chamada pelo marido, D. Aleida Costa Pizzotti, reside em São Paulo, SP.

2 - *Januário* – Januário Pezzotte, progenitor, desencarnado em 1927.

3 - *intoxicação pelo formol (...) inalação demorada do agente venenoso, em meu serviço.* – De fato, os sinais de intoxicação foram aparecendo depois que o sr. Napoleão começou a colocar vidros num *shopping center*, em regime de trabalho intensivo, mas espontâneo, pois era muito responsável e queria completá-lo dentro do prazo previsto. Dessa forma, permaneceu muito tempo em contato com vapores de formol, líquido que é utilizado no preparo da madeira para a colagem do cristal. Mas houve alguma dúvida dos médicos quanto à causa exata da lesão hepática apresentada, e outros exames laboratoriais seriam realizados se ele permanecesse com vida física mais alguns dias. Assim, suas palavras acima são elucidativas, evidentemente baseadas no diagnóstico feito pelos médicos espirituais.

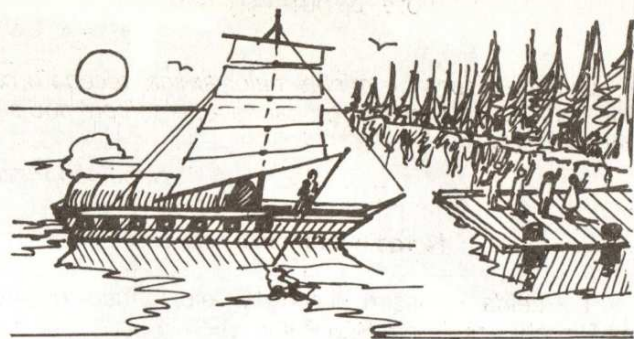
4 - *Reinaldo* – Reinaldo Pizzotti, filho.

5 - *Elizabeth* – Elizabeth Pizzotti de Oliveira Santos, filha, casada com Cláudio de Oliveira Santos.

6 - *Néia* – Dulcinéia Pizzotti, filha.

7 - *Nilzinha* – Nilza Pizzotti, filha.

8 - Ao terminar de ler a mensagem, Chico Xavier transmitiu à D^a Aleida um recado do sr. Napoleão, pedindo para incluir na carta os nomes do genro e da nora: Cláudio e Mírian.



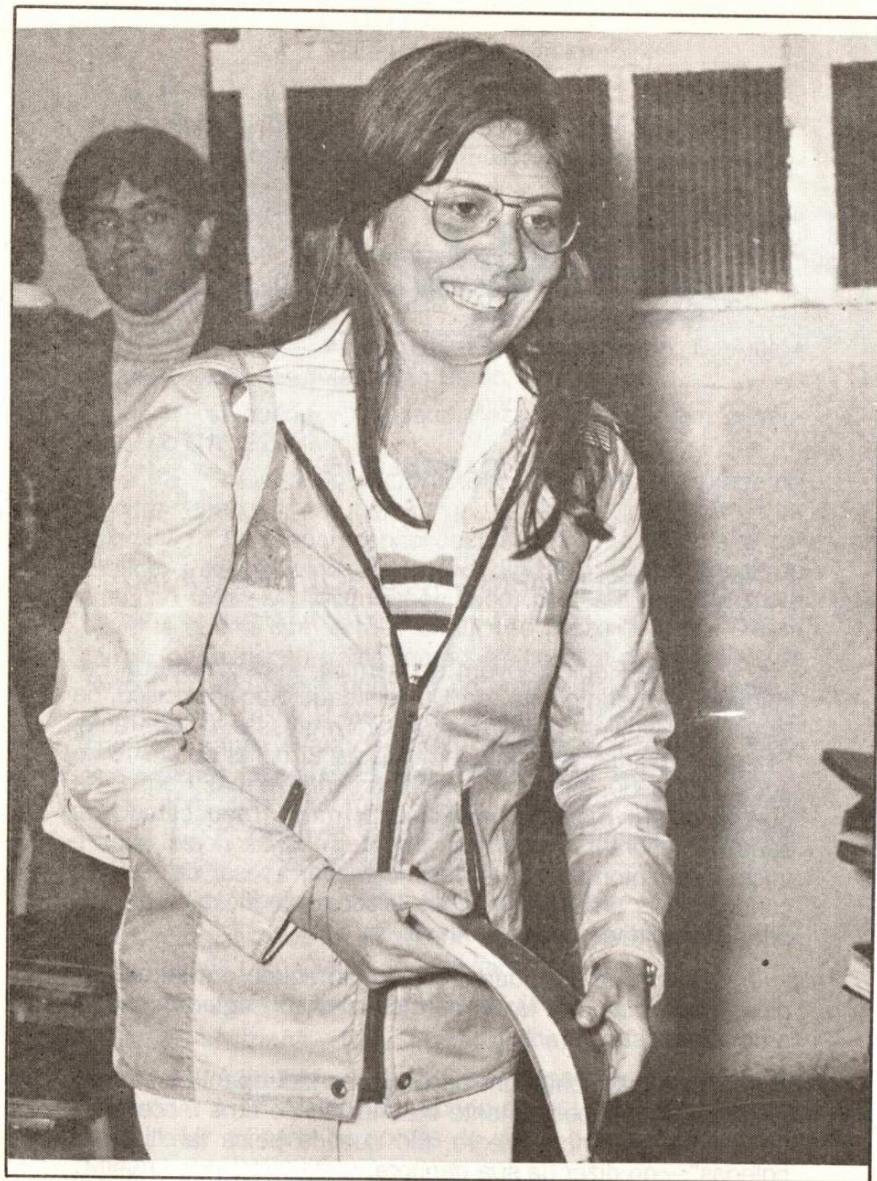
CAPÍTULO 15

FÁCIL DESENCARNAÇÃO, DIFÍCIL LIBERTAÇÃO

Selma Robles, jovem acadêmica, terceiranista da Faculdade de Odontologia, da Universidade São Francisco, de Bragança Paulista, preparava-se para regressar a São Paulo, SP, onde residia, aproximadamente às 12 horas do dia 16 de agosto de 1980, quando começou a sentir-se mal. Pensou-se que seria um mal-estar passageiro, mas o seu estado de saúde foi piorando progressivamente, e duas horas após o início dos sintomas ela já desencarnava, apesar de ter sido conduzida às pressas ao Pronto Socorro do Hospital da própria Universidade onde estudava.

Diante de um quadro clínico tão agudo e fatal os médicos nada puderam fazer; nem mesmo conseguiram chegar a um diagnóstico preciso.

Evidentemente, um passamento tão repentino traumatizou a todos, especialmente tratando-se de uma moça “meiga, calma e sempre alegre, tão querida pelos familiares e colegas” – no dizer de sua genitora.



Selma Robles

Aos 29 de setembro de 1984, seus pais compareceram à reunião pública do GEP, em Uberaba, onde tiveram a felicidade de reencontrarem-se com a filha inesquecível pela psicografia de Chico Xavier.

Em longa carta, ela veio reafirmar o seu grande amor aos pais queridos e, ao mesmo tempo, solicitar-lhes mais entendimento e aceitação das "Leis de Deus que determinaram o seu regresso à Vida Espiritual", pois sua desencarnação fora rápida e fácil, embora ela lutasse ainda em busca de uma maior e necessária libertação espiritual.

Eis as palavras carinhosas de Selma:

Querida mãezinha Nelly e querido papai Florial.

A vovó Amália convidou-me a vir até aqui para notícias. Desconheço o processo de escrever velozmente; no entanto, a vovó Amália me auxilia a grafar as palavras com rapidez e quero dizer-lhes, pais queridos, que tudo se alterou em minha nova vida.

Contar-lhes o que foi a minha surpresa, ante o desligamento do corpo que me prendia, será um capítulo demorado na minha história, e, por isso, querida mãezinha, estou na certeza de que isso não interessa.

Quando me vi longe do corpo, intuitivamente tudo compreendi.

Minha avó Amália, que se me deu a conhecer, falou por mim o que eu desejaria perguntar... O aneurisma fora um problema insopitável. Deu-me todos os detalhes do tratamento e se referia à bondade dos médicos que me amparavam sem possibilidade de me socorrer.

Desfeita a estrutura do processo enfermigo que me tomava a vida mental, o tumor adquiriu o destaque que não me deixava lugar a qualquer engano. Compreendo que a ruptura do tumor, que eu trazia sem perceber, represara de san-

que todas as áreas de meu cérebro e as explicações da vovó Amália se fizeram para mim somente a confirmação do que eu percebera, mas tudo em torno de mim era diferente.

As saudades de casa invadiram minha alma toda e não consegui resistir às lágrimas que me vinham do coração.

A desencarnação, em meu caso, fora tão fácil, mas a libertação se consumou com muita dificuldade. Não posso negar aos pais queridos que lhes chorei a falta nas saudades do papai e da Liede, durante muitos dias...

O círculo das orações que me rodeava, no entanto, fortaleceu-me de novo para que pudesse pensar e ser-lhes útil.

Mãezinha querida, posso informar-lhe que estou bem; entretanto, o desajustamento a que me refiro tem me custado grande esforço.

Nesse ponto de meu comunicado, peço a meu pai e a você aceitem as leis de Deus que me determinaram o regresso à Vida Espiritual.

As lágrimas de meu pai Florial me atingem o coração, quase que por gotas de fogo, porquanto sei a extensão do afeto com que sempre me esperou o crescimento para a vida, se possível para o trabalho junto dele mesmo.

Mãe, não me lastime, porque de nada me queixo, e se não estou integralmente feliz, isso é problema das saudades que ainda carrego.

Não me falta, porém, o apoio da esperança, e a vovó Amália, junto à vovó Maria, tudo fazem para ver-me tranqüila. Os meus ideais para o futuro na Terra... mas o que recebo aqui excede aquilo que eu poderia acreditar, fosse um dia, o êxito desejado, que decerto ficaria muito aquém das alegrias que atualmente desfruto.

Creio que o regime de carência a que sou submetida vem providencialmente da Vida Mais Alta, a fim de que não me envaideça das alegrias que me cercam.

Minhas avós são duas companheiras admiráveis; contudo, no íntimo de minha alma, estão Você e o Papai Florial, suscitando-me a lembrança das tarefas que ficaram e, por isso, venho especialmente pedir-lhes preces em meu favor para que eu me esqueça da fixação em que me vejo para o retorno à vida natural.

Tudo estará melhorando, diz a vovó Amália, e creio nela e na generosidade com que me trata.

Em razão de tanto amparo, só me restam motivos para agradecer e, porque não sei fazê-lo como devo, estarei contando com a sua cooperação a meu benefício.

Da doença que se ocultou tão bem no meu cérebro nada mais me incomoda e, por isso, peço ao Papai e ao seu carinho de mãe a paz de que necessito, porquanto se me entregarem a Deus, como preciso, estou certa de que os meus laços com a vida familiar não me doerão tanto no campo da própria alma.

Querida Mãezinha, isso é pessoalmente o que eu tinha a dizer-lhes e estou na certeza de que serei lembrada sem a mágoa profunda da ausência, que ainda me ensombra a alma, por vezes.

Não vejam contradições no comunicado que estou a enviar-lhes porque a saudade é uma espécie de doença com as feridas mentais periódicas que não me permitem buscar a frente.

Espero que, em futuro próximo, estarei mais intimamente unida em espírito à nossa vida de lar e para isso devo rogar-lhes cooperação.

Muito carinho para Liede, rogando-lhe receber com meu pai as muitas saudades e agradecimentos da filha que

ainda está presa ao amor que nos reúne e que devo transformar em saúde e vida para todos os meus.

Querida Mãezinha guarde consigo o carinho e amor, sempre amor, de sua filha que não os esquece

Selma Robles.

Notas e Identificações

1 - *Nelly e Florial* – Seus pais, Nelly Capopezza Robles e Florial Robles Serrano, residentes à Rua Ararigboia, 176, Mooca, São Paulo, Capital.

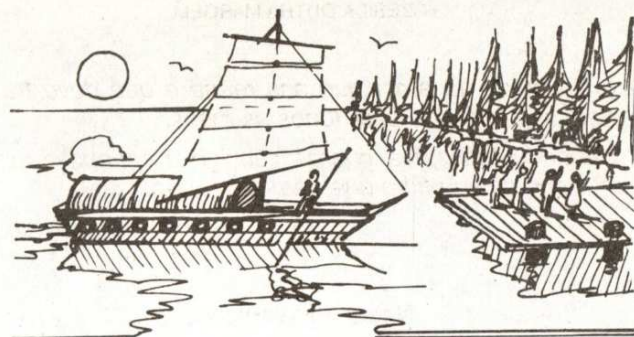
2 - *vovó Amália* – Amália Guerra, desencarnada em 26/4/1916, bisavó materna.

3 - *Liede* – Irmã.

4 - *círculo das orações* – O valor da prece é sempre lembrado nas cartas mediúnicas.

5 - *peço aceitarem as leis de Deus que me determinaram o regresso à Vida Espiritual. (...) as lágrimas de meu pai Florial me atingem o coração, quase que por gotas de fogo* – As mensagens do Mais Além freqüentemente confirmam as palavras de Sanson gravadas em sua bela e instrutiva página: "Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras", de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. (Allan Kardec, cap. 5, item 21.)

6 - *vovó Maria* – Maria Serrano Robles, avó paterna, desencarnada em 1944.



CAPÍTULO 16

MÉDICA EM NOVOS CAMPOS DE APRENDIZAGEM

Logo após terminar o curso da Faculdade de Medicina do ABC, de Santo André, SP, em 1979, a jovem médica Dra. Wânia Nunes Russo foi acometida de grave enfermidade, que abalou profundamente toda a sua florida e dinâmica programação de vida: fazer residência em Pediatria e casar-se, pois estava noiva de um rapaz, igualmente médico, que já havia montado um consultório para trabalharem juntos.

Apesar de todos os tratamentos realizados, a doença, chamada Hodgkin, evoluiu inexoravelmente, levando-a à desencarnação, aos 17 de outubro de 1980, em São Paulo, onde residia.

A meiga e simpática Wânia partia para o Além deixando dolorosa saudade nos corações de seus entes queridos... saudade só atenuada pelas bênçãos da mediunidade, que une a Terra ao Céu...

Primeiramente, a amiga e médium Tereza serviu de correio fraterno, transmitindo pela psicografia suas carinhosas notícias aos pais inesquecíveis. Logo depois, em Uberaba, MG, na madrugada de 6 de fevereiro de 1981, apenas



Dra. Wânia Nunes Russo.

três meses após a desencarnação, ela escreveu longa carta, retratando suas primeiras impressões do Mundo Maior.

Vendo-se em novos campos de aprendizagem, sem poder ainda aprofundar em observações, teceu, em seu afetuoso noticiário, pelo lápis de Chico Xavier, interessantes considerações em torno da Medicina terrena e dos princípios espirituais que regem a Vida, revelando-se, também, liberta do escravizante amor possessivo como veremos a seguir:

Querida Mãezinha e querido Papai, recebam com a nossa Wanise os meus melhores pensamentos de carinho e reconhecimento nas preces com as quais rogo a Deus nos envolva em Sua Bênção.

Estou ainda muito surpreendida com o que me vem acontecendo desde outubro passado, a fim de expressar-me na segurança que desejo.

A princípio, no fim do corpo que me competia deixar, foi a luta para auscultar-me e compreender-me.

Os conflitos, porém, não se dissolveram em minhas indagações. Debati-me até que me rendesse à evidência, pela qual admiti a expressão deficitária dos conhecimentos que se adquirem aí no Plano Físico, em matéria de corpo e vida orgânica, célula e ciência de curar.

Certamente, não menosprezo a escola em que me formei para servir. A Medicina ainda não atingiu a verdade, mas está sempre em caminho certo, de vez que não aceita afirmações que as suas próprias experiências não conseguem provar no terreno das observações, repetidas e confirmadas tantas vezes quantas julgue precisas, para aceitar determinada conclusão.

Entretanto, pais queridos, eu seria demasiado ingênua se não tentasse observar as ocorrências da vida em mim mesma. Ainda assim, não obtive maiores esclarecimentos

que concederia a mim própria se ainda estivesse por aí, experimentando aprender sempre mais.

Não escapei da vida e vovó Thereza, aqui em minha companhia, que o diga, porquanto se não lhe recebi o carinho sem agradecimentos, também não deixei de azucriná-la com perguntas, que ela buscou solucionar com a fé.

Dentro dessa fé, procurei reencontrar-me e renovar-me.

Aliás, não passei de aprendiz, sem maiores incursões na prática do que se me fizera um longo e laborioso currículo de lições.

Não consegui tratar de qualquer assunto nosso, do lado de cá, na base de explicações racionais, fora dos princípios da fé religiosa, porque o meu objetivo primordial era o de reconfortá-los, informando-lhes aos corações quanto à continuação da vida.

Saber alguma coisa não me evitou o mergulho no banho das lágrimas, e dessas lágrimas apenas consegui me libertar, confiando na grandeza da vida, que nos lembra a presença invisível de Deus, em toda parte.

Procurei manifestar-me pela sensibilidade e pelas mãos de nossa querida Tereza, a querida irmã pelo coração, que, de tanto se magoar ante as minhas despedidas, me deixou uma porta aberta no coração, para que eu lhe falasse.

Felizmente, ela e eu conseguimos muito, porque todos vocês começaram a refletir com mais acerto e eu me via necessitada de algum diálogo com a nossa Wanise e com o nosso Roberto.

Graças a Deus, pude cortar o epicentro de nosso desespero recíproco. Peço-lhes auxiliar-me na pacificação do Roberto, ainda desajustado perante a situação. Com o amparo das Bênçãos Divinas, ele viverá e será feliz, tanto quanto merece.

Mãezinha, aqui o amor se amplia consideravelmente. A meu ver a idéia da posse desaparece. Queremos, acima de tudo, a felicidade das pessoas que amamos, sem qualquer propósito de escravizá-las, mesmo de leve, ao nosso modo de ser. A noiva se funde na confiança fraterna e se transforma em irmã nessa química de amor, a que me reporta.

Nosso caro Roberto será guiado por Deus à felicidade e creiam vocês, os familiares queridos, que me sentirei realizada em matéria de alegria com a alegria dele e com aquela alegria outra que eu possa ver em nossa casa.

Tudo vai bem, porque entre nós, não existe qualquer mal que devam lastimar.

Que causa física me haverá fornecido passaporte para cá, sinceramente, não sei.

A etiologia das moléstias, por aqui apresentam severas limitações, porque esbarramos em outros princípios e por estes outros princípios, eu tive de regressar à nossa moradia espiritual em outubro findo e não antes e nem depois.

Fiquemos, assim, debitados à nossa fé, já que a ciência encontra igualmente muros que não lhe cabe atravessar antes do tempo justo.

Agradeçam por mim à nossa Tereza, enquanto manifestei os meus agradecimentos à vovó Thereza, que tem sido minha nova professora de autodescoberta.

A Wanise querida, receba o meu habitual carinho.

Mãe, não me retenha bagagens. Elas pesam excessivamente sobre o nosso nome. Guarde as nossas fotos e basta. Pertencemo-nos mutuamente e isso chega.

Por agora, devo terminar, reunindo os três e todos os nossos em meu carinho.

Sou a filha sempre reconhecida,

Wânia Nunes Russo.

Notas e Identificações

1 - *Mãezinha e Papai* – Casal João Russo e Isabel Nunes Russo, residente em São Paulo, Capital, à rua Aimberê, 803, Perdizes.

2 - *Wanise* – Wanise Nunes Russo, irmã.

3 - *desde outubro passado* – Mês de sua desencarnação.

4 - *vovó Thereza* – Thereza Sapienza Russo, avó, desencarnada em 9-8-1952.

5 - *Tereza, a querida irmã pelo coração, que de tanto se magoar ante as minhas despedidas* – Maria Tereza Tavares, amiga íntima, não se encontrava em São Paulo quando de seu desencarne, daí ter ficado muito magoada.

6 - *Roberto* – Dr. Roberto Francisco Soares Ricci, noivo.

7 - *Mãe, não me retenha bagagens.* – Explicou-nos sua genitora: "Desorientei-me tanto que não encontrava forças para pegar em suas roupas. Deixei seu armário fechado para evitar maior sofrimento. Depois de receber a mensagem pelo Chico fiquei com mais coragem e dei todas as suas coisas."

8 - No Centro Espírita Perseverança, em São Paulo, a 27/3/1983, seus pais receberam confortadora carta de Wânia, psicografada pelo saudoso médium Eurícles Formiga, assim redigida:

"Querido papai, querida mamãe.

Novamente com permissão de Deus, venho às suas presenças, mais diretamente através da escrita, quando renovo minha gratidão e minha alegria, sempre que estou perto de vocês.

Hoje venho mais alegre do que habitualmente.

As notícias que me chegam são alentadoras, são boas para o meu coração. O casamento de nossa querida irmã Tereza, que nem por isso bloqueará o caminho mediúnico, por meio do qual sempre nos falamos. Que Deus ilumine sua nova estrada na vida, concedendo-lhe a felicidade que merece.

Outra notícia, por sinal, a bem dizer o motivo principal de nossa carta de hoje, é a renovação do ideal de felicidade no coração do nosso Roberto. Confesso que auxiliada ainda uma vez por vovó Thereza e outros amigos espirituais, tenho colaborado na medida do possível para que se concretizasse o sonho que nasceu na alma do nosso inesquecível irmão. Tudo correrá bem, se Deus quiser. Estou feliz pelo acontecimento, é o que posso afirmar.

Quanto a mim, depois de determinado período de aprendizado indispensável, acho-me integrando equipe de trabalho em organização hospitalar no Mundo Maior, prosseguindo assim os estudos interrompidos na Terra.

Muito me servem as orientações e as experiências nesse campo, adquiridas aí na Escola e no convívio com mestres e alunos, no abençoado terreno da Medicina.

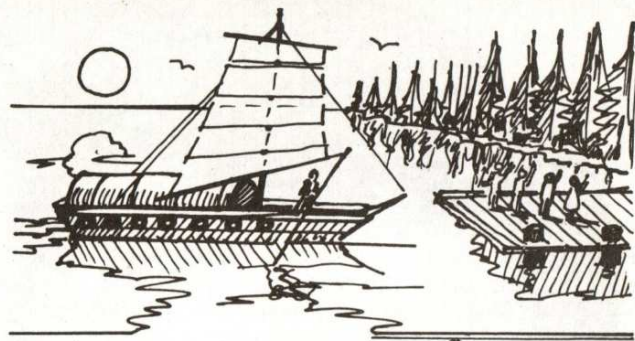
Deixo para Wanise, como sempre, meu beijo muito carinhoso.

Para vocês, todo carinho da filha reconhecida,

Wânia Nunes Russo."



Eurípedes Barsanulfo

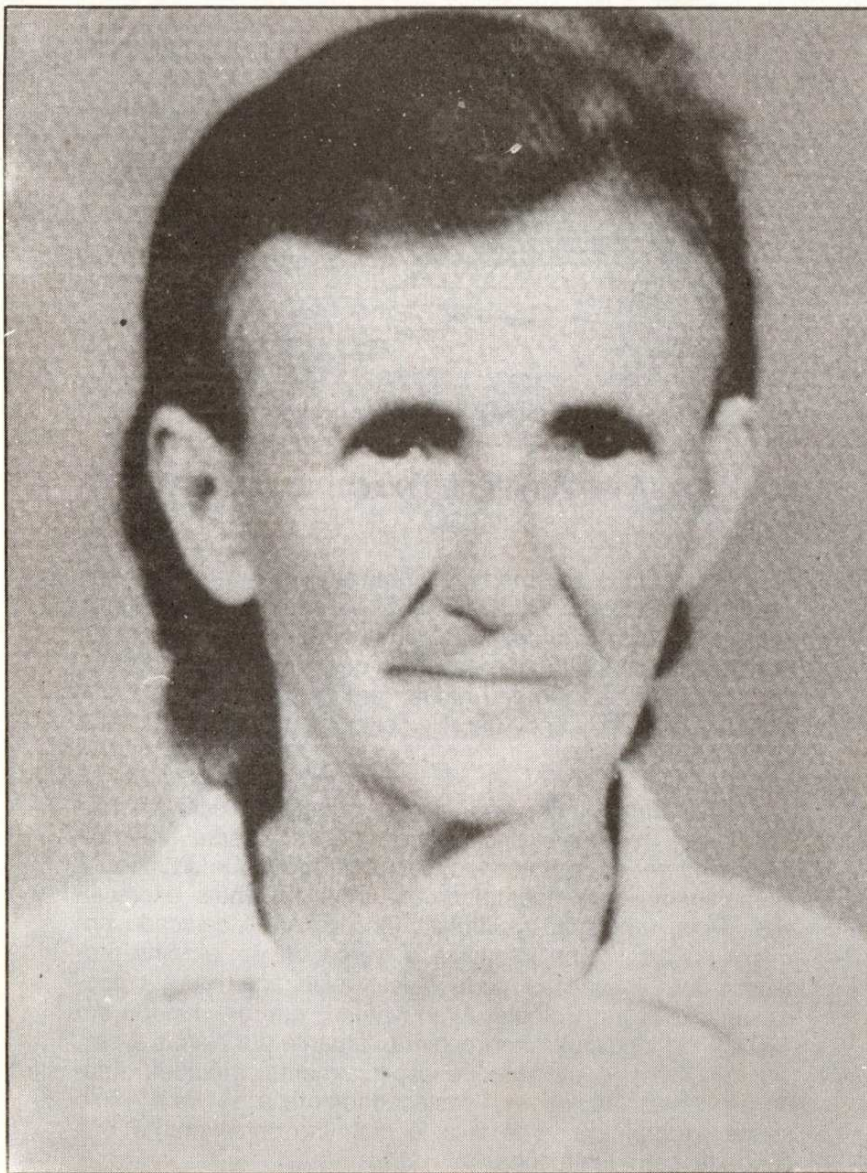


CAPÍTULO 17

CASA DE EURÍPEDES NO MUNDO MAIOR

Quando o sr. Edem recebeu em Uberaba, pelo lápis mediúnico de Chico Xavier, a 16 de junho de 1984, afetuosa carta de sua progenitora, D. Noêmia Natal Borges, prima de Eurípedes Barsanulfo, não esperava que, juntamente com notícias mais ligadas ao seu reduto familiar, ela trouxesse amplo noticiário da grande família “eurípidiana”, já domiciliada no Plano Espiritual.

De fato, além dos consangüíneos, existe imensa família de corações, encarnada e desencarnada, gravitando em torno do missionário sacramentano que se doou à Humanidade, num apostolado de amor dos mais expressivos. Pois, em suas múltiplas funções: de destacado homem público, como jornalista e vereador; de emérito professor, com inovações pedagógicas avançadas para a época, aplicadas no Colégio Allan Kardec, que ele fundou em 1907; e de dedicadíssimo espírita, atuante em várias áreas, como orador, doutrinador e especialmente médium, dotado de várias faculdades, destacadamente a de cura – ele soube exemplificar a fé viva, o trabalho perseverante e a caridade sem limitações.



Noêmia Natal Borges

E, bem sabemos, suas atividades no Mais Além continuam, invariáveis, desde a sua desencarnação, em 1918.

Não é de estranhar, portanto, que a "Casa de Eurípedes", localizada no Mundo Maior, conforme descrição da mensagem que transcreveremos a seguir, seja uma imensa instituição, "de extensão difícil de ser mostrada com frases terrestres", refletindo, naturalmente, a extensão de recursos espirituais que irradiam desse tão querido servidor de Cristo:

Meu querido Edem,

Deus nos abençoe.

Agradeço a sua bondade filial, tentando a obtenção de notícias minhas.

Continuo melhorando, com calma e fé viva em Deus. A morte ou a separação do corpo pesado, quando se tem a consciência tranqüila é semelhante ao entardecer, sem nuvens.

Sabia, de antemão, que não precisava temer visões terríficas e nem dificuldades sem recursos para transpô-las. A prece foi para mim uma luz e uma bênção.

De certo, o coração materno parecia rebentado pelas saudades, que começavam a invadir as minhas forças. Ainda assim, as saudades não conseguiram destruir a minha paz e consegui dormir no grande sono, agradecendo a Deus sem lamentações a vida simples de mãe que eu tivera.

Os filhos eram a minha riqueza, o tesouro íntimo que eu transportaria comigo para a existência nova. Os braços vigorosos de parentes e amigos me sustentaram, para que o magnetismo do corpo inerte não me influenciasse com apelos inúteis e pude repousar realmente, procurando embora identificar aqueles rostos amigos que me sorriam.

Notei instintivamente que não me cabia esforçar-me em demasia e deixei-me conduzir pelas afeições queridas

que me acolhiam com tanto amor. Creio que se não fosse a bênção do sono reparador de que me vi beneficiada, não teria forças para me afastar da família que morava e continua morando em meu coração.

Gastei alguns dias, segundo imagino, para acordar, de todo, com bastante lucidez e fui informada de que estava admitida à Casa de Eurípedes, onde cada coração dispõe de espaço suficiente para aprender e renovar-se. Ali reencontrei a querida vovó Meca, o pai Manoel, a Eulice, a Mariquinhas, o Homilton, e quanta gente, meu Deus, que me lembrava o tempo em que perguntava pelos desencarnados queridos sem resposta.

Não sei como descrever a moradia de nosso querido Eurípedes, porque numa extensão difícil de ser mostrada com frases terrestres, ali se dividem o Lar, a Escola, o Hospital, o Recinto da Oração e os Parlatórios para diálogos entre os residentes e os visitantes à procura de orientações, incluindo os amigos ainda encarnados que chegam até nós em transitório desdobramento para receberem instruções que conseguem guardar de memória, quando despertam no mundo, como intuições e lembranças que muitos consideram fantasia.

Ali, numa união fraterna em que se entrelaçam os nossos melhores sentimentos, estavam Amália Ferreira, Maria da Cruz, Maria Duarte, Sinhazinha Cunha, e outras muitas companheiras de ideal e trabalho, cuja companhia nos facilita o aprendizado do amor verdadeiro.

Dentre os mais novos companheiros recém-chegados, destaco a Corina, em preparativos para novas atividades na benemerência do ensino; o Ismael, do Alcides, comprazendo-se em acompanhar a mãezinha e a esposa, os filhos e descendentes com o amor que lhe conhecemos; o Jerônimo, sempre atraído para as boas obras de Palmelo; a Edalides, ainda presa a São Carlos; e muitos outros amigos do bem

que, unidos, nos inspiram a felicidade de crer no amor fraterno e no trabalho sem qualquer idéia de recompensa.

Como observa, estou a me renovar, porquanto, não mais confinada ao círculo doméstico, posso retornar aos meus ideais de natureza superior, na procura de conhecimentos novos. Isso não me faz esquecida do afeto e do carinho familiar. A nossa querida Sílvia Regina e os netos Fabiano, Fabíola e Edem Júnior, para me referir unicamente ao seu lado, estão em meu íntimo como sempre.

Meu filho, continue acreditando na eficácia do bem e não admita o mal em suas cogitações de homem correto.

Não devo alongar-me. Por isso mesmo, por seu intermédio, deixo a todos os que nos fazem familiares e amigos as minhas muitas lembranças, pedindo ao seu carinho receber o carinho imenso da sua mamãe

Noêmia.

Noêmia Natal Borges.

Identificações

1 - *Edem* – Edem Araújo Borges, farmacêutico, residente na Praça Comendador Quintino, 31, em Uberaba, Minas.

2 - *Vovó Meca* – Meca era o apelido familiar de Jerônima Pereira de Almeida (Sacramento, MG, 11/10/1859 - 29/1/1952), mãe de Eurípedes Barsanulfo. Na verdade, tia de Noêmia, mas nos últimos tempos de sua vida física era chamada por quase todos, carinhosamente, de vovó Meca.

3 - *pai Manoel* – Trata-se, provavelmente, do Dr. Manoel Soares, grande colaborador do Grupo Espírita Esperança e Caridade, de Sacramento, como médium receitista e psicofônico. Sete meses após sua desencarnação ocorrida em Sacramento, a 19/1/1937, enviou bela carta ao seu filho

Labieno, pelo médium Xavier, em Pedro Leopoldo, MG, a qual integra o livro *Enxugando Lágrimas* (F.C. Xavier, Espíritos Diversos, Elias Barbosa, IDE, Cap. 9.)

4 - *Eulice* – Eulice Dillan, irmã de Eurípedes, desencarnada em 1928.

5 - *Mariquinhas* – Irmã de Eurípedes, desencarnada em 1971.

6 - *Homilton* – Jornalista, poeta, professor e orador, Homilton Wilson foi um dos mais destacados irmãos de Eurípedes. Espírita dinâmico, muito colaborou com o Grupo Espírita Esperança e Caridade e com o Colégio Allan Kardec, do qual foi diretor e professor. Desencarnou no Rio de Janeiro, em 1971.

7 - *Amália Ferreira* – Amália Ferreira de Mello (Sacramento, MG, 1888-1963) foi devotada secretária de Barsanulfo por muitos anos e co-fundadora do Lar de Eurípedes. É um dos autores espirituais do livro *Reencontros* (F.C. Xavier, Espíritos Diversos, H.M.C. Arantes, IDE, Cap. 13 e 14.)

8 - *Maria da Cruz* – Dedicada seareira, foi pioneira da Campanha do Quilo em Sacramento e co-fundadora do Lar de Eurípedes. Desencarnada em 1965. Biografada no *Anuário Espírita* 1975, p. 109.

9 - *Maria Duarte* – Mais conhecida por D. Cota, foi contemporânea de Barsanulfo.

10 - *Sinhazinha Cunha* – Eurídice Cunha, mais conhecida por Sinhozinha, irmã de Eurípedes, desencarnada em 1963.

11 - *Corina* – Professora, jornalista e escritora, Corina Novelino (1912-1980) sempre revelou grandes virtudes que caracterizam um espírito missionário. Co-fundadora e diretora do Lar de Eurípedes, também dirigiu, por longos anos, o Colégio Allan Kardec, de Sacramento. Em 1957, psicografou o livro *Escuta, Meu Filho*, de Aura Celeste, e, em 1978, termi-

nou o seu grande trabalho de pesquisa: *Eurípedes – o Homem e a Missão* (Ed. IDE), obra fartamente documentada e ilustrada. Foi biografada no *Anuário Espírita* 1981 e em *Grandes Vultos do Espiritismo* (Paulo A. Godoy, FEESP, S. Paulo, SP.)

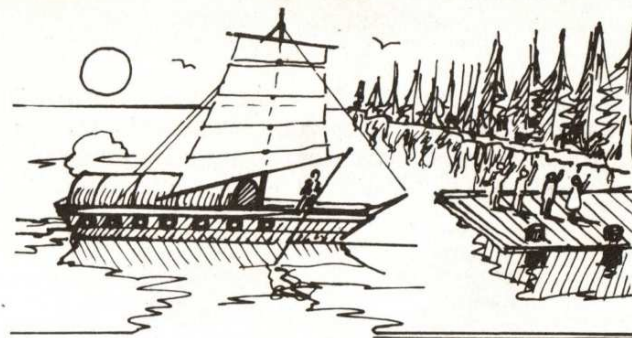
12 - *Ismael do Alcides* – Ismael Vilela, filho do casal Elith Irani Vilela (irmã de Barsanulfo) e Alcides Vilela.

13 - *Jerônimo* – Jerônimo Cândido Gomide, mais conhecido por Jerônimo Candinho (1888-1981), foi aluno e discípulo de Eurípedes. Fundou em Goiás, a cidade espírita Palmelo, que concentra suas atividades em torno de várias obras assistenciais e culturais, especialmente os trabalhos de cura do Centro Espírita Luz da Verdade. (*Anuário Espírita* 1983, p. 189.)

14 - *Edalides, ainda presa a São Carlos* – Edalides Milan de Rezende, virtuosa irmã de Barsanulfo, desencarnou em São Carlos, SP, a 03/3/1984, três meses antes do recebimento dessa Carta. (*Anuário Espírita* 1985, p. 143.)

15 - *Sílvia Regina* – Esposa de Edem Araújo Borges. Fabiano, Fabíola e Edem Júnior são os filhos do casal.

16 - *Noêmia Natal Borges* – (03-11-1907/18-9-1982) Filha de Olímpio Cassimiro de Araújo (irmão de Hermógenes Ernesto de Araújo, “Vô Mógico”, progenitor de Barsanulfo) e Cassimira Maria de Jesus. Desencarnada, aos 74 anos, deixou viúvo Manoel Borges Oliveira. Seu filho Edem prestou-nos o seguinte depoimento, em carta de 21/6/86: “No momento em que recebi a carta mediúnica de Mamãe Noêmia, me senti bastante sensibilizado. Ela foi uma pessoa muito compreensiva, conformada e humilde, dedicando toda sua existência ao próximo, principalmente aos familiares, fazendo jus ao lugar que ocupa na Espiritualidade. Dentro dos recursos de que era possuidora, sempre se dedicou profundamente ao Espiritismo.”



CAPÍTULO 18

NOVA MENSAGEM DE CLOVIS TAVARES

Nosso abnegado confrade Clovis Tavares, professor de História e de Direito Internacional Público, deixou o mundo físico aos 69 anos, na Santa Casa de Misericórdia de Campos, RJ, a 13 de abril de 1984.

Precocemente revelou ardorosa dedicação ao ideal espírita, pois com apenas 20 anos de idade, em 1935, fundou a Escola Jesus Cristo, de Campos, da qual foi seu diretor doutrinário desde a fundação. No jornalismo, sempre colaborou com vários órgãos doutrinários; e, na literatura, deixou-nos obras de grande valor, tais como: *Vida de Allan Kardec para as Crianças*, *Amor e Sabedoria de Emmanuel*, *Trinta Anos com Chico Xavier*.

Sete meses após sua desencarnação, em 29 de novembro de 1984, Clovis Tavares voltou a dialogar com seus entes queridos que deixou na Terra, pela mediunidade de Chico Xavier, em bela e esclarecedora mensagem que fundamentou o Capítulo 12 da obra *Caravana de Amor*. (F.C. Xavier, Espíritos Diversos, H.M.C. Arantes, IDE.)

E, recentemente, em reunião pública do GEP, em Uberaba, na noite de 9 de agosto de 1986, o referido médium



Em 1950, Clovis Tavares e Chico Xavier se abraçam numa reunião pública do Templo Espírita "Luz e Humildade", em Belo Horizonte, MG.

psicografou nova mensagem do Professor Clovis, endereçada aos seus familiares e aos companheiros da Escola Jesus Cristo, com oportunos e preciosos comentários, úteis para todos que labutam na seara espírita, conforme veremos a seguir:

Querida Hilda,

Peço a Jesus nos abençoe junto aos amigos que nos acolhem com a amizade de sempre, reunindo você e as nossas companheiras de viagem, nossa Ruth e nossa Gilda, em minhas vibrações de paz e reconhecimento.

Agradeço todas as suas reflexões do silêncio em torno do seu Clovis e sou profundamente grato ao seu culto de amor inextinguível.

Nossos filhos estão aí, confirmando a felicidade que nos uniu, e hoje, véspera do Dia dos Pais, presto homenagem a você, mãezinha devotada e valorosa de todos eles, que permanecem por dentro de minha ternura e gratidão.

Você vem agindo nas tarefas de nossa Escola e a sua sede de maior extensão de temas evangélicos em nossa casa de trabalho é igualmente minha. Felicito-me vendo todos os amigos, a partir de nosso Rubens, consagrados à revivência da Boa Nova em nossa instituição e particularmente rejubilo-me com as suas atividades conjugadas às de nosso Celsinho para que as lições de Jesus e do cristianismo apostólico sejam reavivadas em nossa Escola de paz e amor.

Quanto mais se desdobra o tempo, mais intensamente reconheço o imperativo dos ensinamentos de Jesus, não só na nossa querida Escola, mas em todos os lugares atingidos pelo clarão imortal de nossos princípios renovadores.

Não desprezo a ciência, porque isso seria contra-senso em minhas atitudes, mas encareço a necessidade de harmonização da criatura humana com a elevação, a responsabilidade e a fé no amparo divino, que o homem não pode

menosprezar sem graves conseqüências, sobretudo, nos setores da educação.

Sensibiliza-me o esforço dos grandes membros e amigos da humanidade, convidando os nossos irmãos para a convivência com o divino Mestre, sem que eles, os nossos irmãos, de modo geral, se abalancem a fixar a atenção na bússola do sentimento religioso, o único suscetível de conciliar-nos com as leis do Universo e da Vida.

A robotização dos processos educativos, induzindo as crianças, tanto quanto jovens e adultos, à ausência do trabalho nas leiras do amor ao próximo, é capaz de acentuar a influência do materialismo negativista e destruidor em nossas fileiras, exterminando preciosas promessas de ação para o levantamento do mundo melhor.

Rogo ao Rubens e à nossa estimada Ruth Maria, nossos devotados companheiros, incentivarem as palestras evangélicas em que os corações se preparem para a era nova sem a hipertrofia da inteligência, ruinoso método de acender a fatuidade e o separatismo entre aqueles que foram convidados a honorificar o Senhor com as suas palavras e com suas próprias vidas.

Teorizações estéreis não faltaram no tempo do Cristo entre os homens. Gregos e romanos se conjugavam em experiências e afirmativas que a Idade Média sepultou em montes de cinza. E desses montes de cinza emergiram, sempre mais claras e mais construtivas, as instruções do inesquecível Nazareno, começando da Renascença em alvorradas de esperança e grandeza, e culminando até o nosso século de conflitos que, sem qualquer ofensa ao progresso, ser-nos-á possível considerar por desumanos.

Todos os movimentos que tendem a enquadrar os esclarecimentos espírita-cristãos e as atividades mediúnicas em investigações descabidas, embora a riqueza palavrosa com que se manifestam, apenas significam esquecimento

das aquisições espirituais do mundo cristão que continua rogando trabalho, solidariedade, apaziguamento e confiança em Deus e em Suas leis.

Se dispomos de caminho laboriosamente construído pelos cristãos de todas as épocas – caminho para o nosso encontro com o Divino Emissário do "amai-vos uns aos outros" – por que havemos de gastar tempo e serviço nos empreendimentos marginais que pretendem edificar avenidas de luxo no conhecimento humano? Com o fim, embora, de alcançar a estrada certa para as convicções consoladoras, enriquecendo a doutrina de luz, complicam as sendas de evolução para milhares de pessoas que se apóiam na oração e na fé para se realizarem no melhor que são capazes de fazer.

Por que uma preleção sobre as galáxias para grande número de nossas irmãs que lutam nobremente pela sustentação da vida familiar, quando no momento o que solicitam é esperança e reconforto para se manterem fiéis aos compromissos assumidos?

Por que favorecer evidente elitismo entre os nossos companheiros, quando todos eles sentem fome de apoio na fraternidade real, para se sentirem úteis?

Nunca nos foi possível a discriminação entre ricos e menos ricos, ou entre pessoas virtuosas e aquelas julgadas distantes das qualidades espirituais que embelezam as almas.

Quando me refiro aos "menos ricos" é porque não compreendo possa existir pobreza ou penúria diante do Cristo de Deus. Os chamados pobres serão realmente pobres ou somos nós os mais ricos de conhecimento que lhes sonegamos a herança de socorro e amor que lhes compete no inventário dos bens que Jesus nos legou?

Essas indagações me afloram ao pensamento, examinando as suas aspirações e as do Celsinho no sentido de se

intensificar a evangelização autêntica em nossa instituição de luz e vida.

Com estes enunciados, desejo a você e aos nossos filhos dedicados à obra do Senhor o êxito desejável nessa recomposição de valores adentro de nossa casa que pertence à escola de Jesus Cristo, com Jesus Cristo na cátedra dos corações.

Continuo trabalhando e agradeço ao Senhor a bênção de prosseguir na vida espiritual num vasto esquema de ação que não me concede tempo a divagações.

Aos nossos filhos, o abraço do Carlinhos e o meu próprio, com os nossos votos de paz e alegria em auxílio a todos.

A nossa querida mãezinha Dona Maria chegou até nós escoltada pela legião de afetos que ela soube cultivar, e prossegue no tratamento que lhe agracie com a recuperação completa.

A você e aos nossos filhos reitero as minhas saudades, mas sem que essas saudades signifiquem lamentação ou inércia, porque, na essência, são desafios a trabalharmos mais com o melhor de nossas limitações e possibilidades pela vitória do bem e da luz em todos os corações.

Saudando as nossas irmãs Ruth e Gilda, com os nossos melhores votos de paz, rogo a você receber a confiança no imenso amor do seu, sempre seu companheiro e servidor muito grato de todos os dias,

Sempre seu

Clovis.

Notas e Identificações

1 - *Hilda* – Profa. Hilda Mussa Tavares, esposa, cooperadora na Escola Jesus Cristo (EJC), residente em Cam-

pos, RJ, à Rua Benta Pereira, 112. Seu valioso depoimento sobre a mediunidade de Chico Xavier integra o livro *Luz Bendita* (F.C. Xavier, Emmanuel, Testemunhos Diversos, Rubens S. Germinhasi, IDEAL, S. Paulo, SP, pp. 65/72.)

2 - *Ruth e Gilda* – Senhoras Ruth Monteiro e Gilda Duncan Tavares, cooperadoras da EJC, presentes à reunião pública de Uberaba.

3 - *nossa Escola* – Escola Jesus Cristo (Instituição Espírita de Cultura e Caridade), fundada por Clovis Tavares, sob inspiração espiritual de Nina Arueira, em 27/10/1935, com sede própria à Rua dos Goitacases, nº 177, em Campos, RJ, mantém vários Departamentos e Serviços.

4 - *Rubens* – Dr. Rubens Fernandes Carneiro, advogado, atual Diretor Doutrinário da EJC.

5 - *Celsinho* – Celsinho Vicente, filho, professor de História, cooperador da EJC.

6 - *Carlinhos* – Carlos Vítor Mussa Tavares, primogênito do casal. Desencarnou a 10/2/1973, após 17 anos de abnegado sofrimento. Pela psicografia de Chico Xavier, já enviou seis poesias de notável beleza e espiritualidade, sendo a primeira divulgada nos livros *Entre Duas Vidas* (F.C. Xavier, Elias Barbosa, Espíritos Diversos, CEC, Uberaba) e *Tempo e Amor* (F.C. Xavier, Clovis Tavares, Espíritos Diversos, IDE, Araras, SP).

7 - *mãezinha Dona Maria* – D. Maria Mussa, sogra, desencarnada a 14/7/1986.

8 - *Clovis* – “Sebastião Clovis Tavares nasceu em São Sebastião, distrito de Campos, RJ, a 20/01/1915.

Desde tenra idade demonstrava pendores acentuados de profunda religiosidade.

Pelos inexplicáveis caminhos de Deus, teve como pre-

ceptor das primeiras lições do Cristianismo Puro o Padre Émile Des Touches que lhe transmitiu também os primeiros rudimentos de língua francesa, bem como um grande amor à sua França. Émile Des Touches descendia de família de nobres e renunciou a títulos e bens para dedicar-se a trabalho missionário em terras brasileiras. O seu carinho pelo então menino Clovis o fazia tratá-lo na intimidade dos estudos de "Mon petit enfant", e dessa maneira se identifica através de Chico em sua primeira comunicação para o nosso amigo.

Cresceu Clovis sob a austeridade da disciplina paterna, enriquecendo o seu saber de forma integral.

Aos 17 anos, acadêmico da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, depara-se com o *Parnaso de Além-Túmulo*, conhecida obra mediúnica psicografada por Francisco Cândido Xavier. Mesmo sem ter ainda lido o recém editado volume, nunca mais pôde se esquecer daquele nome que, segundo ele declarava muitas vezes, passou a exercer sobre ele um singular fascínio. Dentro dele manifestava-se um impulso incontido de conhecer o jovem médium de Pedro Leopoldo.

Com 20 anos de idade, depois de vivenciar experiências no campo político, como estudante de direito, experiências essas mais ligadas ao idealismo e entusiasmo jovem que clamava pela justiça social, ao lado de sua noiva Nina Arueira, vê-se, a 18 de março de 1935, diante de um fato que veio mudar totalmente o roteiro de sua vida: a morte inesperada de sua amada Nina Arueira. Nina, espírito de escol, jovem inteligente e brilhante, dotada de grandes virtudes morais, intelectuais e espirituais, foi a estrela guia indicadora do caminho que levaria o nosso Clovis ao encontro do Mestre, que seria mais tarde o grande amor de sua vida: Jesus Cristo.

Em outubro de 1935, funda a Escola Infantil Jesus Cristo comprovando o seu ideal de conduzir a criança pelos

caminhos reais da espiritualidade, assim como, por bondade divina, tivera a felicidade de ele mesmo ter recebido, em sua primeira infância, esses ensinamentos.

O seu primeiro contato com Chico Xavier se deu em 1936, e, através dessa amizade que já nasceu grande, sustentou-se em Clovis a louvável iniciativa da transformação da Escola Infantil Jesus Cristo em Escola Jesus Cristo, Instituição Espírita de Cultura e Caridade. Temos a certeza de que essa estima a Chico Xavier, depois do grande amor que dedicava a Jesus Cristo, era uma das coisas mais importantes de sua vida.

Orador de singulares valores, tornou-se Clovis conhecido em todo meio espírita do país, tendo levado sua palavra inspirada, simples e convicta a muitas cidades e estados de nossa Pátria, embora a sua preferência de recolher-se ao anonimato, trabalhando com afincamento na seara que o Mestre lhe destinou: a Escola Jesus Cristo.

Deixou-nos, além de muitos artigos escritos na imprensa local e espírita do país, e de pregações evangélicas gravadas, algumas obras dignas de registro: *A vida de João Batista*, Ed. do G.E. João Batista, Campos, 1940 (esq.); *Sementeira Cristã*, 3 vol., FEB, Rio, 1942; *Os Dez Mandamentos* (A Lei de Deus explicada às crianças), Lake, S. Paulo, 1950; *Vida de Pietro Ubaldi*, Lake, 1952; *Histórias que Jesus contou*, Lake, 1955; *Meu Livrinho de Orações* (preces para crianças), Lake, 1956; *Vida de Allan Kardec para as crianças*, Lake, 1957; *Trinta Anos com Chico Xavier*, IDE, Araras, SP, 1980; *Amor e Sabedoria de Emmanuel*, IDE, 1981; *Tempo e Amor*, co-autoria com Francisco C. Xavier e Espíritos Diversos, IDE, 1984; *De Jesus para os que Sofrem*, IDE, 1984.

Concluiu ainda em sua proflua existência mais duas obras de altíssimo teor doutrinário e espiritual: *Mediunidade dos Santos* e *Apostilas de Didática do Evangelho*, que, se Deus quiser, serão publicados em breve.

No ano de 1984, Clovis estava ainda em plena atividade na Escola Jesus Cristo, onde sempre foi o diretor doutrinário, quando no dia 13 de abril, segundo deixa entrever em sua primeira mensagem por Chico Xavier, em novembro do mesmo ano, foi convocado pelo Plano Espiritual Superior a assumir a Escola Jesus Cristo, do Mundo Maior, situada na Cidade Nosso Lar, no Ministério do Auxílio, fundada mais ou menos dez dias antes da fundação da Escola Jesus Cristo de nossa Campos.

Ter-se-ia muito mais para dizer de nosso querido amigo e benfeitor Clovis Tavares, sem querer ferir o seu espírito humilde e fiel aos princípios cristãos do "silêncio e trabalho". Fica, no entanto, registrado aqui o principal: Clovis Tavares foi um apóstolo do "trabalho sem férias" da seara cristã e esprita, consciente de que a sua dedicação deveria se dar em tempo integral." (Profa. Hilda Mussa Tavares)

9 - DEPOIMENTO DA FAMÍLIA – Esta segunda carta mediúnica foi divulgada pelos familiares do Prof. Clovis, em impresso bem confeccionado, que apresentou na última página o seguinte depoimento, sob o título "Algumas Considerações":

"Esta segunda Mensagem de nosso querido Clovis despertou em nós, seus familiares, a necessidade imperiosa de tecer alguns comentários sobre o seu tema central que, como a primeira, comprova a preocupação maior de sua vida terrena – o estudo da palavra do Cristo e a prática cada vez mais crescente do "amai-vos uns aos outros".

Em ambas as mensagens recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, constata-se a autenticidade dessa sua mais forte linha de pensamento pela explicitação clara de suas idéias sobre "teorizações estereis", "hipertrofia da inteligência", "edificações de avenidas de luxo no conhecimento humano", sempre comentadas em suas aulas e pregações na Escola Jesus Cristo.

A simplicidade do Evangelho sempre o encantou e,

sábio e culto como era, reconhecido em nossa comunidade como uma das pessoas mais letradas e professores mais respeitados, nunca aceitou para si títulos de inteligência ou destaque que o afastassem de sua opção definitiva de vida: ensinar e estudar, estudar e trabalhar, educar e estudar, estudar e servir, sempre comunicando os ensinamentos de Cristo da forma mais singela, como o próprio Cristo o fez, a fim de que aquelas pessoas mais humildes pudessem lhe apreender a essência do pensamento.

Ressalta-se aqui a surpresa de que fomos apanhados quando da abordagem nesta carta da "robotização dos processos educativos", por ter sido tema de conversas na intimidade da família e de questionamento em estudo feito em sala de aula da própria Escola Jesus Cristo, nos dias que precederam à recepção da mensagem por Chico, sem que este tivesse conhecimento de tal fato.

Avaliar o quanto a Escola Jesus Cristo recuperou de estímulo e de confiança com esta mensagem é impossível, mas é incontestável que a partir dela foi-nos permitido, por acréscimo de misericórdia divina, redescobrir novos valores para o nosso trabalho com Jesus.

O que dizer da mediunidade de Chico, a não ser o que o próprio Clovis já dissera em sua passagem por este mundo – em livro de sua autoria –: "... faz revelações sobre o Mundo Maior, afirma e reafirma evidências extraordinárias, consoladoras, insofismáveis, a atravessar quase todo este século vinte, de ponta a ponta"?

Para ele, nosso querido Chico, o único presidente honorário de nossa Escola Jesus Cristo, pela amizade estreita que sempre o uniu ao nosso Clovis e aos nossos pobres corações, por todas as luzes que humildemente acende nos caminhos deste mundo, com heroísmo apostólico, rogamos as bênçãos do Céu, agora e para sempre, na Terra e na Eternidade.

A família Clovis Tavares."

TEMAS DE ESTUDO DOCTRINÁRIO*

Amor filial	5
Amor fraterno	17
Amor possessivo	16
Assistência espiritual aos que se aproximam da desencarnação	6
Assistência espiritual durante a desencarnação	3, 12, 14, 17
Caridade	4, 8
Ciência e Religião	18
Círculo de Estudo no Plano Espiritual	12
Corpo espiritual (Perisprito)	12
Crescimento de crianças no Além	1
Desencarnação e estado de consciência	17
Desencarnações prematuras (crianças)	1

*Relacionamos neste Apêndice os temas abordados nas cartas mediúnicas que compõem este livro, de maior interesse para os estudiosos da Doutrina Espírita, indicando, à frente dos mesmos, os Capítulos correspondentes.— Nota do Organizador.

Desprendimento dos bens terrenos	4
Doação de órgãos	3
Doença cármica	1
Doença mental	7
Elitismo no movimento espírita	18
Escola de reconhecimento no Além	7
Espiritismo e movimento marginais	18
Fatalidade da desencarnação	1, 4, 5, 6, 16
Fé religiosa e temas básicos da vida	16
Imprudência e destino	10
Instituição assistencial no Além	17
Instituto de reconhecimento de vidas anteriores no Plano Espiritual	1
Intuição e sonho	17
Medicina terrena	16
Órgãos perispirituais	3
Palestras evangélicas (valor das)	18
Prece (valor da)	1, 2, 4, 7, 8, 12, 13, 15, 17
Premonição (Pressentimento)	1, 4, 5, 8
Processo desencarnatório	3, 4
Provação Coletiva	13
Readaptação à vida espiritual dificultada pela inconformação da família terrena	15
Reencarnação	1
Reencontros espirituais nas faixas da caridade	8
Resignação e fé	14
Sintonia mental entre familiares, encarnados e desencarnados	15
Sonhos	2, 12, 17
Suicídio	1, 9
Suicídio indireto	10
Tratamento médico (cirurgia) no Plano Espiritual	8
Traumatismo perispirítico após a desencarnação, consequente de traumatismo físico	8
Vidência	4
Visão retrospectiva na desencarnação	4
Volitação dos Espíritos	6

Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123, - 13.600 - Araras - Estado de São Paulo
C.G.C. nº 44.220.101/0001-43 - Inscrição Estadual 182.010.405
em abril de 1987.

em 04 de 1987.
C.O. nº 44.550.701/0001-43 - Técnico Especial 195.010/405
Rua Emílio Faria, 152 - 08.800 - Atibaia - Estado de São Paulo
Composto e impresso pelo INSTITUTO DE CIBO E ESPÍRITA

